



**Fundação Universidade Federal de Rondônia**  
**Núcleo de Ciências Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em**  
**Letras**  
**Mestrado Acadêmico em Letras**



**MIRIÃ GIL DE LIMA COSTA**

**MAPEAMENTO DOS SINAIS DA COMUNIDADE SURDA DO POVO PAITER  
SURUÍ NO CONTEXTO FAMILIAR**

**PORTO VELHO/RO**  
**2017**

**MIRIÃ GIL DE LIMA COSTA**

**MAPEAMENTO DOS SINAIS DA COMUNIDADE SURDA DO POVO PAITER  
SURUÍ NO CONTEXTO FAMILIAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Linha de Pesquisa: Estudos de Cultura e diversidade cultural.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Gomes

PORTO VELHO/RO  
2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Fundação Universidade Federal de Rondônia  
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

---

C837m Costa, Miriã Gil de Lima.

Mapeamento dos sinais da comunidade surda do povo Paiter Suruí no contexto familiar / Miriã Gil de Lima Costa. -- Porto Velho, RO, 2017.

190 f. : il.

Orientador(a): Prof. Dr. João Carlos Gomes

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Cultura visual. 2.Sinais indígenas. 3.Surdos Paiter Suruí. I. Gomes, João Carlos. II. Título.

CDU 376.33(811.1)

---

MIRIÃ GIL DE LIMA COSTA

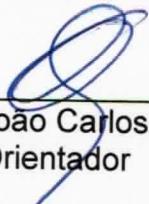
**MAPEAMENTO DOS SINAIS DA COMUNIDADE SURDA DO POVO PAITER  
SURUÍ NO CONTEXTO FAMILIAR**

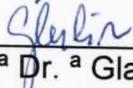
Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras. Linha de Pesquisa: Estudos de Cultura e diversidade cultural.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Gomes

Porto Velho, 06 de novembro de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. João Carlos Gomes  
Orientador

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª Gladis Perlin  
Membro Externo (UFSC)

\_\_\_\_\_  
Prof.ª Dr.ª Nair Ferreira Gurgel do Amaral  
Membro Interno

\_\_\_\_\_  
Prof.º Dr.º Miguel Nenevé (suplente)

"Recuso-me a ser considerada excepcional, deficiente. Não sou. Sou surda. Para mim, a língua de sinais corresponde à minha voz, meus olhos são meus ouvidos. Sinceramente nada me falta. É a sociedade que me torna excepcional..."

LABORRIT (1994)

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus pelo dom da vida, por me sustentar, me fortalecendo em cada instante deste mestrado, me possibilitando concretizar o um sonho.

A minha família, pois sem o apoio do meu querido esposo Elias Miguel e sem o amor e a compreensão dos nossos filhos, Gabriel e Rafael, a concretização desse sonho não seria possível, os quais, mesmo cobrando minha presença, entenderam a minha ausência.

Ao meu orientador, professor doutor João Carlos Gomes, por acreditar na possibilidade de realização deste trabalho e por me estimular em momentos de dificuldade. Obrigada pela paciência, carinho e principalmente pelos ensinamentos durante as orientações.

Ao meu primeiro aluno surdo, Jadilson Serafim, pois por ele fui buscar e aprender Libras, pelos desafios de tê-lo em minhas aulas. Muitas conquistas surgiram em minha vida devido ao fato de ter aprendido essa língua que tanto amo. Jadilson, você foi o marco mais importante na minha vida profissional. Obrigada por fazer parte desta realização e por mais essa conquista; mesmo que indiretamente, você contribuiu, e muito.

Aos colegas do Mestrado Acadêmico em Letras, turma 2015/2, com os quais dividi momentos de alegria, descontração, dificuldades que ocorreram durante as aulas e durante a convivência no sindicato. Sou grata em especial a minha querida amiga Luciana Coladine, que nos momentos mais difíceis não me deixou só, obrigada pela força amiga, e pela colaboração, foram momentos de risos e choros, mas você nunca me deixou só. A Rosiane Ribas, por me incentivar a realizar inscrição na seleção para o Mestrado em Letras, e a Eduardo Balbuena pela paciência, incentivo, apoio nos trabalhos e pelas caronas.

À Universidade Federal de Rondônia por ter oferecido o curso de Mestrado em Letras e me possibilitar esta qualificação. Agradeço também pela possibilidade de me dedicar exclusivamente aos estudos e desenvolvimento desta dissertação.

Aos queridos professores de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia, cujos debates e discussões, durante as aulas do mestrado, respaldaram minha prática e por fazerem parte do meu crescimento pessoal e acadêmico.

Ao Povo Paiter Suruí, em especial a Joaton Suruí, aos surdos Paiter Suruí, os quais colaboraram preciosamente para a realização deste trabalho, obrigada pela disponibilidade, gentileza, acolhimento, principalmente pela generosidade em participar desta pesquisa e compartilhar de sentimentos tão nobres.

A Vinicius Diniz Calauro, que muito contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa, obrigada pelos livros e dados que fazem parte deste estudo.

Ao professor Ivanor Luiz Guarniere, – UNIR – Vilhena, que sem medir esforços e de maneira gentil, cedeu livros em PDF que contribuíram para essa pesquisa.

E a todos que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização e concretização desta pesquisa.

E por fim, agradeço e dedico esta dissertação aos meus pais, Adão Gil Aliaga (*in memoriam*) e Analicia da Silva Lima, os quais foram meus primeiros educadores, que com amor, paciência e simplicidade me ensinaram a amar, respeitar, lutar, sonhar e não desistir.

## RESUMO

O presente estudo e pesquisa Mapeamento dos Sinais da Comunidade Surda do Povo Paiter Suruí no Contexto Familiar foi realizado com o objetivo de mapear os Sinais Paiter Suruí (SPS) utilizados nos processos de comunicação e expressão na aldeia indígena Gapgir, Linha 14, Terra Indígena Sete de Setembro, município de Cacoal, estado de Rondônia. Nesta perspectiva, buscou-se identificar as formas de comunicação e expressão de um grupo de surdos do Povo Paiter Suruí, registrando os sinais utilizados com base nos seguintes objetivos específicos: a) compreender como o surdo Paiter Suruí se relaciona e se comunica com sua família; b) descrever as estratégias utilizadas pela família para a comunicação com o filho surdo no ambiente familiar; c) registrar os sinais para identificação de gestos e ícones presentes nos sinais. A partir desses objetivos, o estudo busca identificar se os SPS têm influência da Língua Brasileira de Sinais (Libras), registrando quais são os elementos da cultura e identidade do Povo Paiter Suruí presentes na configuração dos sinais. A metodologia da pesquisa se sustenta nos pressupostos dos estudos pós-críticos das pesquisas na área da educação, de Paraíso (2014), de modo que podemos realizar estudos e pesquisas em pressupostos e premissas de autores das mais diversas áreas do saber acadêmico. Neste sentido, o presente estudo buscou constituir uma metodologia sustentada nos pressupostos teóricos de mapeamento (BIEMBENGUT, 2008) para identificação dos sinais com base em bacia semântica (GUARNIERI, 2014) e nos pressupostos da etnolinguística (LIMA BARRETO, 2010). Com base nesses pressupostos teóricos, os dados foram produzidos por meio da utilização de imagens que foram selecionadas a partir do olhar desta pesquisadora representando as categorias de bacias semânticas compostas por um léxico previamente definido. Os sinais foram registrados por meio das imagens na tentativa de identificar os sinais utilizados pelos surdos indígenas, considerando a cultura e identidade Paiter Suruí. Este estudo foi realizado com o intuito de contribuir para o desenvolvimento de futuras pesquisas e estudos voltados para as línguas de sinais em contextos indígenas do estado de Rondônia. Os resultados obtidos com a realização desta pesquisa demonstram que os surdos Paiter Suruí apresentam sinais próprios que diferem dos sinais da Língua Brasileira de Sinais, sinais esses que, em sua formação, apresentam características da cultura e da identidade do Povo Paiter Suruí, os quais são frutos da cultura visual. Os resultados desta pesquisa servirão para aprofundamento teórico linguístico, cultural e identitário no campo dos Estudos Surdos.

**Palavras-chave: Cultura visual, Sinais indígenas, Surdos Paiter Suruí.**

## ABSTRACT

This study and research, entitled "Signs Mapping of the Deaf Community of the Paiter Suruí in the Family Background", aimed at the mapping of the Paiter Suruí Signs (PSS) which are used in the communication and expression processes in Gapgir Indigenous Village, Line 14, Sete de Setembro Indigenous Land, in Cacoal, Rondônia. In this perspective, we aimed at identifying the forms of communication and expression of a group of Paiter Suruí Deaf people, recording the used signs based on the following specific objectives: a) understand how the Paiter Suruí deaf keeps a relation and communicates with his family; B) describe the strategies used by the family to communicate with the deaf child in the home environment; C) record the signs to identify the gestures and icons in the signs. From these objectives, this study aims to identify if the PSS have influence from the Brazilian Language of Signs (Libras), registering the elements of the culture and identity of the Paiter Suruí people present in the configuration of the signs. The methodology of this research is based on the assumptions of post-critical studies of researches in the education area, Paraíso (2014), what ensures that we can carry out studies and researches on assumptions and premises of authors from the most diverse areas of academic knowledge. Therefore, this study aimed to get a methodology based on the theoretical assumptions of mapping (BIEMBENGUT, 2008) to identify the signs based on semantic basin (GUARNIERI, 2014) and on the assumptions of ethnolinguistics (LIMA BARRETO, 2010). Based on these theoretical assumptions, the data were produced through the use of images, the chias were selected from the perspective of this researcher, trying to represent the categories of semantic basins composed by a previously defined lexicon. The signs were recorded through images in an attempt to identify the signs used by the indigenous deaf people, considering the culture and identity of Paiter Suruí. This study was carried out with the aim of contributing to the development of future research and studies focused on sign languages in indigenous backgrounds in the state of Rondônia. The results obtained with this research demonstrate that the Paiter Suruí deaf people have their own signs, which differ from the signs of the Libras. The indigenous signs present in their formation characteristics of the culture and identity of the Paiter Suruí people, which are the fruit of the visual culture. The results of this research will be useful for linguistic theoretical, cultural and identity deepening, in the field of Deaf Studies.

**Keywords: Visual culture, Indigenous signs, Paiter Suruí deaf people.**

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1:** Terra Indígena Sete de Setembro ou Paiterey Garah e da aldeia Gapgir

**Figura 2:** Família

**Figura 3:** Casa

**Figura 4:** Meah

**Figura 5:** Banheiro

**Figura 6:** Cozinha

**Figura 7:** Sala

**Figura 8:** Fogão

**Figura 9:** Televisão

**Figura 10:** Ventilador

**Figura 11:** Prato

**Figura 12:** Panela de alumínio

**Figura 13:** Panela de cerâmica

**Figura 14:** Amassando o barro

**Figura 15:** Moldando a panela

**Figura 16:** Cesto

**Figura 17:** Adô 1

**Figura 18:** Adô 2

**Figura 20:** Tucumã

**Figura 21:** Confeção do Anel

**Figura 22:** Espaço de sinalização

**Figura 23:** Brinco

**Figura 24:** Colar

**Figura 25:** Cocar

**Figura 26:** Anel

**Figura 27:** Coquinho de tucumã

**Figura 28:** Pulseira

**Figura 29:** Mandioca

**Figura 30:** Cará

**Figura 31:** Batata-doce

## **LISTA DE QUADROS**

**Quadro 1:** População indígena do Povo Paiter Suruí em Cacoal

**Quadro 2:** Perfil das famílias participantes

**Quadro 3:** Perfil dos surdos Paiter Suruí

**Quadro 4:** Composição da bacia semântica

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

**AEE** - Atendimento Educacional Especializado

**CBDS** – Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos

**CRE** – Coordenadoria Regional de Educação em Cacoal

**FENEIS** – Federação Nacional de Educação de Surdos

**FUNAI** – Fundação Nacional do Índio

**FUNASA** – Fundação Nacional de Saúde

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**INCRA** – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

**LIBRAS** – Língua Brasileira de Sinais

**LS** – Língua de Sinais

**MEC** – Ministério da Educação

**NCPC** – Núcleo de Coordenação e Promoção da Cidadania

**NPSD** – Núcleo de Promoção dos Direitos Sociais

**PCFS** – Projeto de Carbono Florestal Suruí

**PIC** – Projetos Integrados de Colonização

**PIN** – Programa de Integração Nacional

**SEDUC** – Secretária de Estado da Educação

**SPS** – Sinais Paiter Suruí

**UFSC** – Universidade Federal de Santa Catarina

**UNESC** – União das Escolas superiores de Cacoal

**UNIR** – Universidade Federal de Rondônia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1- A TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA.....</b>	<b>17</b>
1.1 FILHA DE RONDÔNIA.....	17
1.2 TEMPOS DE VIDA ESCOLAR.....	22
1.3 EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS .....	23
1.4 MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS .....	29
1.5 A BUSCA PELO MESTRADO.....	32
1.6 O MEU CONTATO COM O POVO PAITER SURUÍ .....	34
<b>2 – METODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>37</b>
2.1 CAMINHOS PERCORRIDOS .....	37
2.2 PREMISSAS E PRESSUPOSTOS DA METODOLOGIA PÓS-CRÍTICA.....	38
2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA .....	41
2.4 SUJEITOS DA PESQUISA .....	43
2.5 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	44
2.6 RELEVÂNCIA DO ESTUDO .....	44
2.7 A PRODUÇÃO DE DADOS .....	45
2.8 ANÁLISE DOS DADOS PRODUZIDOS.....	47
<b>3 - CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA DE SINAIS .....</b>	<b>51</b>
3.1.CULTURA .....	51
3.1.2 Cultura surda: uma cultura visual.....	56
3.2 LINGUAGEM E IDENTIDADE CULTURAL.....	65
3.4 IDENTIDADE E CULTURA .....	67
3.4.1. Identidade .....	67
3.4.2 Identidade surda .....	68
3.5 A LÍNGUA DE SINAIS INDÍGENA .....	72
<b>4 - O POVO PAITER SURUÍ: HISTÓRIA E MEMÓRIA.....</b>	<b>77</b>
4.1 O PERCURSO HISTÓRICO DO POVO PAITER SURUÍ .....	77
4.1.1 O Povo Paiter Suruí e o processo de colonização do estado de Rondônia .....	79
4.2 HIBRIDISMO CULTURAL E O POVO PAITER SURUÍ .....	85

<b>5 – RESULTADOS DA PESQUISA</b> .....	<b>90</b>
5.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	90
5.2 TRAJETOS E PROCEDIMENTOS DOS DADOS PRODUZIDOS .....	92
5.3 FAMÍLIA PAITER SURUÍ E SURDEZ, OS DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO.	99
5.3.1 A comunicação dos surdos no contexto familiar .....	101
5.3.2 Dificuldades percebidas pela família no processo de comunicação dos surdos Paiter.....	103
5.3.3 O descobrimento da surdez dos filhos.....	104
5.3.4 Os sonhos dos pais para o futuro dos filhos .....	106
5.4 OS SINAIS PAITER SURUÍ E A SUA CONSTITUIÇÃO .....	107
5.4.1 Bacia semântica do contexto familiar e suas categorias.....	112
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>162</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>169</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>177</b>
<b>APÊNDICE A: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA</b> .....	<b>178</b>
<b>APÊNDICE B: TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO</b> .....	<b>179</b>
<b>APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	<b>180</b>
<b>APÊNDICE D: TERMO DE ASSENTIMENTO</b> .....	<b>181</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>183</b>
<b>ANEXO A: MEUS PAIS EM VIAGEM DE MUDANÇA DO PARANÁ PARA RONDÔNIA (1975)</b> .....	<b>184</b>
<b>ANEXO B: BR 364 EM CACOAL 1990</b> .....	<b>184</b>
<b>ANEXO C: MUNICÍPIO DE CACOAL (RO) 1990</b> .....	<b>185</b>
<b>ANEXO D: PRÓXIMO AO MUNICÍPIO DE PIMENTA BUENO EM FEV/1975</b> ....	<b>185</b>
<b>ANEXO E: CAÇADA EM CACOAL 1977</b> .....	<b>186</b>
<b>ANEXO F: ACESSO AO MUNICÍPIO DE CACOAL 1975 – BR 364</b> .....	<b>186</b>
<b>ANEXO G: ATOLEIRO NA BR 364 NAS PROXIMIDADES DE VILHENA (1975)</b> .....	<b>187</b>
<b>ANEXO H: PAITER SURUÍ NO MUNICÍPIO DE CACOAL (1975)</b> .....	<b>187</b>
<b>ANEXO I: PESQUISADORAS NA ALDEIA GAPGIR</b> .....	<b>188</b>

## INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, nota-se a necessidade de debater os aspectos culturais e de surdez relacionados aos povos indígenas<sup>1</sup>, pois um crescente número de surdos vem surgindo em diversas aldeias em várias partes do país.

A população indígena no Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), ultrapassa 817 mil pessoas autodeclaradas como tais. Em Cacoal (RO), a população do Povo Paiter Suruí, de acordo com dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 2015 - Coordenadoria de Cacoal), era de 1.469 pessoas que se declaram indígenas, residentes nas áreas rural e urbana, os quais estão distribuídos em 26 aldeias.

O censo do IBGE (2010), aponta que o Brasil tem 45.623.910 pessoas com algum tipo de deficiência, o que representa 23,92% da população; dessas, cerca de 9,7 milhões de pessoas se autodeclaram surdas<sup>2</sup>, o que equivale a 5,1% da população brasileira (aproximadamente 2,1 milhões de pessoas). Na região Norte, 1,9% da população se declarou com alguma deficiência, cerca de 345.311 mil pessoas. Em Rondônia, de acordo com o censo, são cerca de 13.480 pessoas com surdez.

Não foi possível constatar nos dados do IBGE o número de indígenas surdos, mas, de acordo com a Coordenadoria Regional de Educação (CRE) em Cacoal, atualmente, estão matriculados nove indígenas surdos na rede estadual de ensino, sendo sete na aldeia Gapgir (os outros dois são moradores da aldeia Amaral, localizada na Linha 11, também no município de Cacoal). Os surdos indígenas têm faixa etária entre 6 e 18 anos.

Ao olharmos para a trajetória histórica dos surdos, vemos um percurso marcado por lutas e conquistas, antes foram considerados castigo divino, relegados, sacrificados, discriminados, excluídos e tiveram sua comunicação por meio dos sinais proibida por mais de cem anos. A língua de sinais foi a maior conquista para os surdos, pela qual passaram a buscar o reconhecimento cultural com o direito à

---

<sup>1</sup> Nesta dissertação é utilizado o termo indígena em respeito à cultura do povo indígena por entendê-las como múltiplas, pois ao dizer “índio” estaria se reduzindo as culturas indígenas a um bloco único, uma visão estereotipada dos povos indígenas, os quais são caracterizados pela diversidade de suas culturas. Cada grupo étnico possui características específicas e vive de acordo com as mudanças propostas pela sociedade.

<sup>2</sup> Embora publicações oficiais sempre se refiram à surdez como uma deficiência, nesta pesquisa trataremos a surdez como diferença e não como deficiência. Segundo McLaren (1995) *apud* Skliar (2013, p. 13), “...a surdez é uma diferença ... uma construção histórica e social...”.

diferença. Incluem-se, assim, os indígenas surdos, pois os indígenas ouvintes buscam o reconhecimento dos direitos linguísticos.

Ao abordar sobre cultura surda, é importante salientar que a língua de sinais é um aspecto fundamental e uma das principais marcas de identidade e cultura dos surdos. Os surdos sem contato com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e sem convívio constante com a comunidade surda sinalizante da Libras buscam entender o mundo a partir de suas experiências visuais, criando sinais e apontando buscando uma forma de comunicação.

Vilhalva (2012), em suas pesquisas sobre as línguas de sinais indígenas, assegura a existência de uma língua de sinais emergente em Mato Grosso do Sul. Segundo a autora, na maioria desses sinais prevalece a cultura indígena local. Vilhalva enfatiza que: “[...] os sinais emergentes também são considerados como sinais caseiros, são essenciais quando vistos como comunicação natural usada em um espaço familiar ou social [...]”.

Com base nesses pressupostos, surgiu a necessidade de realizar a pesquisa intitulada “Mapeamento dos sinais da comunidade surda do Povo Paiter Suruí no contexto familiar”, voltada especificamente aos indígenas surdos da Aldeia Gapgir na Linha 14, Terra Indígena Sete de Setembro, no município de Cacoal, estado de Rondônia.

Esta pesquisa tem algumas questões motivadoras: 1) Como o surdo Paiter Suruí se relaciona e se comunica com sua família?; 2) Se há uma comunicação entre os surdos indígenas e suas famílias, quais são as estratégias utilizadas pelas famílias nesse processo?; 3) Quais são as marcas da identidade cultural Paiter Suruí presentes nos sinais realizados pelos surdos Paiter, objetivando a comunicação no contexto familiar?

Destacando-se por sua relevância, originalidade e por ser de caráter inédito em Rondônia, esta dissertação objetiva verificar como acontece a comunicação entre os surdos indígenas e suas famílias, registrando os sinais da bacia semântica<sup>3</sup>, do contexto familiar, subdivida em categorias, que foram previamente organizadas para esta pesquisa, e identificação da cultura e a

---

<sup>3</sup> De acordo com Durand *apud* Guarnieri (2014), a bacia semântica (que será tratada mais à frente), é o conjunto de ideias e significados de uma dada sociedade, de modos de ver o mundo, o meio em que vive; de onde as pessoas retiram informações, faz parte da bacia semântica, os significados e sentidos atribuídos ao mundo, criar e construir novos significados, ela é sempre alimentada por imagens.

identidade Paiter Suruí na configuração dos sinais por meio dos ícones presentes nos sinais identificados.

Campello (2008) afirma que a visualidade para o surdo é indispensável para o seu desenvolvimento. Entende-se que a experiência visual presente no modo do surdo olhar o mundo, de entendê-lo e modificá-lo, é um dos principais artefatos da cultura surda e por meio da qual o surdo compartilha valores, comportamento, língua, entre outros. É pelas experiências visuais que o surdo constrói sua identidade e tem o sentimento de pertencimento a uma cultura. A construção da identidade ocorre pela interação do surdo com outros surdos da comunidade surda.

A presente pesquisa tem como pressupostos teóricos os estudos de Mindlin (1985), Skliar (2013), Strobel (2008), Perlin (1998-2003), Sá (2010), Vilhalva (2012), Campello (2008), Hall (2014), Bauman (2013) e muitos outros que para ela contribuíram ricamente com suas ideias e posições.

Na primeira seção, apresenta-se um pouco da trajetória história desta pesquisadora, com destaque para a vida profissional como educadora. O desejo de realizar esse trabalho está ligado diretamente à vida profissional e experiências da pesquisadora, que, movida pela inquietação em querer aprender a língua de sinais, buscou incessantemente tal conhecimento. Esta seção trata de fatos da vida da pesquisadora desde a mais tenra idade até os desafios vividos com a comunidade surda e a realização desta pesquisa.

A segunda seção aborda questões metodológicas, expondo os caminhos percorridos para a realização da pesquisa, apresentando a descrição das etapas para a realização dessa busca. Eleita para a realização deste estudo, a metodologia pós-crítica não tem um método fixo para realizar a pesquisa. Na metodologia pós-crítica, os objetivos são traçados, elaboradas as interrogações, os procedimentos são estabelecidos, conceitos e teorias são conectados.

Na terceira seção também são abordados os conceitos de cultura e identidade, vistos a partir da perspectiva dos Estudos Culturais que entendem a identidade não como algo fixo e sim móvel, podendo ser redirecionada, formando-se, a partir do estabelecimento de relações com o outro, a constituição de um sujeito híbrido que não tem uma, mas várias identidades.

Nessa seção também são apresentados estudos das línguas de sinais indígenas que vêm sendo desenvolvidos em outros estados do Brasil, os quais serviram para inspirar e impulsionar o desejo por este estudo. Atualmente, existem

poucas pesquisas no Brasil com o objetivo de mapear as línguas de sinais indígenas de comunidades afastadas dos centros urbanos. Os sinais indígenas merecem atenção especial, pois apresentam riqueza cultural imensa, representando os povos indígenas independentemente da etnia.

A quarta seção narra sobre o percurso histórico do Povo Paiter Suruí, destacando a luta pela sobrevivência na época em que vieram para o atual estado de Rondônia. Os Suruí de Rondônia se autodenominam Paiter, que significa “gente de verdade, nós mesmos”, os que surgiram primeiro no mundo, um povo de raiz. Vivem numa região fronteira, ao norte de Cacoal, que se estende até o município de Aripuanã - MT. São falantes da Língua Tupi-Mondé como primeira língua, a qual pertence ao tronco Tupi e à família linguística Mondé.

Na quinta seção, são apresentados os resultados da pesquisa, abordando os medos e desafios enfrentados pelas famílias Paiter Suruí na comunicação com seus filhos surdos em seu cotidiano familiar, ressaltando a visão que as famílias têm sobre surdez, as causas e consequências que essa limitação sensorial trouxe para as famílias Paiter. A constituição dos Sinais Paiter Suruí (SPS), a influência de Libras, da cultura visual e os ícones presentes na formação nos sinais indígenas são enfatizados nessa seção.

Observar os surdos a partir das diferenças nos permite vê-los como possuidores de identidade cultural, de modo que as identidades são elaboradas e reelaboradas por meio das diferenças, nos afastando da ideia do ser surdo como alguém com um corpo danificado e deficiente e nos dando a oportunidade de vê-los como possuidores de uma cultura pautada pelas experiências visuais.

As Considerações Finais são feitas não com o objetivo de pôr um ponto final no assunto e sim para ressaltar a importância da discussão em prol do assunto aqui apresentado. Ressalta-se a importância da valorização desses sinais, pois há uma riqueza cultural presente na constituição dos SPS, a qual representa a cultura do Povo Paiter Suruí.

Diante disso, externo meu convite para caminhar comigo e conhecer alguns Sinais Paiter Suruí e as marcas da cultura desse Povo presentes na formação desses sinais.

## SEÇÃO I – A TRAJETÓRIA DA PESQUISADORA<sup>4</sup>

"Sou péssimo para falar de mim mesmo. Só sei que não cheguei aqui sozinho, mas com o apoio da minha família, do meu povo"

Almir Suruí

Nessa seção será abordada a trajetória dessa pesquisadora, contando os desafios desde o meu nascimento até a conquista desse mestrado, onde trago relatos das minhas experiências profissionais na educação de surdos. Os desafios foram superados, muito aprendizado essas experiências me proporcionaram. Entre erros e acertos, dediquei e dedico boa parte da vida profissional ao aprendizado da Libras e a educação de surdos.

### 1.1 FILHA DE RONDÔNIA

Nasci no município de Cacoal (RO), localizado a 481 km da capital, Porto Velho, situado na região Norte. A história do estado em questão iniciou com a chegada da linha telegráfica trazida pelo marechal Cândido Mariano da Silva Rondon. De acordo com o site da Wikipédia, a população de Cacoal é a quinta maior do estado, que de acordo com dados do IBGE em 2014 era de 80.556 habitantes. O município é movido especialmente pelas indústrias do setor madeireiro, agropecuário e pelo comércio, tem uma economia em plena expansão.

Rondônia sempre foi a minha casa, sou filha dos pioneiros desta terra Adão Gil Aliaga (*in memoriam*) e Analicia da Silva Lima. Meu pai nasceu em Ibitinga - SP, conhecida como a Capital do Bordado. No ano de 1965, mudou-se com sua família para Iporã (PR). Ele pouco estudou, teve uma vida regrada, trabalhou na roça desde a infância, na lavoura de café. Minha mãe nasceu em Francisco Sá - MG e em 1971 foi residir também em Iporã. Ela também teve uma vida cheia de privações, estudou até a 4ª série primária, pois precisava ajudar a família no trabalho doméstico e cuidar dos irmãos mais novos para que os pais dela (meus avós) pudessem trabalhar.

Em fevereiro do ano de 1973, meus pais se conheceram e iniciaram o namoro, cheio de limitações, nessa época os namoros duravam pouco tempo, logo

---

<sup>4</sup> A Seção I desta pesquisa é escrita na primeira pessoa do singular, pois a mesma relata a história de vida e as experiências profissionais da pesquisadora.

tinham que se casar. Naquele mesmo ano, em dezembro, uniram-se em matrimônio e constituíram uma nova família. No ano de 1975, aproximadamente no mês de fevereiro, meu pai, um sonhador, louco por lavoura, veio para a atual Rondônia em busca de concretizar seu sonho, possuir um pedaço de terra.

Ele relatava que Cacoal ainda era uma pequena vila, carente de recursos, área de muitos conflitos, tanto agrários quanto indígenas, havia muitas disputas de terra. Meu pai relatava que nessa época conheceu o Povo Paiter Suruí, cujos integrantes andavam livremente pela pequena vila, vestidos de poucas roupas. Mesmo assim, diante desse cenário de muitas dificuldades, ele retornou ao Paraná e junto com minha mãe decidiu vir para Rondônia.

Eu os considero vencedores, pois vieram em julho de 1975 para Rondônia, nessa época ainda Território Federal de Rondônia, em busca do sonho de ter uma terra. O atual estado de Rondônia era conhecido como o “Eldorado brasileiro”, o sonho de uma independência financeira e o desejo de possuir um pedaço de terra para o cultivo foram os motivos que os impulsionaram e os trouxeram para cá.

As dificuldades foram inúmeras, a viagem que os trouxe de Iporã para a tão almejada Rondônia demorou mais de quinze dias, pois muitos bancos de areia na BR 364 dificultavam a chegada dos sonhadores ao seu destino final.

Assim inicia-se a minha história de vida, com a chegada dos meus pais ao ex-Território Federal de Rondônia. Minha mãe já veio grávida de mim, com cinco meses junto com meu pai e a família dele, todos num pau de arara<sup>5</sup>, muito sofrimento dificultou a vinda deles para este estado, pois vieram de caminhão, sem conforto algum, não havia muitas cidades no atual estado de Mato Grosso. O asfalto era só até Cuiabá, não havia banheiro para as necessidades e nem para banho, os desbravadores usavam o mato para as necessidades fisiológicas e os rios para banhos, lavar as roupas e louças usadas na viagem e coletar água para beber. A comida era feita por eles, pois não havia restaurantes às margens da BR 364, dormiam no chão, embaixo do caminhão que os traziam, enfrentando o frio e o risco de serem atacados por bichos selvagens. As estradas eram de chão, muita areia,

---

<sup>5</sup> Pau de arara (antes de 1990: pau de arara) é o nome dado a um meio de transporte irregular, e ainda utilizado no Nordeste do Brasil. Consiste em se adaptar nos caminhões para o transporte de passageiros, constituindo-se em substituto improvisado para os ônibus convencionais. Usa-se também para vender frutas. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau\\_de\\_arara\\_\(transporte\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_de_arara_(transporte)). Acesso em 29/11/16.

que por muitas vezes prendia o carro, numa espécie de atolamento a seco, mas o desejo de uma vida promissora lhes dava forças.

Nasci em Cacoal, na época era denominada Vila Cacoal, comarca de Ji-Paraná, que somente foi elevada a município em 26 de novembro de 1977. Minha mãe conta que em Cacoal não havia recursos, apenas um pequeno hospital, ainda presente em nosso município nos dias atuais, sem nenhuma estrutura, sem energia elétrica, sem enfermeiros, não havia centro cirúrgico, até os medicamentos eram raros, e essa situação trazia risco de vida. Minha mãe conta que, quando iniciou as dores do parto, foi para o hospital, para que eu nascesse de parto normal, pois uma cesariana era cara e meus pais não tinham muitos recursos para arcar com as despesas. Horas se passaram e nada, eu não nascia de parto normal, tentaram o parto com a utilização do fórceps<sup>6</sup>, mesmo assim não foi possível o meu nascimento, meu pai estava em desespero, não tinha dinheiro para uma cesárea, mas saiu da maternidade disposto a vender qualquer coisa para fazer o parto, ele em seu desespero vendeu uma máquina de passar veneno, assim conseguiu o dinheiro para dar de entrada e iniciarem o parto cesariana. À luz de motor gerador, nasci, quase sem vida, roxa e com a cabeça bem ferida devido à utilização do fórceps. Minha mãe teve problemas com o parto, não ocorreu a cicatrização por mais de um ano, ela teve que ir ao Paraná para se tratar.

Meus pais relataram que minha infância foi uma fase bastante difícil, pois essa nova terra não oferecia recursos na área da saúde, educação e muito menos lazer. Minha mãe relata que não tinha roupas para recém-nascidos, minha banheira era uma bacia de lavar louças, pois pia não existia, havia pequenos comércios na vila, uma pequena loja que vendia tecidos para a confecção de roupas, uma pequena venda onde se vendiam secos e molhados, uma pequena farmácia com pouquíssimos medicamentos. O ex-Território Federal de Rondônia era um lugar com muitos casos de malária, invasões e disputa por terras, havia posseiros<sup>7</sup>, grileiros<sup>8</sup> e

---

<sup>6</sup> Criado no século XIX, o fórceps é instrumento semelhante a uma tenaz. É utilizado na medicina obstetrícia para auxiliar a retirada de um feto por alguma razão em que a contração natural não é suficiente para o parto ou possa colocar em risco a vida da gestante e/ou do feto. Geralmente é usado quando o bebê é muito grande ou em casos de parto de risco. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%B3rceps>. Acesso em 23/06/17.

<sup>7</sup> Posseiros são trabalhadores rurais que ocupam um pedaço de terra sem possuir o título de propriedade, onde passam a praticar uma agricultura de subsistência utilizando o trabalho da própria família. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Posseiro>. Acesso em: 29/11/16.

<sup>8</sup> Os grileiros são, geralmente, grandes empresas ou fazendeiros que se utilizam da força e da violência para se apropriar de terras devolutas ou terras trabalhadas por posseiros. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Posseiro>. Acesso em: 29/11/16.

os jagunços<sup>9</sup> que eram contratados por grandes fazendeiros para defender suas fazendas.

De acordo com Álvares-Afonso (2008), a ocupação demográfica de Rondônia iniciou com a ação da colonizadora privada conhecida por “Calama”, com sede em Ji-Paraná, denominada na época de “Vila Rondônia”, considerada ponto inicial para o governo federal, que na sequência implantou os Projetos Integrados de Colonização (PIC). Tais projetos foram criados a partir de 1970 e eram dirigidos à reforma agrária, que foi um dos componentes de aceleração para a ocupação dos vazios demográficos e do desmatamento, comprometendo o ambiente amazônico. O autor relata que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) colocou à disposição 18.737.000 hectares de terras, correspondente a 187.370 km<sup>2</sup>, onde foram assentadas 105.525 famílias, correspondente a 527.625 habitantes, das quais no estado de Rondônia foram assentadas 56.702 famílias. A quantidade de terras destinadas à distribuição em Rondônia foi de 5.041.811 hectares, que resultou numa área de aproximadamente 100 hectares para cada família, ocorrendo variações.

O INCRA fez distribuição de terras e meus pais ganharam um “pedaço de terra”, um lote como era denominado na época, com 42 alqueires paulistas<sup>10</sup>, mas longe de tudo e de todos, mesmo assim reuniram forças e construíram um barraco de pau a pique<sup>11</sup>, e fomos residir nesse lote. Enfrentamos muitas adversidades ali, tais como a convivência com insetos, animais selvagens como cobras venenosas, onças, veados, pacas, cutias, também enfrentamos inúmeras dificuldades, muitas

---

<sup>9</sup> O termo "jagunço" sofreu algumas adequações: jagunço como assassino. Capanga. Esse indivíduo arredo, pela sua simplicidade e falta de compromissos com a sociedade, tornou-se presa fácil dos coronéis e governantes regionais para execução de crimes (ameaças, vinganças, desapropriações) por pequenas quantidades de dinheiro. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jagun%C3%A7o>. Acesso em 29/11/16.

<sup>10</sup> O chamado alqueire paulista equivale a 24.200 metros quadrados, ou 2,42 hectares, para usar a medida agrária mais comum, o hectare (ha). Disponível em: <https://www.significados.com.br/alqueire/>. Acessado em 23/06/17.

<sup>11</sup> Pau a pique, também conhecida como taipa de mão, taipa de sopapo ou taipa de sebe, é uma técnica construtiva antiga que consiste no entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo, com vigas horizontais, geralmente de bambu, amarradas entre si por cipós, dando origem a um grande painel perfurado que, após ter os vãos preenchidos com barro, transformava-se em parede. Podia receber acabamento alisado ou não, permanecendo rústica, ou ainda receber pintura de caiação.

Foi utilizado no repertório das construções dos séculos XVIII e XIX, período colonial do Brasil, sobretudo nas paredes internas de tais edificações. Das técnicas em arquitetura de terra é a mais utilizada, principalmente por dispensar materiais importados. Note-se que seu uso ocorria em sua maioria, na zona rural. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau\\_a\\_pique](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pau_a_pique). Acessado em 23/06/17

vezes o alimento era composto de carne de alguns dos animais selvagens citados e mais arroz, milho e café, por exemplo, que eram socados no pilão para serem consumidos.

O isolamento era outro fator que pesava, pois viviam em plena selva amazônica, a aproximadamente 45 km da Vila Cacoal. A vizinhança era rara e o acesso à zona urbana era muito difícil, pois não havia transporte, e o mesmo só era possível de ser realizado através de longas caminhadas em meio à floresta, as quais duravam em média de três a quatro dias. Já os que se aventuravam em ir até à cidade, durante o trajeto tinham que dormir em casas de pessoas desconhecidas (os colonos) ou até mesmo em meio à mata, em redes. Havia muitos rios, os quais não tinham pontes, muitos eram atravessados por meio de balsas ou mesmo nadando.

Alguns anos depois, meu pai vendeu o lote rural que tinha ganhado do INCRA e adquiriu uma chácara<sup>12</sup> mais próxima da cidade, onde hoje é parte dos bairros Jardim Saúde e Village do Sol I. A atitude dele de vender o lote foi no intuito de oferecer uma melhor condição de vida à família, pois eu e meus dois irmãos precisávamos estudar, a vida naquele lugar isolado não era fácil.

Moramos nessa primeira chácara por pouco tempo e lá meu pai plantava verduras como alface, rúcula, almeirão, cheiro verde, dentre outras, e vendia de porta em porta nas casas da cidade. Primeiramente carregava suas produções em um balaio nas costas, depois numa bicicleta, mais tarde comprou um carrinho de burro para otimizar o transporte.

Quando eu tinha 5 anos, meu pai vendeu essa primeira chácara, pois já estava dentro da área urbana, e adquiriu outra na zona rural de Cacoal, à qual chamou de “Chácara Triângulo” e que está localizada na atual Rodovia do Café, onde moramos até hoje. Antes era uma chácara na zona rural, com o progresso atualmente moramos na zona urbana sem termos mudado de lugar. Foi nessa chácara que meu pai conseguiu uma vida mais equilibrada financeiramente, construiu uma casa de madeira, comprou seu primeiro carro, pois a chácara era maior, ele podia plantar mais verduras como tomate, pepino, pimentão, jiló, milho verde e outros, e assim foi conquistando sua estabilidade, sempre vendia seus produtos nas feiras locais e nos supermercados da cidade. Nos ensinou, a mim e a

---

<sup>12</sup> Chácara é, no Brasil, uma pequena propriedade rural com casa de moradia, criação de animais e cultivo de frutas e legumes para venda. Em tempos mais recentes, as chácaras tornaram-se, também, uma propriedade destinada a recreação e lazer durante fins de semana. Disponível em: <http://dicionariportugues.org/pt/chacara>. Acessado em 07/09/17.

meus irmãos a trabalhar, mas jamais aceitou que deixássemos a escola. Atualmente, estamos cercados por novos bairros como: Vale Verde, Residencial Vila Flora, Teixeirão, Alfa Vile, Alfa Parque, Paineiras, Ouro Verde e São Marcos. E, mesmo com a morte do meu pai, no ano de 2014, motivada por um câncer, parte da minha família ainda mantém a tradição do cultivo de verduras e hortaliças.

## 1.2 TEMPOS DE VIDA ESCOLAR

Ainda uma menina com 7 anos de idade, morava com meus pais na “Chácara Triângulo”. Foi nesse período que meus pais me encaminharam para aprender as primeiras letras na Escola Estadual Bernardo Guimarães, onde cursei da primeira à oitava série (nomenclatura utilizada na época). Eu residia com meus pais na zona rural e estudava na cidade, o trajeto era longo, o acesso era difícil, dependia de carona para chegar à escola, mas na maioria das vezes eu ia e voltava a pé; mais tarde, ganhei uma bicicleta. O clima também não contribuía, pois ou era chuva acompanhada de muito barro ou era seca com muita poeira.

A educação da época era bem tradicional, os professores tinham pouca formação, pois não se exigia ser licenciado, ter especialização, mestrado ou outro tipo de formação. Lembro-me que eu era uma garota muito tímida, sempre de pouca participação nas aulas, nunca gostei de me expor, até hoje sinto dificuldade para falar em público. Mas, recordo de um fato que infelizmente marcou minha vida de forma negativa. Por morar na zona rural, não tive a oportunidade de frequentar a pré-escola, como era chamada a educação infantil da época, assim, fui matriculada na primeira série sem saber ler e, por isso, em uma das aulas, após a professora ter solicitado para eu ler e por eu não conseguir, fui castigada, tive que ficar o restante da aula em pé, atrás da porta. Me senti muito humilhada, ridicularizada. Senti vontade de nunca mais ir à escola.

A escola era distante, muitas vezes eu ia a pé, de bicicleta ou carona com um vizinho. A escola era bem deteriorada, havia poucos professores, muitas greves afetavam o ano letivo, vivi momentos em que os alunos faziam doações para que os professores tivessem alimento em suas casas, pois ficavam meses sem receber salário. Também, na minha fase escolar do ensino básico, muitas vezes não tínhamos merenda, inúmeras vezes faziam uma espécie de mutirão em que cada turma era escalada para levar algo, numa semana a minha turma levava batata, na

outra, cebola, também levávamos cheiro verde, tomate, macarrão, arroz, entre outros. Meu pai, sempre que podia, fazia doações de verduras. Foram tempos difíceis e de descaso dos políticos, posso assim dizer que nós aqui do estado de Rondônia vivíamos abandonados, relegados à própria sorte. E afirmo que em pleno século XXI ainda vivemos abandonados no setor educacional, com falta de professores e de estrutura para trabalhar. Como podemos ter uma educação de qualidade? Olhando para tudo que vivi, me considero vencedora, pois ser filha de Rondônia não foi fácil.

Meu desejo de estudar era muito grande, muitos colegas de escola da época desistiram devido às adversidades, inclusive meus irmãos e primos, que cursaram no máximo o ensino médio. Considero que fui uma vencedora por chegar até aqui, meu pai sempre me incentivou e o maior orgulho dele era ter uma filha professora. Confesso que essa não era minha vontade, foi por falta de opção; mais tarde me graduei em Letras.

Mesmo sendo agricultores se e sem muito estudo, meus pais, com muitas dificuldades, pagaram minha graduação, que cursei entre os anos de 1995 e 1998, aqui mesmo em Cacoal.

### 1.3 EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Em 1995, por incentivo dos meus pais, fiz minha inscrição no vestibular de Letras, no qual fui aprovada. Confesso que o fato de fazer uma graduação em Letras não me agradava muito, mas também não sabia o que queria cursar, não tinha nenhuma perspectiva relacionada a formação profissional. Em Cacoal não havia muitas opções de curso, apenas quatro, e para não ficar sem estudar optei por Letras. Eu não queria, de forma alguma, ser professora, tanto que no ensino médio não quis cursar o magistério, optei pelo colegial.

Trabalhei no comércio para contribuir com o pagamento das mensalidades, então percebi o quanto era difícil trabalhar naquele ramo, sem carteira assinada, nem férias e o 13º salário era pago quando o patrão achava conveniente.

Minha atenção foi despertada para assumir o papel de educadora em 1999 quando tive a oportunidade de conseguir um contrato para atuar como professora temporária (emergencial) pela Secretaria de Estado de Educação

(SEDUC). Mesmo sendo em Rondônia, era em outro município, longe de casa, da comodidade, mas encarei o desafio. O salário não era tão chamativo assim, mas tinha garantido o direito de férias, 13º salário, horário de trabalho, hora para entrar e sair do trabalho. Confesso que foram essas coisas que me chamaram a atenção, pois enfrentar uma sala com 40 alunos, ter os fins de semana comprometidos com provas e muitos trabalhos para serem corrigidos eram coisas que não me atraíam.

No ano de 2001, fiz o concurso para professora de Língua Portuguesa, fui aprovada, para o município de Ministro Andreazza, em alguns meses tomei posse como professora do estado de Rondônia, mas fui convocada para trabalhar no município de Cacoal.

Ao assumir minha vaga, fui enviada para trabalhar no Riozinho, um distrito de Cacoal que fica a 12 km da sede do município. Confesso que essa foi a fase mais difícil da minha vida profissional, não pelo trabalho em si, embora tivesse nove disciplinas diferentes, que eu nunca tinha ministrado, mas pelo fato de trabalhar longe de casa, nessa época tinha um filho recém-nascido, com quarenta dias de vida, e eu não tinha escolha: tomava posse ou perdia o concurso. Por ser longe e de acesso difícil, eu permanecia na escola até 12 horas sem ir a minha casa, sofremos muito, eu e meu filho, ele teve intolerância a lactose, muitas infecções na garganta e também infecção intestinal. Como eu sofri por não estar perto dele quando mais precisava, era apenas um bebê indefeso. Tudo isso nos trouxe muito sofrimento, mas por ele consegui superar essa fase de minha vida; busquei remoção para uma escola mais próxima.

Em 2002, fui removida da escola, fui trabalhar mais perto de casa, mas os desafios continuaram, pois fui para lecionar a disciplina de inglês, eram muitas turmas, 32 horas semanais. Permaneci nessa escola por quase 12 anos, foi onde tive o meu primeiro contato com aluno surdo.

Em 2003, assumi algumas turmas de Língua Portuguesa e outras de inglês. Nesse mesmo ano – lembro-me como se fosse hoje –, numa tarde ensolarada, sol escaldante, um ventilador em sala, eu grávida do meu segundo filho, uma turma de quinta série, turma C, mais de 40 alunos, sem paciência alguma, entro em sala para ministrar aula de inglês, mas já havia aproximadamente uns trinta dias que o ano letivo tinha iniciado. Nessa turma, eu tinha uma aula por semana, foi nesse dia que minha vida mudou, pois ao entrar em sala os alunos todos fora do lugar, correndo, uns brincando, outros brigando, o calor era insuportável, com a voz

um pouco alterada peço a todos que se sentem, quase todos prontamente acataram minha ordem, e apenas um aluno continuou correndo e puxando o material escolar de cima das mesas... Foi então que, numa tentativa de pôr ordem na sala para dar início à aula, alterei a voz mais uma vez e disse: “senta, menino!”. Isso está tão vivo em minha mente que parece que aconteceu ontem.

Após a tentativa frustrada de fazê-lo sentar, uma aluna que sentava na frente, com uma carinha de medo, pediu para falar e eu consenti, ela disse: “professora, ele é surdo”. Foi como se o chão se abrisse diante de mim naquele momento, me senti tão impotente nessa hora, não sabia o que dizer e nem o que fazer, eu não estava preparada... De acordo com Magalhães (2013), “o fato de o professor não estar preparado para receber o aluno surdo é realidade, e acontece com a maioria dos professores de escola regular” (MAGALHÃES, 2013, p. 79).

Ali estava marcado o início do meu trabalho com surdos, meus desafios e superações. Vivi momentos de angústia, desespero e muita solidão na busca por uma língua da qual nunca tinha nem ouvido falar.

Cada aula para mim era um novo desafio, pois eu não pensava nos alunos ouvintes que tinha, mas sim no aluno surdo, entrava em desespero, não sabia o que fazer. Tentei conciliar o uso de figuras associadas ao nome dos objetos, tanto em inglês quanto em português, eu nem sabia o que estava fazendo, eram tentativas frustradas, faltava apoio pedagógico aos professores.

A cada ano que eu tinha uma nova turma, por incrível que pareça, ele estava matriculado na minha turma, tinha cinco turmas de sexta série na escola, eu tinha uma, e lá estava ele, com aqueles lindos olhos azuis a me olhar e esperar algo de mim, eu não sabia o porquê, mas os olhos dele procuravam as minhas mãos, eu não entendia. De acordo com Pereira da Silva (2012), a língua de sinais é produzida pelas mãos, sendo complementada por movimentos faciais e corporais, mas na ocasião eu não sabia, não tinha informações sobre isso. Hoje posso compreendê-lo.

No ano seguinte, em 2004, fui lecionar Língua Portuguesa naquela turma, ele já estava cursando a sexta série. Como não tinha conhecimento sobre a cultura e identidade surda, não compreendia como ocorria o processo de ensino-aprendizagem das pessoas surdas. Sem experiência pedagógica com a educação de surdos, acreditava que se escrevesse na lousa ou no caderno a explicação do conteúdo ele aprenderia, eu não me dava conta que ele não sabia ler e escrever, somente descobri isso anos mais tarde, pois todas as atividades que eu passava,

fossem para ser desenvolvidas em sala ou em casa, ele sempre as trazia resolvidas e corretas, e mal sabia eu que ele resolvia as atividades numa escola onde tinha uma sala e profissionais que ofereciam apoio, o Atendimento Educacional Especializado (AEE), que antes era chamado de Educação Especial, onde havia uma professora que o ensinava usando a língua dele, a Libras.

No ano de 2005, no meio do ano aproximadamente, aconteceu o primeiro curso de Libras em Cacoal voltado para as escolas públicas estaduais. Esse curso foi promovido pela SEDUC, por meio da Coordenadoria Regional de Cacoal (CRE/Cacoal), e foram destinadas vagas para todas as escolas públicas de Cacoal. Pedi tanto para me liberarem, mas devido ao meu horário em sala de aula a equipe pedagógica da escola não me liberou para participar, embora tivesse o aluno em sala, e assim liberou outras duas servidoras da orientação e supervisão para participarem. Fiquei muito decepcionada, pois esse era um curso prático.

No início do ano de 2005, a falta de conhecimento com o processo de ensino-aprendizagem com a educação de surdos me levou a buscar formação na área. Na busca para melhorar a minha formação, liguei para o Ministério da Educação (MEC) e expliquei o que estava acontecendo, disseram que tomariam providências. No fim desse mesmo ano, não sei se por foi coincidência ou não, o MEC ofertou um curso teórico sobre surdez, e de tanto eu insistir finalmente a equipe pedagógica da escola me liberou para participar. Foi onde pude encontrar outros surdos, ver a possibilidade de conversas, de entender e de ser entendida por meio dos sinais. Fiquei maravilhada e cheia de esperanças; eu não sabia, mas aquela era a oportunidade que mudaria a minha vida. Uma nova história estava nascendo, o contato como uma nova cultura surgia ali.

Muitos encontros se passaram, li muito sobre a Libras, o que era, sobre a sua formação, configurações, entre outros, mas ainda não conhecia os sinais, só de ver eu sabia que tinha, mas, antes mesmo do fim do curso, os coordenadores e os surdos ministrantes nos propuseram a formação de um grupo de estudo em que os surdos seriam os instrutores. Fui a primeira a dizer que sim, eu não tinha dúvida: queria aprender os sinais.

Nunca vou esquecer que em 2006, antes mesmo de o curso prático começar, eu aprendi com uma colega de trabalho que tinha feito um curso de fim de semana na igreja uns sinais básicos como: SENTAR, BRINCAR, DESCULPAS, NÃO

PODER, ATRASAD@, ÁGUA e PODER<sup>13</sup>. Naquele mesmo dia fiz o teste.

Meu aluno Jadilson Serafim sempre chegava atrasado, e ao entrar em sala eu sinalizei “NÃO PODER ATRASAR; SENTAR”<sup>14</sup>, ele imediatamente sorriu para mim, pediu desculpas, sentou ao lado do colega, abriu o caderno e o livro, e deu início às suas atividades. Naquela mesma tarde, ele brincando, como sempre, andava pela sala, puxava os cadernos dos colegas, então virei para ele e sinalizei: “SENTAR, BRINCAR NÃO PODER”. Daquele momento em diante passei por muitos desafios, pois ele acreditava que eu sabia a língua que ele usava, mas ele não sabia que eu ainda não dominava a língua de sinais, sabia apenas alguns sinais.

Jadilson trouxe para mim uma apostila de sinais, mas eu não conseguia entender o movimento, as configurações de mão, a direção para realizá-los, não é fácil para uma pessoa leiga ver um sinal impresso, só com indicações e em seguida sinalizar, é necessário ver alguém realizar o sinal para que possamos entender a execução do mesmo, ou conhecer a estrutura da língua, e o que aquelas setas e asteriscos significam.

Eu não imaginava que conhecer aquele garoto assustado, de olhos azuis, me daria a possibilidade de ganhar um amigo e que mudaria a minha vida profissional. Como eu vinha me destacando na aprendizagem dos sinais, fui convidada para trabalhar numa sala de recurso multifuncional<sup>15</sup> na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, onde eu já trabalhava, e não pensei duas vezes: aceitei de imediato. No início, Jadilson era

---

<sup>13</sup> De acordo com Felipe (2005), a língua de sinais tem características próprias. Existem sistemas de convenções para escrevê-las. Nesta dissertação, quando se refere a sinais da Língua Brasileira de Sinais por meio da escrita, se utiliza “o sistema de notação em palavras”, pois a autora nos revela que a Libras, por esse sistema, pode ser representada por itens lexicais da Língua Portuguesa em letras maiúsculas, como por exemplo CASA, e quando o sinal for representado por duas ou mais palavras em Língua Portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.

<sup>14</sup> Apresenta a sequência dos sinais em Libras aqui utilizados.

<sup>15</sup> As salas de recursos multifuncionais são ambientes dotados de equipamentos, mobiliários e materiais didáticos e pedagógicos para a oferta do atendimento educacional especializado que tem como objetivos: prover condições de acesso, participação e aprendizagem no ensino regular aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, matriculados na rede pública de ensino regular. Garantir a transversalidade das ações da educação especial no ensino regular. Fomentar o desenvolvimento de recursos didáticos e pedagógicos que eliminem as barreiras no processo de ensino-aprendizagem. Assegurar condições para a continuidade de estudos nos demais níveis de ensino. O conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos que caracterizam o Atendimento Educacional Especializado são organizados institucionalmente e prestados de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular. Disponível em: [http://www.institutoparadigma.org.br/pergunta/educacao-inclusiva/166-como-sao-organizadas-as-salas-de-recursos-multifuncionais-e-qual-o-objetivo-do-atendimento-educacional-especializado-\(aee\)](http://www.institutoparadigma.org.br/pergunta/educacao-inclusiva/166-como-sao-organizadas-as-salas-de-recursos-multifuncionais-e-qual-o-objetivo-do-atendimento-educacional-especializado-(aee)). Acesso em: 30/11/16.

meu único aluno, mas não demorou e muitos alunos começaram a frequentar a sala de recurso, vinham alunos das escolas estaduais próximas dali, bem como alunos da rede municipal, alunos da graduação, todos surdos, todos ansiosos em aprender.

Particpei nesse mesmo ano de cursos de Libras promovidos pela SEDUC em Porto Velho, onde comecei a amadurecer e entender que a Libras se tratava de uma língua e não de gestos isolados. Pude conhecer a comunidade surda e fazer amizades, eu os vejo como pessoas que são diferentes sensorialmente, que precisam apenas de uma comunicação diferenciada, precisam ser compreendidos. Nos anos em que trabalhei na educação de surdos, presenciei muitas situações desagradáveis, constrangedoras e que de certa forma anulavam o aluno surdo, como se o surdo fosse um ser incapaz e sem nenhuma perspectiva. Ficava revoltada.

Depois desse curso, participei de vários outros e, na maioria das vezes, eu mesma custeava meu aprendizado. Foram anos de investimento e muita dedicação, pois não é fácil para uma profissional que é mãe deixar seus filhos por até duas semanas para estudar e economizar para poder pagar os cursos. Na minha trajetória, realizei muitos cursos de Libras, de cursos básicos a avançados, cursos para intérprete de Libras, embora essa não seja minha afinidade.

O esforço valeu, não foi perdido, pois na referida Escola Aurélio pude trabalhar só com alunos surdos por longos sete anos. Eram surdos de todas as idades, desde a alfabetização até a graduação. Nesse trajeto, sei que cometi muitos erros, mas todos eles na tentativa de acertar (tratarei desse assunto um pouco mais adiante) e contribuir para a formação de um ser humano mais feliz, pois eu os via sendo ignorados, abandonados à própria sorte dentro das salas de aula, somente fazendo cópias.

Quando Jadilson concluiu a oitava série, ingressou no ensino médio no período noturno, eu continuei na sala de recursos realizando atendimento especializado. Ele sempre me procurava, pois não aceitava realizar as atividades avaliativas sozinho. Quantas vezes saí da minha casa à noite para interpretar para ele tais atividades, meu conhecimento na área era ainda pouco, mas enquanto eu não chegava na escola ele não entrava para fazer as provas.

Vejo essa atitude do Jadilson não como dependência, mas como um ato de confiança, pois hoje consigo entendê-lo em nossas conversas. Hoje ele relata a segurança que tinha e tem em mim, até hoje eu o aconselho e, se tem algum

problema, pede minha ajuda. Atualmente ele é professor efetivo do estado de Rondônia, aquele garoto assustado de olhos azuis se tornou um professor que trabalha com surdos. Sinto a sensação de dever cumprido, tenho muito orgulho. Não me sinto melhor do que ninguém, mas me sinto realizada.

Somos amigos, ele frequenta a minha casa, temos um ótimo relacionamento, participei de momentos importantes da vida dele, fui madrinha do seu casamento, participei da formatura de graduação em Pedagogia, sou convidada para frequentar festinha na casa dele, hoje sou também amiga da Márcia, a esposa dele, que também é surda. Sinto que essa é a grande recompensa de um profissional, ver seus alunos realizados e fazendo parte da sociedade, não como deficientes, mas como alguém que é capaz.

E foi por ter conhecido Jadilson Serafim que minha vida mudou, foram muitos desafios que serviram para me tornar uma pessoa melhor, uma profissional mais preparada e mais atenta às necessidades dos meus alunos. Sou grata e feliz por tê-lo conhecido, pois aprender Libras fez toda a diferença em minha vida profissional.

#### 1.4 MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Vou relatar aqui algumas situações vividas nesses anos em que trabalhei com a educação de surdos, situações essas que chamaram minha atenção.

Neste momento, aproveito para relatar alguns dos erros que cometi na tentativa de acertar. Quando meu domínio de Libras era insuficiente e não conseguia explicar o conteúdo ou ajudá-los a realizar as pesquisas, cheguei por vezes a fazer a pesquisa por eles. Sei que errei, mas ainda não tinha domínio da Libras o suficiente para tal explicação, isso porque não queria ver ou pelo menos saber que tinham sido humilhados, pois isso acontecia com frequência. Faço esse relato com base nos relatos de experiências vividos pelos surdos. Muitas vezes tentei ajudá-los até naquilo que não competia a mim como professora, mas me competia como ser humano, eu os ajudava a resolver problemas com o trabalho, em conflitos familiares, em problemas conjugais, interpretei; na igreja, os surdos mais velhos me questionavam sobre assuntos que envolvem sexo, paternidade, e também os aconselhei sobre relacionamento. Lembro de uma situação em que uma surda me relatou que não queria mais o casamento, que queria uma vida como a da novela,

no momento não me lembro qual, mas era uma história em que a personagem, casada, insatisfeita com o casamento, abandonava o marido por um outro amor, e minha aluna surda, casada há meses, não satisfeita com a situação financeira do marido, resolveu imitar a arte. Ela me afirmou com toda a convicção que se na novela podia ela também podia. Não critico o desejo de ninguém, resalto nessa história o fato da falta de informação, pois vemos inúmeras coisas lícitas e ilícitas nas telenovelas.

Recordo-me quando houve as primeiras contratações de intérpretes no estado pela SEDUC, a CRE enviou uma intérprete para atender às necessidades de uma aluna surda que era matriculada na Escola Aurélio, onde trabalhei por alguns anos, e numa tarde a intérprete veio até a sala de recursos indignada com a situação, ela estava em sala interpretando uma aula de História, a aluna estava com dúvidas relativas ao conteúdo ministrado pelo professor em sala, então a intérprete chama o professor e o informa que a aluna estava com dúvidas, solicitou a ele que explicasse o conteúdo novamente para que ela pudesse interpretar e assim sanar as dúvidas, mas o professor, muito abusado, disse à intérprete: “Ah, professora!, a senhora está cansada de assistir às minhas aulas, a aluna é sua, explique você o conteúdo a ela”.

O professor não tinha conhecimento sobre o papel do intérprete, que Magalhães (2013) afirma exercer função de mediador, facilitando a comunicação entre estudantes surdos e ouvintes, entre professores, servidores da escola de uma forma geral.

O intérprete sempre faz uma ponte entre duas pessoas, mediando o conhecimento de uma cultura a outra, e vice-versa, numa relação dialógica entre alunos surdos e professores ouvintes e também na direção inversa. [...] O interprete é o canal comunicativo entre os surdos e as pessoas que o cercam. Seu papel em sala de aula é servir como tradutor entre pessoas que compartilham línguas e culturas diferentes como em qualquer contexto tradutório que vivenciou ou vivenciará. (MAGALHÃES, 2013, p. 83-84)

O fato de o professor olhar para o aluno surdo como se a responsabilidade de ensinar fosse do intérprete não é um fato isolado, não podemos esquecer que o aluno, seja ele deficiente ou não, é aluno do professor ministrante da aula, o intérprete em questão é apenas um mediador, se fazendo ouvido e voz do surdo. Cabe ao professor o papel de sanar as dúvidas de seu aluno, pois o intérprete, não sendo um profissional da área da disciplina em questão, poderia transmitir

informações inadequadas, cabendo ao ministrante esclarecer as dúvidas.

Nesses anos em que trabalhei na educação de surdos, no passado e também no presente, vejo muitos educadores passarem por situações semelhantes às que vivi, há ainda muita dificuldade por parte dos educadores em conseguir formação nessa área, vejo muita intriga ao redor da língua de sinais, como se a mesma tivesse um proprietário, pois há pessoas que dominam a língua e são remuneradas exclusivamente para isso e não fazem esforço algum para ensinar a Libras aos professores que precisam aprender. Acredito também que seja viável formação na área da surdez, que se discuta sobre a formação do professor em sala de aula, um professor bilíngue que conheça a cultura e identidade dos surdos, para que assim os surdos possam ser conhecidos não como deficientes, mas sim diferentes, pois de acordo com Magalhães (2013) o intérprete, sendo conhecedor da cultura e da língua, tem mais facilidade para transportar as minúcias de uma língua para outra.

Sendo assim, a todo intérprete é necessário um vasto conhecimento para transitar entre as duas línguas, esforçando-se para incorporar conceitos linguísticos e culturais das comunidades envolvidas, para que todo o significado que se transporte da mente de um falante para o outro venha repleto de nuances, de minúcias da língua de quem a transporta para a outra língua. (MAGALHÃES, 2013, p. 83)

Fui e ainda sou muito criticada por ensinar Libras aos professores da rede estadual e municipal de Cacoal e também em outros municípios em que já trabalhei e como professora da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), mas sempre tive o intuito de disseminar a língua, já sofri muitas perseguições, fui acusada de roubar a língua dos surdos. Não entendo como eu poderia roubar uma língua. E o que mais me deixa atônita é que essas acusações nunca surgiram dos surdos e sim de pessoas ouvintes que muitas vezes repetiam “os surdos são meus”. Como se os mesmos andassem num cabresto e fossem incapazes de ter opinião.

Nesses anos, pude contribuir na formação de sete surdos na graduação de Pedagogia, isso para mim é uma honra, saber que, mesmo pouco, fiz o que estava ao meu alcance. Foi muito difícil para mim essa situação, pois muitas vezes eu não sabia o sinal, ou não conseguia contextualizar o que estavam estudando, usando a língua de sinais, pois me faltavam os sinais, e foi de forma penosa que fui aprendendo a língua. Fiz uma parceria com os surdos, eu os ensinava o que conseguia em língua de sinais e eles me ensinavam o que eu precisava sobre os sinais. Interessante como faziam de tudo para que eu pudesse entendê-los.

Todos os dias, durante anos, os surdos se reuniam na sala de recurso, uns só para conversar, outros para realizar atividades da escola, outros para fazer os trabalhos da graduação, uns pediam conselhos de todas as áreas. Eu não tive opção: precisei aprender, e rápido, a Libras. Convivia diariamente com os surdos, havia momentos de desespero, pois eu, por ser ouvinte, necessitava falar com outros ouvintes, sair um pouco do meio de tantas mãos sinalizando. Hoje sinto falta, o trabalho universitário me tirou um pouco desse convívio com os surdos, sinto que estou esquecendo o que aprendi por prazer.

Aprender a língua de sinais me fez sentir-me útil, realizada. Antes, eu não queria ser professora, hoje sinto prazer em ensinar Libras aos meus alunos, devido à necessidade de estabelecer um processo de sensibilização e mudar a história do surdo de viver isolado e sem comunicação. Após tantas dificuldades, tenho dentro de mim a satisfação de ter feito, ter sido útil na formação desses sete professores, dos quais, hoje, três são professores efetivos do quadro estadual e outros três têm contrato emergencial. Apenas um, por opção, não está trabalhando e todos os que estão trabalhando estão lotados na educação de crianças surdas.

Acredito que minha tarefa junto à comunidade surda ainda não terminou, há muito por fazer, apenas foi iniciado, independente das adversidades e críticas. Os surdos do nosso município almejam uma escola para surdos, trabalho e acima de tudo respeito. Esses são os novos desafios a serem vividos, não se trata de uma tarefa fácil, mas também não é impossível de se concretizar.

## 1.5 A BUSCA PELO MESTRADO

Sempre sonhei com a conquista do mestrado, mas meu sonho foi ficando distante, pois além de trabalhar 40 horas para o Estado (SEDUC) eu ainda trabalhava mais algumas horas no período noturno na União das Escolas Superiores de Cacoal (UNESC), uma faculdade particular no município de Cacoal, às vezes minha carga horária de trabalho semanal chegava a 54 horas, tornando o meu sonho impossível, pois estudar na capital e morar no interior do estado não é tão fácil. Com a necessidade de deslocamento semanal para frequentar as aulas do mestrado e trabalhando tantas horas por semana, era praticamente impossível realizar meu sonho.

A caminhada em busca do mestrado iniciou em agosto de 2014, nessa

época eu já trabalhava na UNIR. No mês de agosto desse mesmo ano, foi publicado o edital para aluno especial do Mestrado Acadêmico em Letras. Agradeço a minha amiga Rosiane Ribas, pois foi quem me incentivou a participar da seleção. Fiz minha inscrição para cursar a disciplina Pluralidade Cultural e Linguagens com a Profa. Dra. Nair Ferreira Gurgel do Amaral, para a qual fui selecionada. Foram momentos prazerosos e de muita aprendizagem, amava as aulas, foi por essas aulas que decidi tentar uma vaga na próxima seleção que aconteceria no ano de 2015.

Mesmo diante das dificuldades de trabalhar às terças-feiras à noite, sair da Universidade e ir direto para a rodoviária, chegando a Porto Velho nas manhãs das quartas-feiras, após oito horas de viagem, e num cansaço sem fim, segui em frente. Pois, então, eu retornava para Cacoal nas noites das quartas-feiras às 22 h, chegando em casa às 5h30min das manhãs de quintas e nas tardes das quintas-feiras tinha aulas. Essas idas e vindas se repetiam semanalmente, eram cansativas, mas consegui concluir a disciplina com êxito.

Em dezembro de 2014, iniciei as leituras para a seleção do Mestrado Acadêmico, fui realizando as leituras e escrevendo o projeto, fiz a inscrição, participei de todas as avaliações e fui contemplada com uma vaga. Eu sabia que seria árdua essa nova caminhada, pois já tinha experiência em ir e vir a Porto Velho para estudar e ter que trabalhar, cuidar da família etc.

Somente no segundo semestre de 2015 pude iniciar o Mestrado em Letras. Os desafios foram muitos, ir e vir de Cacoal a Porto Velho, semanalmente, é cansativo. Confesso que é necessária muita vontade de estudar, de fazer e de concluir o mestrado, esse período é uma fase de muitas lutas consigo mesma, um constante desafio de se manter e também de muita doação.

Durante as aulas nesse primeiro semestre eu ficava praticamente só em Porto Velho, uma cidade desconhecida para mim. Era difícil ter que pegar dois ônibus para chegar à Universidade, eu não conhecia aquela cidade e tinha muita insegurança em andar só, mas fiz muitas vezes o trajeto da Universidade até o alojamento sozinha – sim, alojamento, o dinheiro não dava para pagar hotel. Outras vezes, depois que fiz amizade com Eduardo Balbuena, ele me dava carona até o alojamento, isso me dava mais conforto e segurança.

Essa também foi uma fase bastante árdua para mim, pois tinha aulas para ministrar, viajava todas as terças à noite e retornava às quintas à noite, chegando nas madrugadas das sextas-feiras e ministrava aulas nas tardes e noites da sexta. O

fim de semana era para corrigir provas, preparar atividades e realizar leituras das aulas do mestrado, mas com perseverança e muitas renúncias venci essa fase.

No primeiro semestre de 2016, as coisas complicaram, eu tinha que cursar três disciplinas, pense: três dias em Porto Velho e ainda com aulas para ministrar na Universidade. Com muita força e determinação, pude concluir as disciplinas restantes, saía de casa no domingo à noite e só chegava de volta a minha casa nas quintas-feiras de manhã, minhas aulas eram às segundas, terças e quartas-feiras. Mas retornando para meu município eu tinha aulas a serem ministradas nas quintas à tarde e sextas-feiras de tarde e de noite.

Essa jornada foi prazerosa, vivi momentos de alegrias, ficar no alojamento do sindicato foi divertido na maioria das vezes, pois éramos um grupo com muitos mestrandos, tudo era motivo de alegria, dividir a conta do supermercado, sair nas redondezas do sindicato procurando algo para jantar, todas as noites era um episódio diferente. Cozinhar também era uma tarefa que nos cabia, almoçar todo dia em restaurante não cabia em meu bolso e nem no bolso da maioria que ali se hospedava, por isso dividíamos a conta do supermercado, a louça a ser lavada.

Nossas idas e voltas para a Universidade a cada dia era uma novidade, num dia de carona, noutro de ônibus, às vezes sob um sol muito quente e noutras vezes embaixo de muita chuva, mas tudo isso nos deu a oportunidade de viver ótimas experiências, e assim tudo tem um valor especial. Estar aqui é uma honra.

As aulas eram prazerosas, de muito aprendizado, cada professor com sua dinâmica de trabalho, mas todos com muito carinho, respeitando as diferenças e somando conhecimentos. A jornada para cursar as aulas do mestrado foi árdua, mas consegui concluir, isso é uma vitória muito grande, com um sabor único. Sei que ainda não concluí, mas estou caminhando para que esse dia chegue.

## 1.6 O MEU CONTATO COM O POVO PAITER SURUÍ

Por ter nascido e crescido em Cacoal, sempre tive a oportunidade de ter contato, mesmo que de longe, com o Povo Paiter Suruí, um povo educado e gentil. Moro no mesmo lugar há mais de 36 anos, hoje chamado Rodovia do Café, antes denominado Travessão da Linha 8, que dava acesso às aldeias do Povo Paiter Suruí. De acordo com o site Socioambiental, os Suruí

[...] só passaram a morar de forma permanente no posto em 1973, quando vieram buscar assistência médica em razão de uma epidemia de sarampo que matou cerca de 300 pessoas. Cerca de um terço da população continuou a morar fora da área indígena, perto da vila de Espigão do Oeste, mudando em 1977 para outro posto da FUNAI criado então, a Linha 14. [...] (SOCIOAMBIENTAL, s/d, s/p)

Na infância, era comum encontrá-los nas feiras livres de Cacoal, também sempre os encontrei e ainda os vejo nas ruas da cidade, em supermercados, lojas, eventos que acontecem em nosso município, raramente em escolas. Mas no ano de 2001, tive a oportunidade de ter um aluno Suruí na escola onde trabalhei por alguns meses, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Celso Ferreira da Cunha, no distrito do Riozinho.

Durante a fase do projeto e produção dos dados desta dissertação, tive o prazer de ter um contato mais próximo com o Povo Paiter Suruí. Fiquei na aldeia por alguns dias e fui muito bem recebida. O Povo Paiter é muito carismático. Estar na aldeia, no entanto, foi inédito para mim, não se ouve barulho nem gritaria naquele lugar, as pessoas fazem seus artesanatos, cuidam de seus afazeres, convivem em família e trabalham em equipe.

A confecção de artesanato é evidente na aldeia Gapgir, a qualquer hora do dia é possível ver as mulheres sentadas ou de cócoras, embaixo de árvores ou nas varandas das casas, exercendo a arte de confeccionar belíssimas peças do artesanato indígena, pertencentes à cultura daquele Povo.

Muitas pessoas acreditam que os artesanatos confeccionados e vendidos pelos indígenas são caros, mas só se entende o valor de cada peça quando se pode acompanhar como são confeccionadas. Fiquei impressionada com o difícil processo de confecção. Nunca imaginei que, para ficar pronto, um anel tivesse de passar pelo processo de cortar o coquinho do tucumã com uma serrinha, remover a castanha com uma faca e lixar manualmente por muito tempo para ficar lisinho, tanto na parte interna quanto na externa; e ainda há outros detalhes que as mulheres indígenas fazem em suas criações.

Pude presenciar o processo de confecção dos colares, com a casca do tucumã e com o casco de tatu. Nunca imaginei que um colar fosse tão difícil de ser montado, ficar pronto e acabado. Mindlin conta que “os coquinhos de tucumã são quebrados, cortados com faca, perfurados, enfiados numa linha amarrada em duas pontas e lixados, com pedra, por vezes, numa extensão de dez metros ou mais” (MINDLIN, 1985, p. 67), e na aldeia pude ver esse processo ser realizado. A

diferença percebida foi a substituição da pedra para realizar o lixamento por uma lixa comprada em lojas da cidade. São horas lixando para que todas as pecinhas do colar fiquem do mesmo tamanho e redondinhas, perfeitas.

A cestaria também é uma arte muito forte entre os Suruí. Nos dias em que estive na aldeia, vi muitas cestas serem confeccionadas, uma arte feminina de fazer peças de tamanhos diferentes, os cestos têm muitas utilidades para o Povo Paiter Suruí, “há cestos dos mais variados tamanhos, onde se guardam objetos, linhas, comidas, ou os cestos para levar as esteiras, abanos de fogo, as portas das casas” (MINDLIN, 1985, p. 68).

Também pude presenciar a confecção do “adô”, que de acordo com Mindlin “é o cesto de trazer a provisão da roça, faz-se em menos de uma hora [...] as meninas de nove anos já começam a aprender a tecer” (MINDLIN, 1985, p. 68). O cesto é confeccionado utilizando a palha do tucumã, as mulheres indígenas usam o “adô” na cabeça para facilitar o movimento e possibilitar carregar junto as crianças de colo.

Não presenciei a confecção, mas as mulheres indígenas também produzem panelas de cerâmica (barro), me informaram que para a confecção das panelas há um tempo certo para a coleta do barro, e, segundo a autora supracitada, a cerâmica é a grande arte das mulheres Suruí.

“... ainda é a cerâmica escura, desde as menores panelas para a “Makaloba” até as cuias pequenas, com bico ou não [...] as mulheres Suruí são elegantes, próximas da nobreza. Nos pratos de cerâmica vem oferenda de alimentos [...] é feita com técnica e rolos e queima duas vezes, na aldeia ou no mato...”. (MINDLIN, 1985, p. 68)

Pude ver um cocar sendo confeccionado, era um homem que o confeccionava, ele me disse que essa arte e a da confecção das flechas são trabalhos exclusivamente masculinos.

Mindlin (1985) ressalta que há trabalho exclusivos dos homens, como a “betiga”, usada nos lábios inferiores dos homens e mulheres, também os “maxangáp”, chocalhos de penas, cocares, pentes, coroa de palhas, entre outros.

Foram momentos incríveis estar tão perto do Povo Paiter, ver um pouco da sua cultura e poder presenciar a confecção de alguns objetos. Esses dias na aldeia me fizeram refletir e valorizar a cultura e a produção do povo indígena. Foi ótimo estar com esse povo gentil e conhecer um pouco mais sobre a cultura deles.

## SEÇÃO II – METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia da pesquisa é a parte que relata os caminhos percorridos e trilhados para alcançar os objetivos. Onde as perguntas e a produção de são realizadas. Nessa seção serão apresentadas as considerações sobre a metodologia utilizada no decorrer da pesquisa.

O desenvolvimento da pesquisa decorre da inquietação, do interesse e do desejo em contribuir de alguma forma com o Povo Paiter Suruí, com o intuito de valorizar a cultura, ressaltar as diferenças, destacando ainda os sinais encontrados e valorizando as marcas da cultura e identidade presentes nos sinais criados pelos surdos Paiter que viabilizam sua comunicação.

Apresenta-se nessa seção a descrição das etapas do estudo, com o objetivo de organizar a pesquisa. Encontram-se na sequência desta seção os objetivos que conduziram as pesquisas e a metodologia que foi utilizada para conseguir alcançar os objetivos. Para a compreensão do método, são descritos os sujeitos da pesquisa, a produção de dados e as análises realizadas, procedimentos esses essenciais para a organização do estudo e a busca efetiva dos resultados.

### 2.1 CAMINHOS PERCORRIDOS

A busca pelo conhecimento é uma constante em nossas vidas, o ser humano é movido pela inquietação e interesse por novas descobertas, novas conquistas possibilitam a construção e a reconstrução do nosso saber, somos motivados a uma constante busca por novos saberes.

Ao trilhar o caminho da busca do conhecimento, deparamo-nos com caminhos prazerosos pelos quais se tem a satisfação de caminhar, em outros, a trajetória se apresenta extremamente exaustiva, custosa e imensamente árdua, o que exige dos aventureiros dessas trilhas muito mais esforço e senso de direção para não se perderem.

O presente estudo foi realizado visando identificar quais são os sinais utilizados nos processos de comunicação e expressão dos indígenas surdos no contexto familiar. Para essa identificação parte-se dos pressupostos de que a cultura do povo surdo se ampara na visualidade, pois de acordo com Lulkin (2013) “a comunicação visogestual, não cotidiana para os ouvintes, produz formas de

apreensão, interpretação e narração do mundo a partir de uma cultura visual” (LULKIN, 2013, p. 41), em que o olhar passa a ser essencial. E é com essa percepção que se propõe dissertar sobre os sinais utilizados nos processos de comunicação e expressão dos indígenas surdos no contexto familiar, partindo dos pressupostos da cultura.

Neste estudo e pesquisa, a proposta é trazer informações que sejam úteis ao assunto abordado, para que o mesmo seja compreendido e que se possa refletir sobre a comunicação do Povo Paiter Suruí.

Na perspectiva dos Estudos Surdos, a cultura e a identidade surda passam pelo reconhecimento do surdo como alguém com características específicas, em que a cultura visual é determinante, sendo representada por meio dos artefatos culturais, principalmente pela língua de sinais. O surdo é respeitado como um sujeito singular e diferente, percebendo e se relacionando com o mundo por meio da experiência visual. Perlin (1998) nos mostra que a cultura surda surge da cultura visual.

[...] experiência visual significa mais que a utilização da visão, como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de ser povo surdo, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura. (PERLIN, 1998, p. 96)

Pautada pela visão, a cultura surda é marcada pelas experiências visuais, os sinais presentes na língua de sinais apresentam traços culturais desse povo em sua composição, a visualidade é fator determinante para a criação dos sinais, pois os surdos compreendem o mundo por meio da visão.

## 2.2 PREMISSAS E PRESSUPOSTOS DA METODOLOGIA PÓS-CRÍTICA

Os pressupostos e as premissas da metodologia pós-crítica conduziram os estudos e reflexões da pesquisa, relacionando-se aos elementos culturais presentes na configuração e ícones dos SPS.

Meyer e Paraíso (2012) nos dizem que “as teorias pós-críticas não têm um método recomendado para realizarmos nossas investigações”. De acordo com as teorias pós-críticas, os objetivos são estabelecidos, as interrogações são elaboradas e os procedimentos são definidos, teorias e conceitos são articulados.

Esta pesquisa foi elaborada a partir de questões motivadoras que nortearam a busca por respostas para as indagações. De acordo com Meyer e Paraíso (2012), para se ampliar os modos de ver, é necessário insistir na tarefa de desconstruir e reconhecer a capacidade de inventar, o destino é o que menos importa, o que mais vale são as escolhas do caminho.

Na perspectiva pós-crítica, acredita-se que “a metodologia deve ser elaborada no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas pelo objeto de pesquisa e pelas perguntas formuladas” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p. 15).

Meyer e Paraiso (2012), defendem pressupostos das pesquisas pós-críticas, por meio das quais é possível “pesquisar em educação sem um método previamente definido a seguir”. Para as autoras, a partir dos pressupostos e premissas teóricas, é possível definir modos que orientam os estudos e pesquisas, denominando-as de teorias pós-críticas, cuja tarefa principal consiste em inventar e ressignificar os modos de pesquisar.

Para a realização deste estudo e pesquisa foi realizado um mapeamento dos SPS que permitiu melhor entendimento dos sinais registrados com base na cultura e identidade indígena. O mapeamento foi realizado considerando o que de acordo com Biembengut (2008), o um mapa é um guia que permite encontrar os sentidos para nos ajudar a conduzir por caminhos que contribuem para a produção dos dados da pesquisa.

Biembengut (2008), reforça que “o mapeamento é um processo de feitura que aprendemos e que geramos conhecimento”, nesse sentido, o presente estudo pretende destacar produções científicas realizadas na dimensão da cultura, com ênfase na cultura surda e nos Estudos Surdos e Estudos Culturais.

De acordo com Biembengut (2008), é por meio do mapeamento que é possível “[...] estabelecer imagens da realidade e dar sentido às diversas informações, captando características relevantes e representando-as por meios inteligíveis” (BIEMBENGUT, 2008, p. 8).

Igualmente nos move a intenção de representar o que nos rodeia como “[...] um resíduo da atividade cultural que nos leva a conhecer o que outros têm encontrado ou descoberto e, a partir dela, efetuar outras representações, excedendo o alcance do tempo de nossos dias” (BIEMBENGUT, 2008, p. 11).

Ao desenvolver a pesquisa, recorreu-se ao mapeamento de uma “bacia semântica” de palavras na Língua Paiter Suruí, do tronco Tupi-Mondé, bacia semântica essa composta por um grupo de palavras específicas que estão diretamente relacionadas ao cotidiano das famílias, buscando os sentidos e significados dados a elas na cultura do Povo Paiter Suruí.

Nesse sentido, Meyer (2012) *apud* Hall (1997), afirma que é importante entender a cultura como um processo arbitrário, uma vez que cada grupo pode viver de forma diferente ou atribuir um significado diferente a um mesmo fenômeno ou objeto. Esse pressuposto é importantíssimo para a definição da bacia semântica deste estudo. De acordo com Durand, (1999) *apud* Guarnieri (2014), bacia semântica:

[...] em termos gerais é o conjunto de ideias, significados, expressões de dada sociedade, na qual o indivíduo nasce. [...] conhecemos o mundo, aprendemos a falar e junto com a língua aprendida adquirimos os significados sobre as coisas. No fundo as palavras são conceitos com os quais tratamos a realidade. [...] na cabeça de cada um os valores, conceitos, expressões e modos de ver o mundo. Mas isso não é invenção do sujeito individual, a pessoa retira do meio onde vive mais do que alimento para o corpo, também recheia o cérebro com informações que supostamente possam servir para sobreviver. [...] (DURAND, s/a *apud* GUARNIERI, 2014, s/p.)

De acordo com esse pressuposto, a bacia semântica é o conjunto de ideias e significados de uma dada sociedade, de modos de ver o mundo, o meio onde vive; de onde as pessoas retiram informações, as quais irão recheiar o seu cérebro e que servem para sobreviver. Fazem parte da bacia semântica os significados e sentidos atribuídos ao mundo, nos quais é possível mergulhar e ‘banhar’, ou seja, criar e construir novos significados. Ela é sempre alimentada por imagens.

A linguagem está presente em todas as atividades humanas, sua principal função é estabelecer a comunicação entre os homens. Lima Barreto (2010) afirma que a sociedade se constitui pela linguagem, pois é por ela que o homem transmite tudo o que aprende, os conhecimentos e experiências a outras gerações, sendo ela responsável pela transmissão de todo o acervo cultural adquirido e acumulado pela humanidade em sua história. Sustenta, assim, que a etnolinguística procura estabelecer relação entre a linguagem e a cultura. A linguagem, por sua vez, é uma característica universal do homem, essencialmente social, estando intimamente

relacionada à cultura. E todas as concepções de mundo são transmitidas ao homem através dela. Lima Barreto (2010) diz que a etnolinguística:

[...] procura estabelecer relação entre linguagem e cultura. A linguagem, característica universal do homem, é eminentemente social, estando intimamente relacionada com a cultura. Através dela, todas as concepções do mundo são levadas ao homem. A etnolinguística não analisa o fato linguístico isoladamente, mas sempre relacionado ao contexto em que ele foi produzido, considerando os dados paralinguísticos e extralinguísticos. (LIMA BARRETO, 2010, s/p)

Segundo Lima Barreto (2010), a cultura decorre da linguagem, sendo esta a expressão da capacidade de simbolização e o resultado da integração do homem no contexto cultural, assim é possível estabelecer a relação de que os SPS produzidos pelos surdos Paiter são decorrentes do contexto cultural do Povo Paiter Suruí.

A partir desses pressupostos, esta pesquisa buscou conhecer as formas de comunicação e interação do surdo Paiter Suruí no contexto familiar, quais os sinais criados e utilizados nesse processo de comunicação e expressão com a sua família.

Para tanto, foram utilizados alguns conceitos dos Estudos Culturais e Estudos Surdos: Cultura, Identidade e Surdez, e, a partir de reflexões sobre esses elementos conceituais, buscou-se conhecer as marcas culturais presentes na formação e utilização dos sinais criados pelos surdos Paiter Suruí no contexto familiar.

### 2.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE PESQUISA

Optou-se por lançar um olhar por lentes pós-críticas no campo dos Estudos Culturais ressaltando a Cultura e Cultura Surda, para observar os traços culturais e identitários do Povo Paiter Suruí presentes na formação dos SPS, que foram elaborados pelos surdos Paiter para viabilizar a comunicação entre eles e suas famílias. O procedimento metodológico foi pautado nos pressupostos teóricos de autores dos Estudos Culturais e Estudos Surdos no que refere a Cultura e Identidade. Para alcançar os resultados almejados buscou-se pressupostos teóricos na literatura de livros, artigos, documentos oficiais, entrevistas e conversas com alguns moradores da aldeia.

Por meio de uma pesquisa mais livre de regras e formalidades, com o propósito de trilhar caminhos ainda desconhecidos, sem resultados preestabelecidos. Meyer e Paraíso (2012) afirmam que, “[...] a metodologia deve ser elaborada no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas pelo objeto de pesquisa e pelas perguntas formuladas [...]”.

Pesquisar. Inventar. Interrogar. Problematizar. Suspeitar. Compor, decompor e recompor. Descrever e analisar. Para Meyer e Paraíso (2012), esses são verbos que abrangem os modos de fazer e pensar a pesquisa nos referenciais que “fogem”, de algum modo, dos princípios investigativos propostos pela ciência tradicional e positivista, como a racionalidade, a universalidade, a objetividade e a neutralidade.

A metodologia na perspectiva pós-crítica almeja “desconstruir” discursos e métodos de produção de conhecimento, explorando métodos alternativos, construindo metodologias na investigação, lançando olhares diferenciados para temáticas tidas como “comuns” e naturalizadas a encontrar caminhos para responder às inquietações. Não há uma “receita” para utilização dos métodos. Eles devem ser inventados e reinventados conforme cada objeto de pesquisa, cada contexto.

[...] na construção metodológica que fazemos em momento algum desconsideramos o já produzido com outras teorias, com outros olhares, com outras abordagens sobre o objeto que escolhemos para investigar. Ocupamo-nos do já conhecido e produzido para suspender significados, interrogar os textos, encontrar outros caminhos, rever e problematizar os saberes produzidos e os percursos trilhados por outros. Enfim, buscamos as mais diferentes inspirações e articulações para modificar o dito e o feito sobre a educação e os currículos. (MEYER e PARAÍSO, 2012, p. 25).

Klein & Damico (2012) nos mostram que é possível introduzir os Estudos Culturais nessas discussões a partir de reflexões etnográficas consideradas pós-modernas, pois, de acordo com Sales (2012), mergulhar no campo de pesquisa, por meio da etnografia pós-moderna, provoca a ruptura com as formas tradicionais de realizar a pesquisa que leva a considerar o pesquisador um participante do contexto pesquisado, apoiando-se em teorias da cultura para se orientar e planejar suas escolhas, sobre o que é relevante observar e registrar. A autora ressalta que o contato direto com os elementos culturais do contexto analisado é permitido por meio da observação, possibilitando a apreensão da linguagem e dos sentidos construídos.

Técnicas da etnografia pós-moderna foram utilizadas na pesquisa de campo tais como o registro em diário de campo, pelo qual foram realizadas observações no espaço da aldeia.

Outro procedimento metodológico utilizado foi a entrevista, realizada com as famílias participantes que têm filhos surdos. As perguntas foram previamente determinadas.

Para a pesquisa dos SPS foram feitas observações, bem como o registro de forma escrita, gravação os sinais produzidos e, por último, foram fotografados os sinais realizados pelos indígenas surdos. Optou-se por fotografias da própria autora por dois motivos. O primeiro foi em respeito à cultura Paiter, pois para muitos indígenas da aldeia a fotografia aprisiona a alma e quando ocorre a morte da pessoa fotografada os mesmos ficam presos sem concluir o seu caminho, e o segundo em decorrência de ter assumido o compromisso de não divulgar as identidades dos participantes.

A abordagem metodológica pós-crítica foi eleita principalmente pelo interesse em realizar uma pesquisa sem a preocupação de seguir uma ordem cronológica rígida de procedimentos metodológicos, em que se tem um único caminho a ser seguido. Pelo contrário, é importante pensar em um caminho para o pesquisador que vai se constituindo nas experiências diárias, pelo que de fato se vivencia e a partir do que vai se encontrando no caminho da pesquisa.

## 2.4 SUJEITOS DA PESQUISA

O presente estudo foi desenvolvido com a participação de sete surdos do Povo Paiter Suruí, da aldeia Gapgir.

Dentre os participantes temos duas crianças, de 6 e 9 anos, e os outros cinco participantes com idade entre 13 e 18 anos. Também participaram desta pesquisa as famílias dos indígenas surdos, sendo no total seis famílias.

Esta pesquisa teve a participação do pesquisador Joaton Suruí, com Licenciatura em Educação Básica Intercultural pela UNIR em Ji-Paraná, participante do Grupo Pesquisador em Educação Intercultural do Campus da Unir em Ji-Paraná, coordenado pelo Prof. Dr. João Carlos Gomes. Joaton colaborou em toda a realização da pesquisa, desde a apresentação do projeto aos pais, cuidou da

permanência das pesquisadoras<sup>16</sup> na aldeia, traduziu para a Língua Paiter Suruí todas as informações prestadas pelas pesquisadoras aos participantes da pesquisa, contribuiu no processo de produção de dados, traduziu e entregou às pesquisadoras o significado das palavras que compõem a bacia semântica, entre outros.

Foram adotados nomes fictícios para representar as famílias participantes, tais como Família Potira, Família Majui Piatã, Família Mairarê, Família Abaeté, Família Kaluanã e Família Anahi. E para os surdos Paiter Suruí participantes foram adotados Potira, Majui, Mairarê, Abaeté, Piatã, Kaluanã e Anahi, com o objetivo de garantir o sigilo, assegurando a privacidade dos participantes quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, o que está em conformidade com o compromisso assumido para com eles. Mediante esse compromisso, adotaram-se nomes fictícios para os participantes, optou-se por nomes indígenas do tronco Tupi.

## 2.5 OBJETIVOS DA PESQUISA

Como objetivo geral, procurou-se desenvolver estudos que buscassem identificar e descrever as formas de comunicação do surdo no contexto familiar do Povo Paiter Suruí, verificando se havia a utilização de sinais na comunicação entre os mesmos, na aldeia Gaggir. A partir desse prisma, empenhou-se em buscar respostas para os seguintes objetivos específicos: a) compreender como o surdo Paiter Suruí se relaciona e se comunica com sua família; b) descrever as estratégias utilizadas pela família para a comunicação com o filho surdo no ambiente familiar; c) registrar os sinais para identificação de gestos e ícones presentes nos sinais.

## 2.6 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

O Povo surdo brasileiro comunica-se pela Língua Brasileira de Sinais, reconhecida oficialmente pela Lei 10.436/02 e regulamentada pelo decreto lei 5.626/05. Libras é tida como forma de comunicação e expressão dessa comunidade.

---

<sup>16</sup> Pesquisadoras, pois, foram três mestrandas que realizaram pesquisas na aldeia. As visitas e a fase de produção de dados foram realizadas em equipe, mas cada pesquisadora dedicou-se aos seus objetivos. As pesquisadoras são: Miriã Gil de Lima, autora desta pesquisa, que objetiva o registro dos SPS no contexto familiar, Rosiane de Souza Ribas Eller, que pesquisou sobre os SPS no contexto escolar, e Luciana Coladine Bernardo, a qual realizou pesquisa dos SPS no contexto da comunidade. As pesquisadoras são professoras da UNIR, campus de Cacoal, Ji-Paraná e Rolim de Moura consecutivamente.

Esta pesquisa destaca-se por sua relevância, pois é de caráter inédito em Rondônia, já que esta pesquisadora fez várias buscas por trabalhos com essa temática e não foi encontrado um único registro no estado. Foram verificados e registrados os sinais produzidos pelos surdos Paiter Suruí no contexto familiar, objetivando verificar como ocorre o processo de comunicação entre os surdos e a família.

A intenção principal deste estudo e pesquisa é a preservação dos sinais produzidos pelos surdos Paiter Suruí e a divulgação desses sinais para a comunidade Gapgir e demais comunidades do Povo Paiter Suruí que venham a ter indígenas surdos em suas comunidades, pois se trata de reconhecer o contexto cultural em que os mesmos foram produzidos, respeitando e incentivando a cultura do Povo Paiter Suruí, favorecendo o processo comunicativo entre os surdos Paiter e suas famílias, e integrando-os na comunidade do Povo Paiter.

## 2.7 A PRODUÇÃO DE DADOS

Os dados foram produzidos na aldeia Gapgir. O acesso à aldeia Gapgir ocorre pela RO-486 (Rodovia do Café), onde são percorridos 35 km de asfalto, depois se prossegue por mais 15 km de estrada de chão na Linha 14. No período chuvoso a estrada dentro da terra indígena é de difícil tráfego, pois há muitos atoleiros que o dificultam

A pesquisa foi realizada no contexto familiar do Surdo Paiter com o intuito de verificar os traços culturais e identitários presentes na formação dos SPS, criados para viabilizar comunicação entre os surdos Paiter Suruí e suas famílias.

O espaço para a produção de dados foi a aldeia Gapgir, onde vivem cerca de 50 famílias Paiter Suruí. Nessa aldeia residem cerca de dez surdos Paiter Suruí, dos quais sete participaram do estudo proposto.

Para essa fase de produção de dados, utilizou-se como procedimento a busca e leitura de documentos e literaturas que se tornaram importantes instrumentos para produção de informações, os quais foram utilizados para identificação das marcas da cultura e identidade do Povo Paiter Suruí.

Foram elaboradas questões motivadoras do estudo, visando informações que auxiliem a identificar os traços da identidade cultural do Povo Paiter Suruí na formação dos SPS no contexto familiar, decorrentes da cultura em que estão inseridos.

Esta pesquisa teve como ponto de partida a pesquisa bibliográfica, com o intuito de se obter um contato direto com os materiais já produzidos, tais como: livros, artigos e periódicos em relação ao tema abordado.

Quando se busca delimitar um campo teórico ao qual o modo de pesquisar está relacionado, Meyer (2012) diz:

Determinadas possibilidades de elaborar perguntas e objetos de pesquisa, planejar a investigação, movimentar-se no processo de sua implementação, operar sobre o material empírico que nele produzimos e compor o texto que resulta da análise que dele fazemos. (MEYER, 2012, p. 49)

Neste sentido, foi necessário encontrarmos diversas fontes de informações disponíveis sobre os objetivos da pesquisa. Para isso, utilizamos elementos da etnografia pós-moderna (diário de campo, entrevistas e utilização de filmes), que de acordo com Klein & Damico (2012) permitem a presença do narrador (eu) na história, com base na autorreflexividade.

A produção de dados ocorreu por meio de vivência-campo, pois a mesma torna-se essencial para o desenvolvimento do estudo proposto, a qual permite ao pesquisador estar em contato com os participantes e mergulhar no universo cultural do Povo Paiter Suruí, com o intuito de verificar quais são os SPS e os traços culturais e identitários presentes na produção desses sinais. As visitas foram registradas com a utilização de diário de campo, instrumento que, em conformidade com Klein & Damico (2012), serve para registro, como forma particular de ocupar e conhecer os espaços de pesquisa. Refletimos, pois, sobre a nossa inserção no trabalho de campo, nossos conhecimentos e impressões do lugar da pesquisa, a formação de vínculos com os interlocutores da pesquisa, formulação e realização de entrevistas.

Foi desenvolvida com as famílias participantes a entrevista, levando em conta que de acordo com Klein & Damico, “as entrevistas passaram a se construir em um importante instrumento de investigação, utilizadas nas buscas por informações ou sujeitos informantes específicos” (KLEIN & DAMICO, 2012, p. 76). Optou-se pela utilização de entrevista semiestruturada com as famílias, com o objetivo de verificar quais são as estratégias utilizadas por eles para a comunicação com seu filho surdo no ambiente familiar, buscar compreender qual a concepção que a família tem sobre surdez.

A entrevista semiestruturada foi escolhida, pois se pretende buscar por meio dela um diálogo, longe de uma postura presa, mas para ter apenas um roteiro de perguntas previamente definidas, permitindo ao pesquisador uma postura mais livre e aberta, possibilitando-lhe um maior envolvimento com as falas do sujeito.

Os dados foram produzidos a partir da escolha de uma bacia semântica, que é um grupo de palavras relacionadas ao cotidiano deles, por meio da qual foram observados a cultura e identidade da comunidade indígena na produção dos sinais utilizados pelos surdos Paiter.

Para a produção de dados referentes à bacia semântica selecionada, que foi dividida por categorias, foram utilizadas imagens para cada item que compõe as categorias, tais como: utensílios domésticos, comidas, hábitos, membros da família, animais e espaços domésticos que estejam relacionados ao contexto familiar, pois de acordo com o pressuposto vê-se a cultura como um processo arbitrário, uma vez que cada grupo pode viver de forma diferente ou atribuir um significado diferente a um mesmo fenômeno ou objeto (HALL, 1997 *apud* MEYER, 2012), e assim identificar as marcas da cultura Paiter nos sinais produzidos e utilizados por eles.

A produção de dados ocorreu por meio de utilização de jogos, utilizando-se imagens do mundo real, com o propósito de que os surdos Paiter Suruí possam identificar e sinalizar os sinais criados por eles para a comunicação entre os mesmos e seus familiares.

## 2.8 ANÁLISE DOS DADOS PRODUZIDOS

Para a análise dos dados produzidos, foram elaboradas estratégias descritivo-analíticas, tendo como base os pressupostos da pesquisa pós-crítica, o que permite articular os saberes que auxiliaram a encontrar caminhos adequados com os objetivos do estudo proposto, os quais nos permitiram verificar as marcas da identidade cultural na formação dos SPS.

Meyer e Paraíso (2012) destacam que na metodologia pós-crítica não há apenas uma única teoria que para subsidiar as pesquisas. É fundamental fazer a articulação de saberes, produzindo a articulação deles, usando o que serve aos nossos estudos e para que possamos nos informar sobre o nosso objeto, com o objetivo de encontrar o caminho e as condições para que algo novo seja produzido.

Na metodologia das pesquisas pós-críticas, de acordo com Meyer e Paraíso (2012), apresentam-se novas teorias que explicam as mudanças na vida e que as teorizações culturais e sociais não são as mesmas. Nesse contexto, afirma-se que há diversas maneiras de se realizar uma pesquisa, para tanto há a necessidade de alargar os métodos de pesquisa que considerem não somente as classes sociais hegemônicas, valorizando-se também as questões culturais regionais presentes nas diversas comunidades.

Por serem surdos os participantes da pesquisa, e terem uma linguagem criada a partir do visual, entende-se que os SPS estão intimamente ligados à cultura do Povo Paiter Suruí, tornando a análise da identidade cultural presente nos SPS essencial, pois Skliar (2013) afirma que a surdez é compreendida como uma experiência visual, que se traduz em todos os tipos de significações, produções do surdo, seja no campo linguístico, cognitivo, intelectual, ético, estético, artístico, cultural etc.

A partir do pressuposto de Lima Barreto (2010), analisar-se-á cultura como decorrente da linguagem, sendo esta a expressão da capacidade de simbolização e o resultado da integração do homem no contexto cultural. Assim é possível se instaurar uma relação, de modo que a constituição dos SPS está ligada à cultura visual e com o meio em que eles vivem.

Buscamos, em nossas análises, ativar os saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados e relacioná-los aos saberes verdadeiros. Buscamos mapear as condições de possibilidade dos saberes e seus vínculos com as relações de poder. Buscamos explicar a existência e a transformação dos saberes. Damos atenção às multiplicidades de relação de poder, aos conflitos e as suas dispersões. Prestamos atenção, ao fazer nossas análises, em uma microcefalia do poder, em suas pequenas astúcias em suas produções (saberes, práticas, sujeitos, conflitos, raciocínios, pensamentos). (MEYER e PARAÍSO, 2014, p. 39)

Foi com base no *corpus* deste estudo que se elaboraram as análises dos resultados, relacionando a formação dos SPS às marcas da cultura e identidade do Povo Paiter Suruí presentes nos sinais. Foram analisados ainda os processos de comunicação e expressão dos surdos indígenas e suas famílias. A inovação dos estudos etnográficos pós-modernos nos permite a valorização da cultura e da identidade e possibilita que o pesquisador e os sujeitos permaneçam próximos aos resultados sem comprometer os resultados encontrados.

Para as análises dos resultados, foram adotadas leitura e descrição iconográfica das imagens utilizadas na pesquisa na produção de dados e dos sinais realizados pelos surdos indígenas com o objetivo de identificar as marcas culturais do Povo Paiter nos sinais produzidos pelos surdos Paiter. De acordo com o historiador francês Émile Mâle *apud* Ávila Santos (s/d, p. 34), o termo iconografia foi evidenciado como método de estudo descritivo das representações visuais, tendo por objetivo a identificação dos ícones, dos símbolos e das narrativas imagéticas. No final do século XIX, o termo iconografia foi definido por Mâle como um processo descritivo para identificar ícones e símbolos.

Santos (2006, p. 36) salienta que a “iconografia se torna interpretativa, além de descrever os ícones pertinentes a uma imagem”. Entende-se assim que a análise iconográfica se situa no campo da descrição de imagens, e esse processo consiste não apenas numa descrição pura e simplificada dos objetos, pessoas, situações retratadas, mas numa ligação da imagem ao conceito, pois de acordo com Gonçalves (s/d, p. 1), quando se trata de “imagens e não de motivos, a análise iconográfica pressupõe familiaridade com temas específicos ou conceitos”. Desta feita, a análise iconográfica foi incorporada ao processo de descrição e análise dos resultados obtidos nesta pesquisa, com o objetivo de ressaltar a cultura e a identidade do Povo Paiter Suruí na formação dos SPS.

Vale ressaltar que as imagens utilizadas para produção de dados foram criteriosamente escolhidas pelo olhar da pesquisadora, as quais podem ser interpretadas de modo diverso desta interpretação, pois, conforme Gomes “as imagens apresentadas podem sofrer uma transmutação iconográfica de outros olhares” (GOMES, 2008, p. 140), como afirma Hermeto Pascoal *apud* Gomes “conforme o pensamento vem, a imagem é construída” (GOMES, 2008, p. 140). Ao analisar os sinais produzidos pelos participantes da pesquisa, produzidos a partir da visualização dessas imagens, entende-se que “cada um pode revelar os seus sentimentos e emoções numa rede de significados do olhar interpretado pela lógica da visualidade das imagens” (GOMES 2008, p. 141). Ou seja, os participantes necessariamente não têm o mesmo olhar que esta pesquisadora propôs ao utilizar as imagens referidas e também há diferentes interpretações por parte dos indígenas surdos.

Os procedimentos para elaboração da análise dos resultados nos possibilitaram encontrar caminhos, permitindo ao pesquisador ressignificar as

práticas e construir novos percursos necessários à inovação dos Estudos Culturais e Estudos Surdos voltados aos registros dos SPS, destacando as marcas culturais e identitárias na formação desses sinais. Nesse contexto, os procedimentos metodológicos da pesquisa pós-crítica permitiram a descoberta de SPS com marcas da identidade e cultura do Povo Paiter Suruí, e que alguns desses sinais vêm sofrendo a influência da Libras.

## SEÇÃO III - CULTURA, IDENTIDADE E LÍNGUA DE SINAIS

A seção III abordará conceitos de Cultura, Identidade e a língua de sinais indígenas.

A Cultura será discutida com base nos Estudos Culturais, que a entende como elemento um elemento transformador. Os Estudos Surdos, têm suas ramificações nos Estudos Culturais, que vê o surdo como pessoas que interagem com o mundo por meio das experiências visuais.

A identidade é uma construção inacabada, em processo de modificações passando por transformações dentro da mesma pessoa e variando constantemente de um sujeito para outro, não existindo assim uma única identidade.

Essa seção trará um esboço dos estudos realizados sobre as línguas de sinais indígenas.

### 3.1 CULTURA

Na Antiguidade havia a preocupação de entender o que é Cultura. Laraia (2001) sustenta que “mesmo antes do monogenismo, os homens se preocupavam com a diversidade de modos de comportamento existentes entre os povos”. O autor afirma que desde aquele período histórico houve preocupação em explicar o comportamento dos homens a partir das variações dos ambientes físicos, do determinismo biológico e geográfico.

A palavra cultura, no latim *colare*, tem significado de cuidado com algo, culto aos antepassados e às divindades e cuidados com a terra, mais comum no sentido agrícola.

Mais tarde passou a ter outros significados como costumes, educação, conhecimento, comportamento, crenças, entre outros. Cultura é um termo de muitas interpretações, sendo a definição formulada por Edward B. Tylor uma das mais aceitas.

O sociólogo inglês Tylor incorpora duas concepções (*kultur* e *civilization*) em uma, denominando-a de *culture* para se referir às realizações materiais e imateriais. Depois de Tylor, inúmeras definições para o termo cultura foram sendo elaboradas, servindo de busca para os ramos de estudos sobre cultura e civilização,

tais como a antropologia, a literatura e os estudos culturais, em que todos buscam uma elucidação e aplicação do uso do conceito.

No final do século XVIII e no princípio do seguinte, o termo germânico *kultur* era utilizado para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, enquanto a francesa *civilization* referia-se principalmente às realizações materiais de um povo. Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocabulário inglês *culture*. (LARAIA, 2001, p. 14)

Para Edward Tylor (1871) *apud* Laraia (2001), cultura é um termo complexo e amplo de se definir; ele, na verdade, abrange as noções de cultura e civilização em uma só palavra. *Culture*, no vocabulário inglês, remete ao conceito “tomando em seu amplo sentido etnográfico que este complexo inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (LARAIA, 2001, p. 14).

Ruth Benedict *apud* Laraia afirma que a cultura “[...] é como uma lente, pela qual o homem vê o mundo [...]” (RUTH BENEDICT, 1972 *apud* LARAIA, 2001, p. 56), e isso significa que pessoas usam lentes diferentes, olhares diferentes, portanto têm visões diferentes das mesmas coisas.

Pessoas de lugares diferentes olhando para uma mesma situação têm visões totalmente diversas, por exemplo, acerca do homossexualismo, do modo de vestir, de agir, de comer, sobre a língua, a maneira de caminhar. Até a maneira de rir pode ser interpretada de formas diferentes dependendo do local de onde provém o indivíduo, sendo essencial que ele compreenda as diferenças entre os povos de diferentes culturas.

Segundo Laraia (2001), a cultura é dinâmica, pois os homens têm a capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los. O autor afirma que há dois tipos de mudança cultural; a primeira é a interna, que pode ser lenta, quase imperceptível, resultante do próprio sistema cultural, e a segunda se refere ao resultado do contato de um sistema cultural com outro, podendo ser rápido e brusco. Esse tipo de mudança, conforme o autor, é o mais comum na maior parte das sociedades humanas.

Com o passar dos anos, vão sendo observadas mudanças de comportamento, nos modos de se vestir, de falar, entre outros, que no início provocam conflitos e longas discussões, e com o tempo essas mudanças vão

causando separações entre as gerações. Mas é fundamental entendê-las, a fim de evitar atitudes preconceituosas. Nesse sentido, Laraia lembra que “[...] cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamento preconceituoso [...]” (LARAIA, 2001, p. 90).

Os Estudos Culturais abrigam a teoria de que todos têm cultura, sendo a mesma um elemento transformador. Para refletir a esse respeito é importante conhecer e compreender o contexto social e histórico sobre o desenvolvimento do conceito de cultura.

As primeiras manifestações dos Estudos Culturais ocorreram na Inglaterra no final dos anos de 1950, especificamente referentes aos textos de Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Palmer Thompson. Nos últimos anos, a reconstrução das origens desse campo de estudo tem gerado discussões e muitos debates. Silva (2010) entende os Estudos Culturais como um campo de luta em busca da significação social, em que há uma preocupação em estabelecer um vínculo entre cultura, significação, identidade e poder.

Nos estudos sobre cultura, Silva (2010) observa que há variações, que vão de concepções tradicionais até as mais modernas. Há suposições que se limitam em compreender a cultura como resultante de um conjunto usual, que está unicamente relacionada às expressões artísticas. Cultura também é utilizada no contexto que diz respeito a festas, lendas, crenças de um povo, o modo de se vestir e sua língua.

O conceito de cultura é disseminado e interiorizado em diferentes aspectos. Há quem a considere única, concebendo-se a sociedade como padronizada e normalizada. Tem aquele que admite a existência não de uma cultura, no singular, mas de culturas no plural.

Ao admitir a questão cultural no plural, reconhece-se a pluralidade de manifestações e grupos culturais das mais diferentes naturezas, logo, o conceito de cultura torna-se mais amplo e abrangente.

Schiller (1967) *apud* Eagleton (2003) apresenta a cultura como “hegemonia<sup>17</sup>”, ou seja, aquela que molda os sujeitos em seres subordinados em

---

<sup>17</sup> Hegemonia: predominância de alguma coisa sobre outra [...] socialmente falando, é o controle de uma classe sobre outras [...]. Hegemonia cultural: Possuir hegemonia cultural indica predominância de uma cultura sobre as demais. Isso significa que aquela cultura é seguida e exerce grande

função de uma espécie de organização política, tornando-os seres humanos pacíficos, não conflituosos e desinteressados, transformando-os em agentes dessa ordem política, caso contrário há exclusão.

[...] a cultura é o mecanismo [...] designado por hegemonia, formatando os súbditos humanos em função das necessidades de uma nova espécie de organização política, remodelando-os desde a base até aos dóceis, moderados, mentalmente elevados, amantes da paz, não conflituosos e desinteressados agentes dessa ordem política. Para fazê-lo, porém, a cultura também tem de agir como uma espécie de crítica imanente ou desconstrução, ocupando por dentro uma sociedade por regenerar para quebrar a sua resistência às pulsões do espírito. (SCHILLER, (1967) *apud* EAGLETON, 2003, p. 20)

Segundo Santos (2006), a cultura na modernidade é capaz de homogeneizar a vida e a visão de mundo da diversificada população, ultrapassando barreiras e classes sociais, facilitando o controle das massas. Segundo o autor, os meios de comunicação se tornaram elementos essenciais da organização social, pois, sem dúvida, se associados à ordenação da vida coletiva e ao exercício do poder, difundiam comportamentos, propondo estilo de vida, modos de se vestir e maneiras de falar, de pensar, de lutar e de amar, entre outras.

Herder (1968) *apud* Eagleton (2003), afirma que a teoria pós-moderna propõe a pluralização de “cultura”, referindo-se às culturas de diferentes nações e períodos, bem como às culturas econômicas e sociais no âmbito de uma mesma nação.

Refletindo que a constituição da sociedade está pautada em fenômenos culturais heterogêneos, os Estudos Culturais analisam a cultura como um campo de luta em busca da significação social, centrando seu olhar na forma global de vida de um grupo social.

Silva (2010), destaca a cultura como um campo de produções de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. Assim, analisa não apenas a forma que o mundo deve ter como também a forma que as pessoas e os grupos devem ter.

No campo dos Estudos Culturais, de acordo com Silva (2010), a cultura é entendida como um mecanismo de transformação, percepção da vida social,

construída de formas diferentes de ver, ser, fazer e não como uma forma hegemônica, mas constituída de modo diferente, fazendo emergir as diferenças dos grupos.

De acordo com Bauman (2013), a cultura, antes da modernidade, tinha como função classificar e distinguir as classes sociais, o que uma classe no topo da pirâmide decidisse como “belo” deveria ser passado para as demais classes. Peterson (2010) *apud* Bauman (2013), afirma que a cultura passa por um processo de mudança quando apresenta um olhar sob a perspectiva do consumo, em que o homem objetiva consumir um produto para alcançar a felicidade e a satisfação.

“Estamos passando por uma mudança na política de status dos grupos de elite, dos intelectuais que detestam com esnobismo toda a cultura popular, vulgar de massa, ...para aqueles que consomem de maneira onívora um amplo espectro de forma de arte, tanto populares quanto intelectualizada”. (PETERSON, 2010 *apud* BAUMAN, 2013, p. 8)

Bauman (2013) classifica a cultura sob um olhar menos flexível, ressaltando-a como um dispositivo que aponta as diferenças de classe, sendo a beleza um componente social do separatismo, resultando de uma opressão e imposição da classe dominante, não só como consumista e, sim, também como produtora e afirmadora de seu conceito.

Após perder a função de serva da hierarquia social, a cultura, conforme Bauman (2013), é capaz de atender às necessidades dos indivíduos, ajustando-se à liberdade individual de escolha e responsabilidade. Segundo o autor, a cultura atualmente consiste em ofertas e não em proibições; em proposições e não em normas; em atrair e seduzir; em produzir, semear novos desejos de necessidades, afastando-se de rígidos padrões e exigências, aceitando todos os gostos com neutralidade e flexibilidade.

Bauman (2013) compara a cultura a uma seção de um mundo moldado com uma gigantesca loja de departamentos, em que as pessoas, transformadas em consumidores, compram constantemente, assim a cultura tem a função não de satisfazer as necessidades existentes e sim de criar, despertar outras necessidades, evitando o sentimento de satisfação.

A cultura, sem sombra de dúvida, é dinâmica, acumula conhecimentos e práticas, resultantes das iterações sociais entre os sujeitos.

### 3.1.2 Cultura surda: uma cultura visual

Os Estudos Culturais, de acordo com Costa; Silveira; Sommer (2003), surgiram mediante os movimentos de grupos sociais influenciados por sentimentos que rompem o fluxo da alta cultura para a baixa cultura, contrariando os que eram contrários, às possibilidades de uma cultura pautada na democracia, baseada na educação de livre acesso.

Para Costa; Silveira; Sommer (2003), a identidade variável e flexível como uma das fortes marcas dos Estudos Culturais não se reduz a uma disciplina acadêmica no sentido tradicional, mas refere-se a sua dispersão teórica e metodológica, que apresenta abordagens e reflexões que serviram para o surgimento de teorias contrárias às concepções consagradas. Segundo os autores citados, os Estudos Culturais encontram campo abundante nas ciências sociais, nas artes, nas humanidades, a partir de contribuições importantes em meados do século XX de pensadores como Louis Althusser e Antonio Gramsci, junto com as análises sobre cultura de Richard Hoggart, Raymonde Williams, Stuart Hall e Edward P. Thompson, os quais iniciaram análises culturais contemporâneas das identificadas como cultura.

Os Estudos Culturais serviram de referência para os Estudos Surdos, com base na matriz teórica, que toma como pressuposto o conceito sócio-antropológico de surdez, reconhecendo o surdo como uma pessoa diferente, com cultura e identidade próprias e diferentes.

De acordo com Veiga-Neto (2000) *apud* Souza; Souza (s/d), a surdez na perspectiva dos Estudos Culturais está mensurada na concepção de cultura, a qual representa um campo em que há a possibilidade de uma nova concepção de surdez, reconhecendo a identidade e a diferença da pessoa surda, questionando as práticas sociais, que podem possibilitar melhor condição à pessoa surda de estar no mundo.

Sá (s/d) lembra que os Estudos Surdos surgiram de movimentos surdos e são reconhecidos como ramificação dos Estudos Culturais, tendo em vista que enfatizam questões de cultura, das diferenças, das práticas discursivas e das lutas por poderes e saberes. A autora ressalta que as produções dos Estudos Surdos vêm contribuindo com as pesquisas na área de educação de surdos, em que os objetivos estão focados nos estudos das identidades, línguas, projetos educacionais, artes, história, nas comunidades e culturas surdas, compreendidas a partir das diferenças

e reconhecimento político.

Os Estudos Surdos contrariam a interpretação da surdez como deficiência, daqueles que veem a pessoa surda como incapaz e limitada. De acordo com Sá (s/d), os Estudos Surdos reconhecem a comunidade surda enquanto grupo culturalmente organizado, de pessoas que se reconhecem como detentores de identidades e culturas próprias, reconhecendo e enfatizando a diferença e não a deficiência.

Tendo como ponto de partida esses pressupostos, os debates e reflexões sobre as pessoas devem ser no sentido de empenhar-se na busca de novas possibilidades que possam contribuir e melhorar as condições de as pessoas surdas estarem no mundo. Os Estudos Surdos são ramificações dos Estudos Culturais, dando ênfase à luta contra a interpretação da surdez como deficiência, pois os surdos são comunidades organizadas e que não se definem culturalmente como deficientes ou doentes. Com base nos pressupostos teóricos dos Estudos Surdos, eles são vistos como pessoas que interagem com o mundo principalmente por meio das experiências visuais, compartilhando uma língua em comum.

O termo cultura visual pode englobar uma variedade de formas de representação, desde as artes visuais e o cinema, até a televisão e a propaganda, atingindo ainda áreas em que, em geral, não se tende a pensar em cultura visual – as ciências, a justiça, a medicina, por exemplo. A cultura visual se ocupa da diversidade do universo de imagens. O conceito de ‘cultura visual’ foi introduzido no debate acadêmico como um novo foco de investigação e rapidamente tornou-se tema de uma discussão acalorada [...] (MONTEIRO, 2008 apud SOUZA, 2016, p. 44).

Ao estudar a história da cultura surda, observa-se que ela foi marcada por inúmeros estereótipos, como a imposição da língua da cultura dominante ou representações sociais da surdez como deficiência.

As discussões sobre cultura surda vêm ganhando força e adentrando em diversos espaços, a comunidade surda luta pelo reconhecimento de sua cultura e os espaços educativos procuram entendê-la. Esse tema não é nada simples e provoca diferentes manifestações, que vão desde a exaltação até a negação. Durante anos os surdos foram tachados de deficientes, sujeitos incapazes e sem fala. Foi negado aos surdos o direito de serem vistos como um grupo cultural, como se eles não fossem capazes de produzir significados a partir de suas experiências.

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções

visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (STROBEL, 2009, p. 22)

Assim, entende-se que as experiências culturais dos surdos são construídas visualmente, pois os mesmos percebem o mundo pelos olhos, pautados pelos diversos elementos culturais presentes ao seu redor, por meio de artefatos culturais que refletem as particularidades da cultura surda. Vale ressaltar que, conforme lembra Strobel a cultura surda envolve as “atitudes do ser surdo, de ver, de perceber e de modificar o mundo” (STROBEL, 2008, p. 38).

De acordo com Gomes (2011), a expressão cultura surda é nova e vem ganhando importância a partir dos anos de 1990. Tal expressão tem funcionado como um conceito legitimado pela comunidade surda, ganhando status de verdade.

Gomes (2011) afirma que a cultura surda é tematizada pelos atravessamentos, encontros e experiências derivados dos “saberes sujeitos” do povo surdo, saberes esses que são entendidos como saber nativo, sem tutela, saberes locais, singulares, que muitas vezes são invalidados por um conhecimento histórico, erudito, considerado exato e verdadeiro. Os saberes aos quais a autora se refere são aqueles produzidos pelos indivíduos surdos e que vão sendo constituídos numa gama de significados sobre a cultura surda.

Os estereótipos agredem a cultura surda e, segundo Strobel<sup>18</sup> (2008), podem gerar conflitos de identidade, desvalorizando suas diferenças. É pela cultura que os sujeitos surdos asseguram a sua sobrevivência e afirmam suas identidades.

Discutir cultura surda torna-se essencial para que possamos entender a afirmação do surdo enquanto surdo, respeitando-os enquanto diferentes.

Os estereótipos sobre a cultura surda levam as pessoas a questionar o que é cultura surda. Segundo Strobel, esses questionamentos existem, pois, há muitas pessoas que não conhecem como é o mundo dos surdos e tiram conclusões erradas acerca deles<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Escritora surda, trabalhou mais de 25 anos como professora de surdos em Curitiba, e por 10 anos fez parte de equipe pedagógico de DEE/SEED (Secretaria de Educação do Paraná). Doutora na área de Educação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bolsista CNPq, formada em Pedagogia na UTP (Universidade Tuiuti do Paraná) e com especialização em área de surdez. Disponível em <http://www.escavador.com/sobre/3326802/karin-lilian-strobel>, acesso em 11/11/16.

<sup>19</sup> Povo Surdo, de acordo com Strobel (2008, p. 30-31), é um grupo de sujeitos que usam a mesma língua, têm costumes, história, tradições comuns e interesses semelhantes, que não habitam o mesmo local, mas estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual,

Lane (1992) *apud* Strobel (2008) explica que é comum as pessoas deduzirem que os surdos vivem isolados e que para interagirem é preciso adquirir cultura ouvinte, isto é, para viver “normal”, segundo a sociedade, é preciso ouvir e falar.

Conforme Lima e Ribas (2015), a falta de reconhecimento da cultura e identidade surda causou ao Povo Surdo sérios problemas, pois durante muitos anos a língua de sinais foi proibida, na intenção de forçar os “preguiçosos” a falar. Devido ao grau de surdez, poucos aprendiam a falar, com isso os que não conseguiam recebiam castigos, chegando a ter suas mãos amarradas, eram isolados da sociedade e tinham a perda de seus direitos como cidadãos, pois se não falassem não eram considerados cidadãos de direito.

Hoje os surdos ainda são vistos muitas vezes com um olhar de curiosidade, outras vezes com um olhar de deboche, há aqueles que têm medo de se aproximar alegando não saberem a “língua deles”, assim como há os que zombam deles por serem diferentes. De acordo com Strobel (2008), os surdos ainda são vistos como sujeitos incapazes e deficientes.

É importante olharmos para a cultura surda como algo intrínseco ao Povo Surdo que convive com a comunidade surda<sup>20</sup>, de pessoas que compartilham muitas coisas em comum como: língua, valores, normas e comportamentos. É o modo de o surdo olhar o mundo e de entendê-lo e modificar este mundo tornando-o acessível e ajustando-o as suas percepções visuais.

Sá, sustenta que “a culta surda é entendida como um campo de luta entre diferentes grupos sociais, em torno da significação do que sejam a surdez e os surdos no contexto social e global” (SÁ, 2010, p.103). Em meio à sociedade ouvinte, os surdos estão em constante luta para serem reconhecidos a partir de sua diferença, e não serem olhados como doentes ou deficientes, para que a língua de sinais seja difundida e sejam vistos como seres humanos capazes.

---

independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, cultura surda e quaisquer outros laços.

<sup>20</sup> **O povo surdo** é grupo de sujeitos surdos que tem costumes, história, tradições em comuns e pertencentes às mesmas peculiaridades, ou seja, constrói sua concepção de mundo através da visão. **A comunidade surda**, na verdade não é só de surdos, já que tem sujeitos ouvintes junto, que são família, intérpretes, professores, amigos e outros que participam e compartilham os mesmos interesses em comuns em uma determinada localização que podem ser as associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros.” (STROBEL, 2009, p. 06).

No entanto, se o surdo tem vergonha de usar a língua de sinais, não se reconhece enquanto surdo, mas sim como deficiente, então, estará atrelado ao conceito que a sociedade atribuiu a ele: não diferente e sim deficiente e incapaz.

A cultura surda aponta para o hibridismo cultural, nesse sentido Burke *apud* Karnopp, afirma que “todas as culturas estão envolvidas entre si”, “nenhuma delas é única e pura, todas são híbridas, heterogêneas” (BURKE *apud* KARNOPP ET. AL.,2011, p. 20), tendo em vista que os surdos vivem em um ambiente bilíngue e multicultural, atravessando fronteiras, mas com uma língua própria e o partilhamento da cultura com pessoas ouvintes.

Canclini *apud* Karnopp, reforça “que a cultura surda é vista como algo híbrido, fronteiriço, em que cada grupo cria “estratégias de diferenciação que organizam a articulação histórica de traços selecionados em vários grupos para tecer suas interações” (BURKE *apud* KARNOPP ET. AL.,2011, p. 19).

Segundo Heidegger *apud* Bhabha, “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual “algo começa a se fazer presente” (HEIDEGGER *apud* BHABHA, 2013, p. 19). Assim, de acordo com Karnopp (2011), a cultura surda está presente entre nós, buscando o reconhecimento, a afirmação de suas tradições e a recuperação de suas histórias que foram reprimidas.

Presentes numa complexidade social em uma área de conflitos que são gerados em busca de significação, os surdos são atravessados por relações de poder/saber.

Strobel (2008) aponta algumas peculiaridades da cultura surda que são denominadas “artefatos culturais”: “tudo que se vê e se sente”, assim como vestuário, a maneira de o sujeito surdo se dirigir a outro, tradições, normas, valores etc.

No campo dos Estudos Culturais, de acordo com Strobel (2008), o conceito “artefatos” não se refere apenas aos materialismos culturais, mas àquilo que na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, de ver, entender e transformar o mundo.

A autora cita alguns artefatos que ilustram a cultura do Povo Surdo. Dentre eles destacam-se: a experiência visual, a linguística, a família, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais, política e materiais.

Com a perda da audição, a visão é de extrema relevância para o surdo,

pois é pela experiência visual que ele processa as informações e que compreende o mundo a sua volta.

De acordo com Silva (2010), a cultura não existe por si só, nem ao negar a outra, mas em relação a ela. A partir desse pressuposto, a experiência visual é um artefato que caracteriza a cultura surda em relação à cultura ouvinte. Com a ausência da audição e do som, os surdos percebem o mundo pela visão.

Strobel (2008) salienta que em referência à identidade cultural dos surdos, a “experiência visual” se refere ao sentimento de pertencimento a uma cultura, na interação do sujeito surdo com sua comunidade. Perlin e Miranda (2003) falam que a experiência visual significa:

[...] a utilização da visão, em (substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua e sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura. (PERLIN e MIRANDA, 2003, p. 218)

Outro artefato cultural do Povo Surdo é o linguístico, a língua de sinais, aspecto essencial da cultura surda.

A comunidade surda de cada país dispõe de língua de sinais própria. No Brasil, a Libras é a língua reconhecida como sendo dos surdos brasileiros, reconhecida e oficializada pela Lei 10.436/02, que a tem como língua natural e como meio legal de comunicação e expressão, e é por meio dela que os surdos devem receber instrução. A Libras acontece por meio da utilização de sinais, pelo canal de comunicação espaço-visual.

De acordo com Strobel (2008), a língua de sinais é de extrema importância para a cultura surda, mesmo os surdos que não conhecem a Libras criam os seus sinais para se comunicarem.

[...] a língua de sinais é um aspecto fundamental da cultura surda [...] incluem também os gestos denominados “sinais emergentes” ou “sinais caseiros” [...] dos sujeitos surdos isolados [...] que procuram entender o mundo através dos experimentos visuais e procuram comunicar apontando e criam sinais [...] criam sinais que representam seu cotidiano. (STROBEL, 2008, p. 44)

A língua de sinais, como qualquer outra língua, assume o papel de articular conhecimento, desenvolvimento e aprendizado, é por meio de uma língua em comum que se proporciona o acesso à informação e se asseguram a identidade

e a cultura surda, transmitidas de geração em geração ao Povo Surdo.

Segundo Rosa (2009), a língua de sinais é ponto de referência para a instrução, interação, educação, e o mais importante de tudo: é um direito do surdo. Impossível de ser desprezada, inegavelmente indispensável, a língua de sinais, pode-se dizer, é a alma da cultura surda.

A língua de sinais é a forma de comunicação que capta as experiências visuais dos surdos, faz parte da experiência vivida pela comunidade surda, é a característica identitária de maior importância. É pela língua de sinais que o surdo irá transmitir e adquirir o conhecimento universal.

Sá (2010), atribui ao uso da língua de sinais a construção da(s) identidade(s) do surdo pelo seu valor como instrumento de comunicação, de reflexão, de troca, de posicionamento e de crítica.

Mesmo sofrendo repressão, a língua de sinais não deixou de ser transmitida nas comunidades surdas, ela não foi extinta. A língua de sinais é a primeira língua do Povo Surdo, a qual é de modalidade espaço-visual.

Strobel (2008) nos relata que há diferenças na forma de olhar das famílias surdas para seus filhos surdos, segundo a autora o nascimento de uma criança surda para as famílias surdas é um acontecimento, pois eles não olham para a criança surda como um problema social.

As famílias ouvintes, quando se deparam com um diagnóstico de surdez do filho, entram em luto e se culpam por terem gerado filhos “deficientes” e desejam torná-los sujeitos “normais”. O surdo da família ouvinte terá problemas como a falta de diálogo, orientação e a falta de noção do que é a cultura surda, sendo excluído das conversas e discussões em seu lar.

Sacks (2010) nos relata um trecho sobre a autobiografia de Léo Jacobs que se reporta a um jantar em família:

Você fica fora da conversa à mesa do jantar. É o que se chama de isolamento mental. Enquanto todos os outros falam e riem, você se mantém tão distante quanto um árabe solitário num deserto que se estende para o horizonte por todos os lados. [...] Sente-se ansiosa por um contato. Sufoca por dentro, mas não pode transmitir esse sentimento horrível a ninguém. Não sabe como fazê-lo. Tem a impressão de que ninguém compreende nem se importa. [...] Não lhe é concedida sequer a ilusão de participação. [...] (SACKS, 2010, p. 136).

Em famílias nas quais todos os membros são surdos, a realidade é bem diferente. De acordo com Strobel (2008), as crianças têm informações na língua de

sinais, pois são expostas à língua de sinais desde o nascimento, o que as ajudam a compreender os artefatos culturais do Povo Surdo.

Outro artefato cultural do Povo Surdo apontado por Strobel (2008) refere-se à literatura surda, pois segundo a autora é através dela que são traduzidas as memórias das vivências surdas por várias gerações. A autora lembra que “a literatura surda se refere às várias experiências pessoais do povo surdo e, muitas vezes, expõe as dificuldades, as opressões ouvintes e de como se saem em diversas situações inesperadas”. [...] (STROBEL, 2008, p. 56).

Inúmeras obras escritas por autores surdos vêm sendo publicadas, e contribuem para a divulgação da cultura surda, nelas os autores relatam suas experiências enquanto surdos, o que é repassado para várias gerações, contribuindo de forma positiva, pois valorizam a cultura surda pelo Povo Surdo. Strobel afirma que “o processo permanente de respeito do “ser surdo” muda a visão da história, o que garante o valor dos direitos culturais para o povo surdo, transformando as relações de poder desde a vida privada até os espaços públicos” (STROBEL, 2008, p. 57).

O Povo Surdo sempre transmitiu suas histórias pela língua de sinais, e com o passar do tempo teve a necessidade de registrá-la para que não se perdesse e assim contribuísse com a formação cultural de seu povo, surgindo desse modo o registro da literatura surda.

Strobel (2008) aborda a vida social e esportiva do Povo Surdo como artefato cultural, pois, de acordo com a autora, as festas, os casamentos entre surdos, atividades de lazer nas associações, eventos esportivos e outros são acontecimentos culturais.

O Povo Surdo também realiza desfiles de misses surdas, bailes, partidas de futebol, fazem entregas de medalhas e troféus. Outra tradição cultural é que batizam os membros de suas comunidades com sinais, que são baseados em características físicas; os sinais atribuídos também podem estar relacionados à primeira letra do nome ou à profissão.

As artes visuais que de acordo com Strobel (2008) sintetizam as emoções do Povo Surdo, suas histórias, subjetividade e cultura surda, também são outro artefato cultural. A autora lembra que “o artista surdo cria a sua arte para que o mundo saiba o que pensa, para divulgar as crenças do povo surdo, para explorar novas formas de “olhar” e interpretar a cultura surda” (STROBEL, 2008, p. 66).

Retrata-se ainda a discriminação e o preconceito sofridos pelo Povo Surdo, suas experiências pessoais, o distanciamento da família devido à falta de comunicação, por meio do teatro, das pinturas, desenhos, esculturas e outros. A música, por exemplo, não está presente na cultura surda, mas Strobel alega que “a música [...] não faz parte da cultura surda, mas os sujeitos surdos podem e têm o direito de conhecê-la como informação e como relação intercultural” (STROBEL, 2008, p. 70).

A política, de acordo com Strobel (2008), é outro artefato cultural do Povo Surdo, que equivale aos movimentos e lutas por seus direitos. Historicamente, esse povo transmitiu suas tradições em organizações das comunidades surdas, e que o espaço cultural mais conhecido são as associações de surdos, em que partilham interesses em comum, buscam seus direitos judiciais e cidadania.

A autora nos aponta algumas organizações do artefato cultural de extrema importância para o Povo Surdo, tais como Federação Nacional de Educação de Surdos (FENEIS) e Confederação Brasileira de Desportos dos Surdos (CBDS).

Strobel (2008) afirma que os artefatos políticos abrem espaço para uma educação em que se respeite a diferença e não devem ser considerados como entretenimento, mas como espaços que colaboram para a constituição das identidades positivas ao povo surdo.

A luta por uma pedagogia surda<sup>21</sup>, que é a educação almejada pelo Povo Surdo, vem ganhando força no cenário nacional atualmente, pois “a pedagogia surda é uma educação sonhada pelo povo surdo, visto que a luta atual dos surdos é pela constituição da subjetividade ao jeito surdo de ser” (STROBEL, 2008, p. 74).

Conquistas como o reconhecimento da língua de sinais enquanto língua, a comemoração do Dia Nacional dos Surdos, entre outras, conquistas estão

---

<sup>21</sup> De acordo com Skliar (1999), os Estudos Surdos, que defendem uma Pedagogia Surda se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, em que as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas, são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político. Nessa perspectiva, o surdo é reconhecido como um sujeito completo e não como um sujeito deficiente, a quem falta algo. Ainda que não seja desconsiderada a ausência ou deficiência do sentido da audição, a Pedagogia Surda não valoriza aquilo que falta, mas a cultura visual dos surdos em suas práticas. No entanto, durante muitos anos, houve a tentativa de normalizar os surdos com práticas oralistas que tentaram aproximá-los dos ouvintes. Mas essa tentativa sofreu resistência por parte do Povo Surdo, que lutou pelo reconhecimento de sua língua própria, a Língua de Sinais. Disponível em: [http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/libras/unidade3/pedagogia\\_surda.htm](http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/libras/unidade3/pedagogia_surda.htm). Acessado em 16/11/16.

relacionadas aos movimentos organizados por instituições consideradas espaços culturais do Povo Surdo.

Strobel (2008) apresenta o último artefato cultural, materiais, que é definido com “materiais resultantes da transformação da natureza pelo trabalho humano, sendo sua utilização condicionada pelo enleio do comportamento cultural dos povos surdos, que auxilia na acessibilidade na vida cotidiana de sujeitos surdos” (STROBEL, 2008, p. 76).

A autora apresenta as tecnologias que favorecem a acessibilidade do surdo em seu cotidiano. Como artefatos materiais ela cita o TDD (Telephone Device for the Deaf), instrumentos que emitem sinal de luz como campainha, o sinal da escola, despertadores com vibração, legendas e o TTY (Teletypewrite).

Existe também a acessibilidade linguística dos surdos em outros espaços como: congressos, sala de aula, audiências judiciais e vários outros lugares, e essa acessibilidade é viabilizada pela presença do intérprete de língua de sinais, que exerce a função de captar e transformar toda informação oral em língua sinalizada.

Strobel (2008) lembra que Os Estudos Culturais motivaram os surdos a buscar o reconhecimento da língua de sinais, das identidades e, na percepção da construção de subjetividade dos surdos, foi então que começaram a ganhar força a consciência política. Somente com a libertação do surdo em relação a seu colonizador surge a preocupação em resgatar o sujeito surdo de seu anonimato e inseri-lo em seu convívio social.

### 3.2 LINGUAGEM E IDENTIDADE CULTURAL

Relacionado à Cultura Surda, a experiência visual se tornou um forte elemento dessa cultura em relação à cultura ouvinte. Isso não significa dizer que as experiências culturais façam parte só do universo surdo, mas também são elemento da cultura ouvinte, porém o papel central e constituinte dos processos formativos torna a experiência visual potencialmente um artefato que fortalece os discursos culturais surdos.

Strobel (2008) salienta que é pelas experiências visuais que os sujeitos surdos percebem o mundo e constituem suas identidades.

A experiência visual de vida, de acordo com Skliar (1999), é uma característica que diferencia e define os surdos, pois é a visão para eles o mais

importante dos sentidos, ela é o canal por meio do qual os surdos mantêm contato de forma mais completa com o mundo que os cerca e com a realidade objetiva da vida, sendo a visão primordial para os surdos, assim como o ouvir é o mais sedutor dos sentidos para o ouvinte.

Dentre os artefatos culturais, cabe ressaltar que a experiência visual é uma das mais importantes, pois é por meio dela que o surdo aprende e se desenvolve cognitivamente e socialmente.

De acordo com Skliar (2013), a concepção sócio-antropológica compreende a surdez como uma experiência visual e que não restringe à capacidade de produção e compreensão essencialmente linguística ou a um tipo peculiar de processamento cognitivo, mas se traduz em todos os tipos de significações, produções do surdo, seja no campo linguístico, cognitivo, intelectual, ético, estético, artístico-cultural etc.

De acordo com Gesueli (2006), a língua de sinais está profundamente relacionada à cultura surda. A autora ressalta a linguagem como uma atividade construtiva, há uma relação língua, linguagem e identidade em que o sujeito e a língua se constituem em interação com os outros.

De acordo com Simon-Mexias (2012), a linguagem é um traço cultural adquirido devido ao fato de a pessoa pertencer a uma determinada sociedade, mesmo que para isso não tenha a disposição inata, fazendo uso daquela que a sociedade lhe transmitiu. O uso da linguagem é compartilhado socialmente por um grupo, não ocorrendo em fatos isolados, pressuposto que decorre da relação entre língua e linguagem, fatores esses que estão ligados intimamente à noção de cultura. Deve ser levado em consideração o ponto de vista cultural, pelo qual o sujeito é constituído pela linguagem.

Partindo desse pressuposto, afirma-se que ao falar em indivíduo que se relaciona com o seu meio, refere-se ao sujeito que compreende de modo particular a cultura e os valores desse meio.

Com base nos pressupostos teóricos da perspectiva intercultural, a identidade surda se constitui numa cultura visual, assim o processo de criação da mesma está relacionado ao espaço e à criação, ou seja, um espaço cultural visual.

Por se tratar de uma língua espaço-visual, o processo de criação de muitos sinais está relacionado à iconicidade, que engloba as características semelhantes que o ícone tem em relação ao objeto que representa.

### 3.3 IDENTIDADE E CULTURA

#### 3.3.1. Identidade

Na atualidade o sujeito se constitui em um mundo de inúmeras transformações que ocorrem de forma acelerada nos processos de informação e comunicação. Transformações essas que não decorrem apenas do campo econômico, tecnológico, científico, mas também no âmbito cultural, em que as significações e as representações culturais se multiplicam em diferentes sociedades, permitindo a constituição de um sujeito híbrido, o qual não tem uma e sim várias identidades, negociadas e alteradas pelas relações de poder.

O conceito de identidade vem passando por inúmeras mudanças. Hall (2014) identifica três concepções e identidade: a do sujeito iluminista, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno.

A concepção do sujeito iluminista compreende um sujeito dotado de razão e capacidades, unificado, um indivíduo centrado, autônomo, em que o “eu” era a identidade da pessoa, o qual nascia e se desenvolvia permanecendo essencialmente o mesmo ao longo da vida.

A concepção do sujeito sociológico apresenta o sujeito sociológico, que era um indivíduo que não era autônomo e autossuficiente, mas passando a considerar as influências da vida em sociedade na constituição de sua identidade, sendo formada pela interação entre o “eu” e a sociedade, em que os valores e os significados da cultura são internalizados pelo indivíduo nas suas relações sociais.

A concepção do sujeito pós-moderno “assume diferentes identidades em diferentes momentos” (HALL, 2014, p. 12), ele se caracteriza pelas mudanças, pela diferença, pela inconstância, e as identidades permanecem abertas. Segundo o autor, as mudanças estruturais nas sociedades contemporâneas colocam o sujeito em convívio com diferentes sistemas culturais, empurrando-o em diferentes direções, proporcionando a existência de um sujeito dotado de várias identidades.

A identidade nos estudos pós-modernos vem sendo demonstrada como móvel, e pode ser redirecionada. No mundo moderno a identidade se forma pela relação que se estabelece com os outros. Segundo Hall, “a identidade plenamente unificada, complexa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2014, p. 13). De

acordo com o autor, as velhas identidades, as quais fixavam os sujeitos como unificados, estão em declínio, pois vem ocorrendo um amplo processo de mudança que abala os quadros referenciais que davam ao indivíduo uma ancoragem fixa no mundo social.

Com base nos pressupostos apresentados por Hall (2014), nenhuma identidade é fixa, estável, coerente, imóvel ou permanente; podemos afirmar que a identidade é construída numa linha sócio histórica. O autor reforça que o sujeito que antes era visto como dotado de uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado, composto não de uma, mas de várias identidades. Hall (2014) afirma que a identidade é, no entanto, formada e transformada de forma histórica e contínua, conforme o sistema cultural que permeia o indivíduo.

Bauman (2005) afirma que falar sobre identidade é falar sobre deslocamento, pois segundo o autor nós pertencemos a várias comunidades, tendo assim várias identidades.

De acordo com Woodward (2014), a identidade depende da outra para a sua existência, a identidade é relacional, ou seja, depende de algo exterior para existir, para a autora, a identidade é marcada pela diferença: sem o Outro, ela não faz sentido, as identidades não são unificadas. Para a autora, a identidade, no entanto, é marcada pela diferença, o que evidencia a exclusão do sujeito, e é por meio de uma cultura normativa imposta pela sociedade que ele será excluído ou tido como inferior. Ela esclarece que a construção da identidade é social, e simbólica, trata-se um processo distinto, mas de suma importância para a construção e manutenção das identidades. Segundo a autora, é por meio da construção simbólica que as práticas e as relações sociais ganham sentido, definindo assim quem são os excluídos e os incluídos. Tais classificações de diferença ocorrem devido à condição social, e nas relações sociais são vivenciadas.

A partir desses pressupostos, entendemos que a identidade de uma pessoa não é estática, está em constante movimento, não podendo ser vista como algo pronto e acabado, pois seria um erro muito grande pensar que todas as pessoas são iguais e, assim, todos devem receber o mesmo tratamento.

### 3.3.2 Identidade surda

Hall (2014) apresentou três concepções de identidade do sujeito, e sua concepção de identidade do sujeito pós-moderno vê uma identidade fragmentada. A

partir dessa premissa, pode-se considerar a questão cultural dos surdos, que vivenciam a cultura surda, mas estão inseridos na cultura ouvinte.

Logo, o sujeito se constitui ao estabelecer contato com o meio, assim um surdo que vive afastado dos surdos e da comunidade surda e se relaciona com ouvintes que veem a surdez como patologia (uma deficiência a ser tratada) pode construir uma identidade tendo essa perspectiva como base.

Por outro lado, há o surdo que vive em contato como outros surdos numa comunidade surda, na qual usam a língua de sinais para se comunicar, narrar suas histórias e se constituir. “A identidade surda se constrói dentro de uma cultura visual” (PERLIN, 1998, p. 58).

Para Perlin (1998), a discussão sobre as identidades surdas está pautada no tocante à alteridade, que nos permite nos afastarmos da ideia de corpo danificado, deficiente, e nos aproximarmos da dependência e da resistência cultural do povo surdo, pois de acordo com a autora a história, a língua de sinais, a necessidade de uma comunicação visual, a utilização das mãos para estabelecer uma comunicação, a arte e a educação específica dos surdos são símbolos que constituem a identidade surda, e se a pessoa surda segue esses símbolos, ou seja, essas especificidades, significa que ela se encontra enquanto sujeito surdo, o que lhe permite entender que não é um sujeito vazio e sim alguém dotado de uma totalidade significativa.

Perlin (1998) nos apresenta locais em que tramita a identidade surda, chamados por ela de locais de transição, os quais são: os meios sociais ouvintes, as comunidades surdas e o movimento cultural antiouvintista. O primeiro local de transição nos remete à ideia do sujeito iluminista, do normal, perfeito, do ouvinte. A autora fala da existência de representação da identidade hegemônica, ou seja, o ouvinte que interfere no diferente, pois diante da identidade dominante a ouvinte leva a identidade surda a ser vista como identidade subalterna. O surdo que vive nessa condição, segundo a autora, vive em condições de subordinação, vive exilado.

O segundo local de transição, de acordo com a autora, ocorre quando o surdo vai em busca de locais onde ele possa se encontrar, aprender e ir de encontro com sua identidade que emerge, se afirmando e apagando a identidade dominante. Encontrar-se com outros surdos é a possibilidade de se afirmar as identidades surdas, narrando-se diferentemente a partir de novas experiências, as quais são compartilhadas dentro da comunidade surda. “A constituição de uma identidade

surda distante da deficiência pode se dar no encontro com o “semelhante” (PERLIN, 1998, p. 14).

O terceiro lugar de transição acontece no movimento cultural antiouvintista dos surdos, em que os surdos lutam por uma revitalização de um estilo de vida surdo, para conservar e garantir a identidade cultural do povo surdo. A convivência dos surdos nesses movimentos aproxima-os da identidade surda, em que são estabelecidos relacionamentos, aproximando surdo-surdo, e aí acontecem as conquistas históricas, o pensar surdo, assim “[...] a identidade surda é uma luta instável e nunca será fixa... [...], o movimento surdo define o surdo” (PERLIN, 1998, p. 16).

Ao olharmos para as diferenças existentes entre os surdos, percebemos a fragmentação das identidades surdas, as quais mudam constantemente em um sujeito e de um sujeito para o outro, não existindo um modelo único de identidade surda, pois “as identidades surdas estão nos sujeitos surdos e se constituem de diferentes formas a partir das diferentes representações e concepções” (PERLIN, 1998, p. 19).

Perlin (1998, p. 20-23), pesquisadora surda brasileira, cita algumas das várias identidades comuns entre o povo surdo:

- **Identidade surda (identidade política):** fortemente marcada pela política surda, diz respeito aos surdos que fazem parte da comunidade surda, os que apresentam características culturais como: usam sempre a língua de sinais e carregam consigo as experiências visuais, se aceitam como surdos, precisam de intérpretes e de uma educação diferenciada, transmitem a sua cultura a outros surdos, assumem posição de resistência e buscam uma delimitação da identidade cultural. Não conseguem assimilar a estrutura da língua falada, necessitam de tecnologias específicas para as suas necessidades;
- **Identidade surda híbrida:** são os surdos que nasceram ouvintes e com o tempo, por motivo de acidente ou por causa de alguma doença, ficaram surdos. A maioria usa a língua de sinais para se comunicar, alguns conhecem a estrutura da Língua Portuguesa, isso depende da idade em que ficaram surdos, assumem um comportamento de pessoas surdas e se aceitam como tais, convivem pacificamente com as identidades surdas, necessitam de tecnologias específicas, precisam e aceitam intérpretes;

- **Identidade surda de transição:** são os surdos que foram mantidos em cativeiro da hegemônica representação da identidade ouvinte e se afastam da identidade surda, vivem o momento de trânsito entre uma identidade e outra, e quando têm contato com a comunidade surda passam pelo processo de des-ouvintização, ou seja, rejeitam a identidade ouvinte, passam da comunicação visual/oral para a comunicação visual/sinalizada;
- **Identidade surda incompleta:** uma identidade surda reprimida, ou seja, vivem sob uma ideologia ouvinte, que deseja socializar o surdo de acordo com a cultura dominante. Ocorre a privação do aprendizado da sua língua, os mesmos se consideram deficientes;
- **Identidade surda flutuante:** estão presentes os surdos que vivem e se manifestam a partir da hegemonia dos ouvintes, desprezam a cultura surda, não têm compromisso com a comunidade surda, têm dificuldades de relacionamento com as comunidades surdas e ouvintes, pois falta-lhes a língua de sinais e também a língua oral.

Com base nos pressupostos teóricos apresentados por Perlin (1998), podemos afirmar que as identidades surdas não são fixas. Perlin (1998), reforça que as identidades surdas estão em construção, sendo móveis e que podem frequentemente ser transformadas. Esse movimento conduz o surdo para diferentes posições.

Sá (2010) diz que a identidade é uma construção inacabada, que está ligada à estrutura discursiva e a sistemas de representação: por isso, o que se diz para os surdos contribui para a formação de sua(s) identidade(s), pois para a autora “a(s) identidade(s) surda(s) não se constrói(oem) no vazio, forma(m)-se no encontro com os pares e a partir do confronto com novos ambientes discursivos” (SÁ, 2010, p. 124).

A identidade surda, assim como outras identidades, é móvel, descentrada, dinâmica e transformada continuamente pelas representações em diferentes sistemas culturais. De acordo com Perlin (1998) o contato do surdo com outro surdo é essencial para que o surdo possa se reconhecer enquanto surdo e construir sua identidade.

### 3.4 A LÍNGUA DE SINAIS INDÍGENA

Devido à necessidade de comunicação e expressão, os surdos criaram a línguas de sinais, que é a língua natural das comunidades surdas no Brasil e no mundo. De acordo com Skliar, a língua natural não é entendida como uma espontaneidade biológica, mas “foi criada e é utilizada por comunidades surdas, é específica de usuários e se transmite de geração em geração e que muda tanto estrutural como funcionalmente com o passar dos anos” (SKLIAR, 2013, p. 27).

Segundo a Lei 10.436/02 a Libras é

[...] reconhecida como meio de comunicação e expressão, tem sistema linguístico visual-motor, com gramática e estrutura próprias.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) a forma de comunicação e expressão baseada no sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituindo um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002, s/p).

A língua de sinais é um dos elementos da pluralidade da cultura e identidade surda. Strobel (2008) enfatiza que para que o surdo tenha acesso às informações e aos conhecimentos é necessário que, além da construção de sua identidade, ele tenha ligação com o povo surdo que usa a língua em comum, sendo a língua de sinais uma das principais marcas da identidade do povo surdo. De acordo com a autora, somente a partir da língua de sinais o surdo conseguirá ter êxito em seu desenvolvimento cognitivo, emocional e cultural, assim como o conhecimento universal.

Segundo Strobel (2008), ao refletirmos sobre o indígena surdo, na construção de sua identidade e cultura, compreende-se que o contato linguístico é fundamental, assim é possível afirmar que os surdos indígenas que vivem em comunidades afastadas têm uma comunicação criando os “sinais emergentes” de que fala.

No entanto, incluem também os gestos denominados “sinais emergentes” ou “sinais caseiros” dos sujeitos surdos de zonas rurais ou sujeitos isolados de comunidades surdas que procuram entender o mundo por meio dos experimentos visuais e se comunicar apontando e criando sinais [...] (STROBEL, 2008, p. 44).

Sobre essa questão, Vilhalva enfatiza que: “[...] os sinais emergentes,

também considerados sinais caseiros, são essenciais, quando vistos como comunicação natural usada em um espaço familiar ou social [...]” (VILHALVA, 2012, p. 30). Strobel (2008) comenta que os surdos indígenas partilham das mesmas particularidades das comunidades surdas, construindo suas próprias visões de mundo com artefatos culturais próprios da cultura e identidade surda relacionados às experiências visuais.

Embora compartilhem dessas características, os surdos brasileiros vivem geograficamente separados, o que torna a comunicação de muitos grupos limitada. Por se tratar de um país com grande área territorial, o Brasil apresenta também uma ampla diversidade cultural.

Na contemporaneidade há vários estudos e pesquisas realizados no Brasil voltados para o mapeamento das línguas de sinais indígenas. Uma das pesquisas mais conhecidas sobre as línguas de sinais indígenas foi realizada por Lucinda Ferreira em 1982 com os Kaapor no estado do Pará. A pesquisadora viveu entre os indígenas Kaapor para identificar os sinais que eram utilizados nos processos de comunicação e expressão.

Ramos (s/d, p. 5), nos relata que na tribo Urubu-Kaapor até os ouvintes se comunicam por meio da língua de sinais; mesmo existindo a língua oral na tribo, a autora relata que entre os Kaapor há um grande número de pessoas surdas, sendo esse fator essencial para o desenvolvimento de uma língua de sinais.

No ano de 2008, novas pesquisas sobre a língua de sinais indígena surgiram no Brasil. É o caso das pesquisadoras Giroletti (2008) e Vilhalva (2008) que defenderam suas dissertações na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Giroletti realizou a pesquisa na Escola Indígena de Educação Básica Cacique Vanhkre, situada no município de Ipuçu, oeste de Santa Catarina, escola essa que atende somente estudantes indígenas residentes na aldeia. A motivação para o estudo deveu-se à realização de um projeto para a pesquisa do mestrado, que tinha como objetivo ensinar Libras aos indígenas surdos.

Giroletti (2008), em seus estudos e pesquisas, demonstra que os surdos indígenas Kaingang utilizam sinais que têm configuração e ícones relacionados à cultura e identidade do seu povo. A pesquisadora busca demonstrar nas análises dos sinais a presença de sinais gestuais de comunicação e expressão entre os surdos com a presença dos artefatos culturais da cultura e identidade Kaingang.

Vilhalva, em 2008, desenvolveu pesquisa com os indígenas surdos Guarani Kaiowá das aldeias Jaguapirú e Bororó, ambas localizadas no município de Dourados – MS, na qual mapeou e registrou os sinais emergentes utilizados pelos indígenas surdos na comunicação com a família e na escola. Ela afirma que os sinais estão presentes em um contexto plurilíngue das comunidades pesquisadas e que embora haja o intérprete de Libras nas aldeias, observou-se que os indígenas surdos utilizavam entre si alguns sinais diferentes para se comunicar e interagir com amigos e familiares.

Coelho (2011) desenvolveu pesquisa junto ao povo Guarani Kaiowá nos municípios de Amambai, Paranhos e Coronel Sapucaia, todos no estado de Mato Grosso do Sul, e pôde verificar que os sujeitos surdos não interagem no ambiente social e escolar da mesma forma que os sujeitos ouvintes devido à barreira linguística, pois as práticas educacionais não contemplam as diferenças linguísticas da pessoa surda.

Em suas observações no ambiente familiar, Coelho (2011) percebeu que são utilizados alguns sinais particulares, ou seja, sinais criados pelos surdos das aldeias para viabilizar a comunicação entre eles e seus familiares. A autora relata que os indígenas surdos pouco compreendem a Libras, ela percebeu que a conversa era mesclada com sinais da Libras e sinais do próprio povo pesquisado.

Lima (2013) realizou pesquisa com os indígenas surdos Guarani Kaiowá, sobre as formas de inclusão na família e na escola nas aldeias Bororó e Jaguapiru. A pesquisadora narra que observou que a criança surda interage e se comunica com sua família por meio de sinais icônicos. Os pais participantes da pesquisa relatam que sentem muita dificuldade em se comunicar com seus filhos e realizam a comunicação por meio de apontamento em situações emergenciais.

Em outra pesquisa realizada na Comunidade Indígena de Cachoeirinha em Miranda - MS com surdos Terena, Sumaio (2014) menciona que há o uso de sinais e que a maior parte das pessoas não conhece a Libras, mas os surdos Terena, devido ao contato com a Libras, conhecem e a utilizam na escola, mas na aldeia eles se comunicam com sinais próprios criados por eles e que os familiares e amigos mais próximos conhecem os sinais Terena.

Nonaka *apud* Vilhalva (2008) defende o registro das línguas indígenas pelo fato de elas estarem ameaçadas de extinção e sugere que se expandam as discussões para incluir nos registros as línguas viso-espaciais.

Vilhalva (2008), ressalta que no Brasil pesquisas no campo da linguística e políticas linguísticas têm avançado consideravelmente, mas que há ainda escassez de outras, sobretudo sobre as diferentes línguas de sinais das inúmeras comunidades, como as dos povos indígenas.

[...] o Brasil tem também outras línguas de sinais que são raramente registradas; Sendo tais línguas, como as línguas de sinais indígenas, praticadas pelos índios surdos existentes em diversas comunidades indígenas do país, onde cada uma delas traz consigo características culturais e linguísticas variadas, o que faz com que haja o interesse em registrá-las, assim como são registradas outras línguas brasileiras de diferentes comunidades, com suas especificidades culturais, étnicas, regionais, etc. [...] (VILHALVA, 2008, p. 01)

Libras é a língua natural dos surdos brasileiros, mas isso não significa que todos os surdos brasileiros são usuários dela. Há alguns estudos que nos mostram que os indígenas surdos vêm criando sinais para se comunicarem, nesse campo vêm sendo desenvolvidos estudos a partir da década de 1980. Faltam estudos linguísticos para que haja o registro das línguas indígenas de sinais.

Os futuros linguistas poderão registrar a língua de sinais brasileira e as línguas de sinais indígenas, pois, embora o Brasil conte com 225 etnias indígenas que falam 170 línguas orais, há apenas uma de sinais registrada – a LSK (Língua de Sinais Kaapor) cuja existência é mencionada apenas em dicionários e sites. (VILHALVA, 2008, p. 14)

Vilhalva (2008) defende a ideia de que os sinais emergentes utilizados pelos indígenas surgem em decorrência da necessidade de comunicação, passando por sinais indicativos, icônicos e arbitrários. A autora afirma que esses sinais são fruto de uma linguagem num processo visual, usados pelos surdos e seus familiares ouvintes na interação com o meio, e que quando não passados de geração em geração tendem a desaparecer.

Sacks (2010) considera que quando se encontram e há necessidade de se comunicarem, as comunidades linguisticamente diferentes desenvolvem uma língua espontânea, improvisada, sem gramática, que só irá aparecer na geração seguinte, quando os filhos a introduzem nessa língua espontânea dos pais, criando uma língua crioula rica e regida por gramática.

As línguas de sinais, assim como as línguas orais, são consideradas coletivas e sociais, as quais apresentam inúmeros campos a serem pesquisados, pois se considera que esses sinais registrados nos mais diversos trabalhos e

pesquisas realizados atendem a uma necessidade primária de comunicação e interação, pois vêm sendo utilizados em diversos contextos sociais como a escola, a comunidade e a família. Esses sinais merecem atenção especial, pois podem ajudar a preservar a cultura de um povo indígena, independente da etnia.

## SEÇÃO IV - O POVO PAITER SURUÍ: HISTÓRIA E MEMÓRIA

Nesta seção, o objetivo é falar sobre os Paiter Suruí e suas peculiaridades, com o intuito de assegurar o respeito, o reconhecimento para com a cultura e identidade desse povo. Para tanto, faz-se um recorte sobre o percurso histórico do Povo Paiter Suruí, falando sobre as lutas, desafios, conflitos agrários que viveram quando chegaram ao ex-Território Federal de Rondônia

### 4.1 O PERCURSO HISTÓRICO DO POVO PAITER SURUÍ

. Muito antes de o colonizador chegar à Amazônia, a região já era habitada por povos indígenas de diversas etnias. De acordo com Oliveira, Melo e Silva (2015), na atual Amazônia brasileira havia várias culturas diferentes entre si, com línguas distribuídas nos troncos linguísticos Tupi, Aruak, Karib, Tucano, Pano e Jê.

Em decorrência de seus modos de vida, os indígenas conheciam a natureza, sabiam lidar com a terra, dominavam o plantio e a colheita, caçavam e pescavam, construíam suas moradias. Com a colonização, o modo de vida dos mesmos foi alterado, segundo Oliveira, Melo e Silva (2015), pois houve a ocupação portuguesa no início do século XVII, com a fundação do Forte Presépio, onde se originou a cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará.

Desde o início, o contato entre o colonizador e os indígenas foi violento. Os indígenas eram explorados nas atividades agrícolas, nas de artesanato e na coleta das drogas do sertão<sup>22</sup>. Sem direito de decidir se queriam trabalhar ou não, eram destinados aos colonos, não eram remunerados. As mulheres indígenas eram exploradas sexualmente pelos colonizadores.

Dentre as diversas etnias dos povos indígenas na Amazônia, estão os Paiter Suruí. Conforme Mendes (2017), os antepassados dos Paiter Suruí chegaram à região amazônica há muito tempo, devido a conflitos de terra e por almejam a liberdade, o que forçou sua migração para as mais diferentes regiões. Com a

---

<sup>22</sup> Conforme o site Histórias do Mundo, no fim do século XVI, nas terras que hoje correspondem aos estados do Pará e do Amazonas eram extraídos da Floresta Amazônica produtos naturais para uso culinário, medicinal, artesanal e de manufatura, os quais eram denominados de “drogas do sertão”: urucum, guaraná, castanha-do-pará, algodão, fumo, açúcar e mandioca, entre outros. Disponível em: <http://historiadomundo.uol.com.br/idade-moderna/drogas-sertao.htm>. Acesso em: 22/09/17.

chegada dos portugueses no litoral brasileiro em busca de riquezas naturais, os indígenas eram capturados e escravizados, assim os descendentes dessa etnia teriam voltado para a região amazônica.

Mendes (2017) declara que, os Paiter teriam permanecido no Centro-Oeste do Brasil não se sabe por quanto tempo. Com as novas invasões, ocorreram novas fugas para o Norte do país, onde novos conflitos ocorreram. Fugindo da exploração do homem não indígena, migravam para lugares com menos presença humana. Mendes (2017) afirma que antes do contato os Paiter Suruí eram nômades, não por natureza, mas porque viviam em guerra, e para não serem exterminados pelos inimigos estavam sempre mudando. O ato de estar em movimento, na época, era um método para a sobrevivência. Em uma narrativa, o ancião Ilba Suruí relata: “Nossa origem é onde o sol nasce, depois seguimos na direção onde o sol se põe, assim conseguimos chegar aqui” (PAPPIANI e LACERDA, 2016 apud MENDES, 2017, p. 23).

Objetos encontrados em fósseis espalhados pelo estado de Rondônia, de acordo com Mendes (2017), dão consistência às mudanças dos ancestrais dos Paiter Suruí ao Sudeste do Brasil, entretanto deve ser considerada a mobilidade de outros povos na região amazônica, podendo esses vestígios ser de outros povos também. Em Cacoal os moradores mais antigos podem confirmar que a área era eminentemente indígena, pois inúmeros vestígios arqueológicos deixados pelos indígenas foram encontrados em escavações no município.

Lopes (2000) *apud* Mendes (2017) narra que a expedição Rondon entrou em contato com os Paiter Suruí nas redondezas da Vila Cacoal, e que Rondon teria feito amizade com eles. Relata ainda que a expedição encontrou utensílios como pedras em formato de machado e cacos de panelas.

Das dez ramificações do tronco Tupi, seis famílias representantes na região das cabeceiras dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé, onde fica o Estado de Rondônia. A grande concentração de línguas isoladas torna essa região a candidata para a origem do tronco Tupi. (KNEIP e MELLO, 2013, *apud* Mendes, 2017, p. 24)

Segundo Mendes (2017), os achados arqueológicos e as narrativas realçam a possibilidade de os antepassados dessa etnia terem ocupado a região onde está localizado o estado de Rondônia.

#### 4.1.1 O Povo Paiter Suruí e o processo de colonização do estado de Rondônia

Em 13 de setembro de 1943, foi criado o Território Federal do Guaporé, com apenas dois municípios, Porto Velho e Guajará-Mirim. Mas de acordo com Álvares-Afonso (2008) o processo migratório para a atual Rondônia iniciou-se por volta do século XVII com as missões espanholas. No declínio desse mesmo século, às margens do rio Madeira foi construído o Real Forte Príncipe da Beira. O autor relata que havia imigrantes das mais diferentes partes do mundo: portugueses, americanos; e do Brasil, a exemplo dos nordestinos, entre outros.

Por volta do século XVII, na região onde está localizado o atual estado de Rondônia, chegaram algumas missões religiosas. Os colonizadores portugueses, no início do século XVIII, partindo de Belém, subiram o rio Madeira até o rio Guaporé, chegando ao Arraial de Bom Jesus, atual região de Cuiabá, onde encontraram ouro e minérios, o que transformou a região em um cenário de violência. Devido as suas riquezas naturais, a região sempre despertou muita cobiça.

Até o século XVII apenas algumas missões religiosas haviam chegado até a região onde hoje se encontra o Estado de Rondônia. No início do século XVIII os portugueses, partindo de Belém, subiram o rio Madeira até o rio Guaporé e chegaram ao arraial de Bom Jesus, antigo nome da localidade de Cuiabá, onde descobriram ouro. Começaram então a aparecer explorações de bandeirantes pelo vale do rio Guaporé em busca das riquezas minerais da nova área descoberta. (VESTIBULAR1, s/a, s/p)

Por volta de 1960, com a criação e implantação do Programa de Integração Nacional (PIN) por meio do decreto lei nº 1.164 de abril de 1971, o governo do general Emílio Garrastazu Médici incentivou o desenvolvimento do Centro-Oeste.

Art. 1º São declaradas indispensáveis à segurança e ao desenvolvimento nacionais, na região da Amazônia Legal, definida no artigo 2º, da Lei nº 5.173, de 27 de outubro de 1966, as terras devolutas situadas na faixa de cem km de largura, em cada lado do eixo das seguintes rodovias já construídas, em construção ou projetadas:

[... IX - BR-364 - Trecho: Cuiabá-Vilhena-Porto Velho, na extensão aproximada de 1.400 km;]

Art. 3º As posses legítimas, manifestadas por morada habitual e cultura efetiva, sobre porções de terras devolutas situadas nas faixas de que trata o artigo 1º, serão reconhecidas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária nos termos dos artigos 11e 97 do Estatuto da Terra (Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964).

Art. 4º O Conselho de Segurança Nacional estabelecerá as normas para a implantação de projetos de colonização ou a concessão de terras, bem como para o estabelecimento ou exploração de indústrias que interessem à

segurança nacional, nas terras devolutas das faixas mencionadas no artigo 1º. (BRASIL,1971)

Nas décadas de 1960 e 1970 povos de diversos estados do Brasil vieram para Rondônia em busca do Eldorado brasileiro, desejavam terras férteis e riquezas. Eles foram assentados de forma desordenada por toda a extensão territorial do atual estado de Rondônia, pois essas terras passaram quase que integralmente à jurisdição da União, podendo ser distribuídas pelo governo federal no programa de colonização.

Segundo Matias (1998), ocorreu um fato político de grande importância com a Lei nº 2.731, de 17 de fevereiro de 1956: o Território Federal do Guaporé recebeu o nome de Território Federal de Rondônia, em homenagem ao marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, que só passou a ser estado da federação brasileira em 29 de dezembro de 1981.

De acordo com Mindlin (1985), fugindo da perseguição do homem não indígena e da persuasão dos missionários, os Suruí, no século XIX, teriam emigrado da região de Cuiabá para Rondônia. A autora relata que durante a fuga os Paiter Suruí entraram em conflito com outros povos indígenas e não indígenas e muitos foram dizimados.

Mindlin (1996) conta que nessa época muitos povos se fundiram a outros por se tratar de uma questão de sobrevivência, alguns foram dizimados ou trocaram de nome, outros se dividiram em grupos distintos com o objetivo de escapar da violência, o que dificulta a identificação da genealogia desses povos. A autora afirma que o Povo Paiter Suruí provavelmente descende de um povo Agn, o qual também dá origem a outros povos como os Cinta-Larga e os Zoró, os quais se tornaram inimigos depois da separação.

Após o contato com o homem não indígena e as tentativas de lhes “ensinarem” regras e modos do povo não indígenas, muitos povos indígenas mantêm e preservam aspectos culturais de seus antepassados, muitos ainda vivem da caça, da pesca, da agricultura de subsistência e do extrativismo vegetal.

O Povo Paiter Suruí habita as regiões dos estados de Rondônia e Mato Grosso.

Por volta de 1969 os primeiros sertanistas que chegaram a Cacoal os denominaram de Suruí, atualmente preferem ser chamados de Paiter Suruí, por se

tratar de uma denominação intercultural<sup>23</sup> e por terem recebido esse nome na época do contato com o homem não indígena. De acordo com Mindlin (1985), o primeiro contato do Povo Paiter Suruí com o homem não indígena ocorreu por volta de 1969, com o processo de colonização do atual estado de Rondônia. Esse contato trouxe aos indígenas graves consequências como doenças diversas, principalmente a gripe e o sarampo, que levaram à dizimação de centenas deles.

Os Paiter Suruí têm como língua materna o Tupi-Mondé, a qual pertence ao tronco Tupi e à família linguística Mondé, mas também se utilizam da Língua Portuguesa como segunda língua em decorrência da necessidade de comunicação com o homem não indígena.

Os Paiter Suruí vivem num espaço de aproximadamente 248.147 hectares (sudeste de Rondônia e noroeste de Mato Grosso).

A Terra Indígena Sete de Setembro, onde vivem os Paiter, está localizada em uma região fronteiriça, ao norte do município de Cacoal (estado de Rondônia) até o município de Aripuanã (estado do Mato Grosso). Chega-se à área a partir de Cacoal, pelas linhas de acesso 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 14, pelo fato das aldeias estarem distribuídas ao longo dos seus limites, tanto por questões de segurança quanto de aproveitamento de antigas sedes de fazendas deixadas por invasores que se estabeleceram dentro da área nas décadas de 70 e 80. (SOCIOAMBIENTAL s/d, s/p)

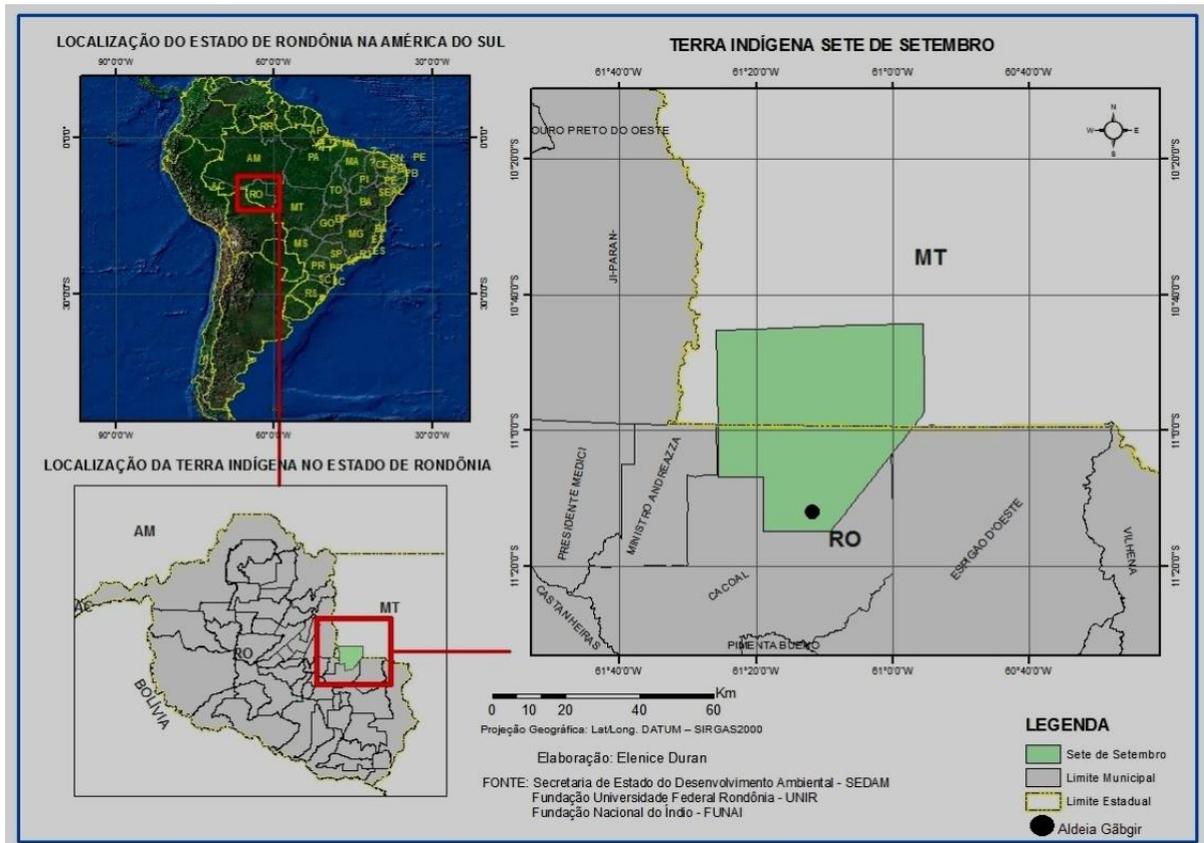
O acesso à área indígena em Cacoal ocorre por meio de várias linhas<sup>24</sup> da zona rural. A localização da Terra Indígena Sete de Setembro e da aldeia Gapgir pode ser observada na figura a seguir:

---

<sup>23</sup> Martins (2014) compreende por interculturalidade o diálogo dinâmico que aponta para uma relação de interpenetração cultural entre diversos grupos. O intercultural valoriza a identidade dos povos e sociedades, que se encontra nos diálogos e nas construções conjunta das diversas culturas, o que valoriza a surgimento do novo e das inéditas configurações culturais. De acordo com Candau (2008) apud Martins (2014), o encontro de culturas não significa a exclusão da cultura de um povo, mas ocorre o processo de hibridação cultural, em que diferentes culturas se interpenetram. Devido à interpenetração de diferentes culturas, os Paiter preferem se chamados por Paiter Suruí por reconhecer a cultura de cada povo, respeitando o nome atribuído a eles na época do contato e juntando a denominação cultural Paiter.

<sup>24</sup> A denominação de “linhas” é comum na região, pois provém da demarcação dos lotes quando houve colonização e expansão fronteiriça; são estradas não pavimentadas na zona rural que dão acesso a lugares, ao mesmo tempo em que marcam geograficamente a área.

**Figura 1.** Terra Indígena Sete de Setembro ou Paiterey Garah e da aldeia Gãbgir



Elaboração: Elenice Duran Silva (2015), disponível em: <https://confins.revues.org/10218>. Acessado em 11/04/17. Adaptado pela autora.

A história vivida pelo Povo Paiter Suruí de Rondônia está intimamente ligada ao processo de colonização das terras rondonienses, o trajeto histórico desse povo foi marcado por inúmeros conflitos por disputa de terras na época da ocupação.

De acordo com Mindlin (2007), os Suruí “seriam uns 600 à época do contato com a FUNAI, em 1969, e cerca de 300 pessoas morreram nos anos seguintes, de sarampo e outras doenças” (MINDLIN, 2007, p. 14). A autora afirma que a população Suruí diminuiu consideravelmente, pois em 1974 morreu quase a metade da tribo de sarampo e gripe.

A busca desenfreada por terras pelos homens não indígenas na região do atual município de Cacoal trouxe aos Paiter Suruí muito sofrimento e dor, devido a inúmeras doenças, e eram alvos de conflitos com fazendeiros, quando muitos foram mortos.

O site Aquaverde (2002), no tocante à população indígena do Povo Paiter Suruí, afirma que em 2002 o número em cada aldeia era variável: enquanto em

algumas havia um pouco mais de 45 pessoas, em outras havia centenas. Os dados revelam que no ano de 2002 a população Paiter Suruí se aproximava de 920 pessoas, sendo essas fixadas em onze aldeias localizadas nas linhas de acesso. A aldeia da Linha 14 era maior da época, pois habitavam ali mais de 30 famílias. A Linha 14 está localizada a 45 km de Cacoal.

Com o passar dos anos, embora tenha ocorrido muito sofrimento e inúmeras mortes, a população Paiter cresceu, e no ano de 2010, de acordo com dados da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA, 2010), já eram 1.172 indígenas. De acordo com dados do último censo do IBGE (2010), atualmente vivem na Amazônia cerca de 306 mil indígenas, e a maior parte dessa população vive na área rural. Em Rondônia o censo aponta população de 12.015 pessoas que se declaram indígenas.

De acordo com dados obtidos junto à FUNAI (2015) – Coordenadoria de Cacoal-RO, por intermédio do Núcleo de Coordenação e Promoção da Cidadania (NCPC) e do Núcleo de Promoção dos Direitos Sociais (NPDS), no ano de 2015 a população indígena do Povo Paiter Suruí era de 1.469 pessoas, divididas em 27 aldeias, com 327 famílias, o que pode ser observado no quadro a seguir:

**Quadro 1:** População do Povo Paiter Suruí em Cacoal

<b>TERRA INDÍGENA</b>	<b>NOME E LOCALIZAÇÃO DA ALDEIA</b>	<b>POPULAÇÃO</b>
Sete de Setembro	01 Payaman - <i>Linha 7</i>	58
	02 Ngaxip - <i>Linha 7</i>	8
	03 Matera - <i>Linha 8</i>	17
	04 Atamoia - <i>Linha 9</i>	7
	05 Paiter - <i>Linha 9</i>	125
	06 Iratana - <i>Linha 10</i>	11
	07 Central - <i>Linha 10</i>	96
	08 Apoena Meyreles - <i>Linha 7</i>	88
	09 7 de Setembro - <i>Linha 7</i>	5
	10 Panag - <i>Linha 7</i>	18
	11 Aymoré - <i>Entre as Linhas 10 e 11</i>	21
	12 Amaral - <i>Linha 11</i>	139
	13 Joaquim - <i>Linha 11</i>	78
	14 Lapetanha - <i>Linha 11</i>	101
	15 Lobó - <i>Linha 11</i>	34
	16 Tikã - <i>Linha 11</i>	43
	17 Anine - <i>Linha 12</i>	74
	18 Mauira - <i>Linha 12</i>	23
	19 Paulinho - <i>Linha 13</i>	19

	20	Placa - <i>Linha 14</i>	43
	21	Nova Paiter - <i>Linha 14</i>	28
	22	Gabgir - <i>Linha 14</i>	240
	23	Nova Canaã - <i>Entre as Linhas 14 e 15</i>	4
	24	Kabaney - <i>Linha 15</i>	24
	25	Bethel - <i>Pacarana, Linha 15</i>	52
	26	Gahere - <i>Pacarana, Linha 15</i>	33
<b>Índios Urbanos</b>		Diversos municípios	<b>80</b>
<b>Total de indígenas</b>		-----	<b>1.469</b>
<b>Total de famílias</b>		-----	<b>327</b>

Fonte: FUNAI (2015) (Coordenadoria de Cacoal), NCPC – Núcleo de Coordenação e Promoção da Cidadania – NPDS – Núcleo de Promoção dos Direitos Sociais.

O Povo Paiter, de acordo com Joaton Suruí (2008), tem sua divisão clânica em quatro linhagens: Gabgir, que tem como símbolo um marimbondo amarelo; Gamep, que tem como emblema um marimbondo preto; Makór, representado por uma Taquara; e Kaban, que se refere a uma fruta doce – esse clã tem em sua origem o roubo de uma mulher Cinta-Larga<sup>25</sup> por um Suruí.

A organização clânica do Povo Paiter Suruí é baseada no sistema de governança política, sendo escolhida pelo sistema de parentesco, que de acordo com Mindlin (1985) é patrilinear, pelo qual o homem casa-se com a filha de sua irmã, pois, de acordo com a concepção cosmogônica, a sua sobrinha não seria uma parente próxima, pois pertence a outro clã, e a realização dos casamentos acontece apenas entre clãs diferentes.

Mindlin (1985) nos apresenta o modo de vida, alimentação, habitação, entre outros aspectos referentes ao Povo Paiter Suruí. Ela diz que [...] o centro da vida é a Casa-Grande, como é chamado o conjunto de malocas [...] (MINDLIN, 1985, p. 29).

De acordo com Mindlin (1985), na década de 1980 a vida tribal do Povo Paiter Suruí era coletiva, pois habitavam em ocas, em formato de elipse, medindo aproximadamente 8 metros de altura por 25 de largura, com uma única porta na parte mais estreita. Na parte interna eram instaladas inúmeras redes e ali viviam grupos de famílias, que dividiam o espaço para o preparo da comida realizado pelas mulheres em panelas de cerâmica. Havia também outros objetos como pilões para socar o milho. Para a fabricação de farinha ou para fazerem sopas, tinham panelas

<sup>25</sup> Cinta-Larga também é um grupo indígena Tupi-Mondé. Seu território se localiza entre Rondônia e Mato Grosso.

grandes de cerâmica e esteiras para se sentarem. O trabalho na roça era realizado de forma coletiva.

A autora relata que as famílias nucleares repartiam as casas: cada homem com sua mulher e filhos. Os Suruí são poligâmicos, com duas ou três mulheres. Além das casas, a autora relata que havia malocas separadas para partos, luto, menstruação, iniciação à pajelança etc.

Além do tipo de casamento mais comum (da menina com o tio materno), também existia a possibilidade de casamentos entre primos cruzados. Os primos paralelos são considerados irmãos e não podem se casar.

Mindlin (1985), no que se refere à colheita, diz que “colher é trabalho de mulher, principalmente as batatas e inhames. Os homens apontam os melhores lugares e esperam conversando” (MINDLIN, 1985, p. 39). A autora relata que é uma atitude frequente a dos homens Suruí ajudarem a colher as espigas de milho verde, mas jamais eles retiram a palha, tarefa essa que é feita na roça e as crianças com mais de 10 anos ajudam.

A autora relata que os Suruí se vestem com elegância, combinando peças de cores berrantes (vermelho com laranja), mas os homens nunca andam nus, usam pelo menos um calção, cueca ou calças sempre muito limpas. A maioria das mulheres, quando não tinha vestido, usava calcinha, dando preferência às pretas e vermelhas, mas muitas ainda andavam nuas na aldeia da Linha 14, embora já morassem próximo à cidade.

De acordo com o relatado pela autora, a saúde era deficitária, pois faltavam vacinas e medicina preventiva. De acordo com Mindlin (1985), as principais doenças que afligiam os indígenas na época eram: tuberculose, surtos de malária, gripe, pneumonia, diarreia, verminoses, problemas na pele como sarna, feridas, bernês, partos difíceis, o que levou centenas deles à morte.

#### 4.2 HIBRIDISMO CULTURAL E O POVO PAITER SURUÍ

As culturas indígenas são milenares, mas não são fixas no tempo, a cultura de um povo não está enraizada no passado, as culturas não são fixas nem estáticas, estão em constante transformação, são dinâmicas.

Ao abordar o hibridismo cultural, ressalta-se que Canclini é pioneiro ao apontar o conceito de hibridismo cultural num viés político que se constituiu por meio

de uma relação entre as culturas de elite e indígenas. Canclini (2011) salienta que o processo de hibridação assegurou a sobrevivência da cultura indígena e também a modernização cultural da elite. O autor trata o hibridismo cultural como uma ruptura com a ideia de pureza, possibilitando o multiculturalismo, ou seja, o encontro de diferentes culturas viabilizando o diálogo entre as culturas. Na visão de Canclini, o hibridismo abre espaço para a tolerância às diferenças culturais.

Em contato com culturas diferentes e com o processo de modernização, o Povo Paiter Suruí passa pelo processo de hibridação cultural, pois de acordo com Canclini (2011) as culturas pós-modernas são entendidas como de fronteira, resultante do contato com o outro, resultantes dos deslocamentos. O autor afirma que onde há modernidade há hibridação, pois, a mesma não rompe o tradicionalismo, mas adentra mesclando as características e fazendo a junção de diferentes temporalidades, lugares e artefatos.

A primeira pesquisadora a conviver com os Paiter em 1979, Betty Mindlin, anos após o contato, relatou que ocorreram inúmeras modificações no modo de vida desse povo, as quais foram causadas pelo choque econômico, pois a Amazônia fora ocupada por grandes empresas. Outro fator que contribuiu para essas modificações foi a explosão demográfica de Rondônia, estado recentemente criado. A autora relata:

O período de pesquisa foi de muita mudança para os Suruí. Em 1979, quase não usavam dinheiro, a alimentação era a tradicional, e havia poucos bens industrializados. De 1981 em diante, passaram a ser pequenos produtores de café para o mercado (herdaram dos colonos invasores expulsos os lotes de café cultivado), embora continuassem com as atividades econômicas de antes, festas e rituais. O tempo de trabalho aumentara muito. Vários Suruí já tinham contas em banco, os hábitos de consumo se alteravam. (MINDLIN, 1985, p. 15)

Segundo Pucci (2009), atualmente o número de casas no modelo colonial (que seguem o modelo das casas dos colonos que habitam as terras do Povo Paiter Suruí) vem crescendo, as habitações são construídas de tábuas de madeira, cobertas com folhas de amianto e com piso de cimento queimado. Nelas habitam famílias nucleares, que possuem os mesmos utensílios das casas da área urbana como fogões a gás, aparelhos de televisão, DVDs, sofás, rádios, camas, geladeiras etc. Ela relata ainda que havia a presença de redes nas casas, ressaltando que algumas eram compradas na cidade.

Pucci (2009) relata que esses bens se tornaram necessários por facilitarem a vida cotidiana, e para a sua aquisição é necessário dinheiro, então os Paiter Suruí se tornaram assalariados, trabalhando em garimpos e fazendas, o que trouxe consequências, pois desmantelaram o sistema entrelaçado de parentesco que sustentava o trabalho coletivo e as trocas tribais.

As novas necessidades de consumo incorporadas pelo contato com o não indígena trouxeram o processo de hibridação cultural do Povo Paiter. Frente ao fascínio pelas tecnologias e pelos bens industrializados e o acesso a estes, é preciso dispor de recursos financeiros, o que impôs a eles profundas transformações, forçando-os a adotar o estilo de vida da sociedade não indígena. “O funcionamento da nossa economia e as relações de desigualdade nela existentes lhes escapam; ficam fascinados pelas novas tecnologias e variedade de bens, curiosos por conhecer o mundo exterior” (MINDLIN, 1985, p. 15-16).

Leite (2014) relata que a fonte de renda dos Paiter ultimamente, frente às necessidades de consumo e subsistência, vem principalmente da produção agrícola, uma pequena criação de gado de corte, a coleta da castanha, a criação de artesanatos como anéis, pulseiras, artefatos de cerâmica, colares, brincos, enfeites para o cabelo e cestos de diferentes tamanhos, que advêm majoritariamente do trabalho feminino. Há também funcionários públicos, entre os quais se incluem os professores e agentes de saúde, há os que recebem auxílio de programas sociais do governo. Segundo o autor, a motocicleta se tornou o principal meio de transporte, que os Paiter utilizam principalmente para ir à cidade, à roça e de uma aldeia a outra, e alguns utilizam carros e motos como meios de transporte. De acordo com Bauman “em tempos líquido-modernos, a cultura [...] é moldada para se ajustar à liberdade individual de escolha e à responsabilidade” (BAUMAN, 2013, p. 17).

Num período de pouco mais de 40 anos, os Paiter Suruí basicamente conseguiram preservar o território, manter a língua, mudaram os seus hábitos alimentares, de moradia, as tradições das práticas culturais, as práticas de casamento, ocorrendo processos de hibridação que, de acordo com Canclini, “são processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2011, p. 19).

Com a ambição e a facilidade em se obter dinheiro, por volta dos anos de 1980, os Paiter Suruí foram iludidos e incentivados, por iniciativa do homem não

indígena, e aí iniciou-se a exploração ilegal de madeira. Mas apenas uma pequena parte dos lucros era destinada aos indígenas, eles eram enganados quanto ao valor real da madeira extraída, e como consequência surgiram dificuldades e desigualdades socioeconômicas, as quais o Povo Paiter Suruí então desconheciam. O site Aquaverde (2002) afirma que:

Os Suruí foram tentados pelo dinheiro fácil, e foram enganados sobre o preço da madeira, não sabendo na época, ler ou contar. A operação foi realizada por madeireiros brancos, que então derrubavam as árvores e informavam o volume de madeira cortada e pagavam os Suruí um valor muito mais baixos do que o mercado. (AQUAVERDE, 2002, s/p)

No cenário atual destaca-se o Povo Paiter Suruí no que diz respeito ao engajamento de proteção e preservação de suas terras, os quais são percussores nessa luta.

Nos últimos anos, os índios Suruí têm desempenhado no estado de Rondônia, um papel fundamental entre as organizações indígenas, não só em termos de inter-étnica, mas também por seu **compromisso excepcional para a proteção e preservação de suas terras** nativas. Eles são considerados como pioneiros de uma luta sustentada e eficaz contra a invasão e destruição de seu próprio território [...]. Não podemos ignorar que a floresta desempenha um papel importante tanto simbólico, como econômico e cultural, onde depende a maioria das atividades tradicionais [...]. (AQUAVERDE, 2002, s/p, grifos do autor).

Preocupado com a preservação ambiental, o Povo Paiter Suruí vem desenvolvendo projetos na área ambiental. De acordo com Narayamoga Suruí (2012), está sendo desenvolvido o Projeto de Carbono Florestal Suruí (PCFS), que visa conter o desmatamento e a emissão de gases de efeito estufa, projeto com a duração de 30 anos, de 2009 a 2038. O autor do projeto afirma que com esse projeto os indígenas estão buscando alternativa para suprir o ingresso monetário antes garantido pela madeira, como a pecuária extensiva e a cafeicultura, incluindo sistemas de arrendamento de terras.

Com o desenvolvimento do PCFS, o Povo Paiter Suruí terá benefícios sociais, como a geração de novas fontes de renda baseadas em alternativas sustentáveis, trazendo melhorias para a saúde, educação, resgate e transmissão da cultura e cosmologia por meio da língua, da medicina tradicional e das crenças.

Vencedor do Prêmio Culturas Indígenas, da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural do governo federal, Joaton Suruí afirma que o projeto vencedor do prêmio visa à troca de sementes e saberes entre os povos indígenas, e o seu

desenvolvimento busca promover debates sobre segurança alimentar. Ele ressalta que o projeto é importante para conhecer os trabalhos desenvolvidos atualmente nas terras indígenas e mostrar as riquezas e potenciais de produção sustentável. De acordo com Joaton Suruí, o projeto é:

O novo caminho que trará uma nova ideia para os povos indígenas de Rondônia, até por que este vai abranger não somente a aldeia Gãpgir, mais outras vizinhas. Neste, vamos trocar sementes que usamos na plantação e que reforçará na alimentação dos povos indígenas em cada comunidade. Ele possibilita também troca de cultura e história entre nós. (RONDONIAINFOCO, 2016, s/p)

Estão conscientes de que a floresta tem função de extrema relevância, não só simbólica, mas econômica e cultural, para o desenvolvimento de atividades que fazem parte da tradição cultural de seu povo. Segundo o site Aquaverde (2002), por meio de associações, são oferecidas ao Povo Paiter Suruí possibilidades de desenvolvimento do reflorestamento e extração de forma sustentável, respeitando o ambiente cultural de seus ancestrais.

## SEÇÃO V – RESULTADOS DA PESQUISA

Nessa seção serão abordados os resultados da pesquisa, apresentado os sujeitos participantes, sendo seis famílias e seis surdos indígenas. Serão destacados os procedimentos para a produção de dados e os trajetos percorridos.

Serão apresentados nessa seção os desafios da comunicação no contexto familiar entre os surdos indígenas e suas famílias.

### 5.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Conforme dados obtidos junto ao Núcleo de Promoção dos Direitos Sociais (NPDS) e Núcleo de Coordenação de Promoção e Cidadania (NCPC – FUNAI) - Coordenação Regional de Cacoal, em 2015 a população do Povo Paiter Suruí nas aldeias que ficam em terras pertencentes a Cacoal era estimada em 1.469 pessoas, com 327 famílias no total.

Na aldeia Gapgir, a população, em 2015, segundo dados fornecidos pela FUNAI, era de 240 pessoas.

Dentre os moradores da aldeia que participaram da pesquisa, seis famílias e sete surdos são do Povo Paiter Suruí. Quanto ao número de surdos da aldeia, não há registro em documentos oficiais, então não se sabe ao certo, mas há outras famílias com crianças, adultos e adolescentes surdos. Com algumas dessas famílias não foi possível estabelecer contato e outros não quiseram participar da pesquisa.

Na família Potira, o pai e a mãe são professores, ambos trabalham na Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sertanista José do Carmo Santana, dentro da aldeia Gapgir. Ele nasceu em uma aldeia em Espigão do Oeste (RO), pertence ao clã Kaban, tem 42 anos. A mãe nasceu na aldeia em que reside, tem 36 anos de idade e pertence ao clã Gapgir. O casal tem cinco filhos, sendo Potira a filha mais velha, e surda. Tem 17 anos e está matriculada no ensino médio.

Na família Majui Piatã, o pai, com 37 anos, pertence ao clã Gapgir e é professor na E.I.E.E.F.M. Sertanista José do Carmo Santana; já a mãe tem 32 anos, pertence ao clã Kaban, não trabalha fora, mas confecciona artesanatos indígenas. Ambos são nascidos na aldeia Gapgir, o casal tem seis filhos, entre eles dois são

surdos, uma adolescente de 13 anos que está matriculada regularmente no ensino fundamental e que nesta pesquisa recebeu o nome de Majui. O outro filho com surdez é um jovem de 15 anos, frequenta a escola no ensino fundamental e nesta pesquisa é chamado Piatã.

Abaeté é a terceira família participante, composta por 40 pessoas, sendo o pai nascido em Mato Grosso, pertencente ao clã Gapgir, tem 58 anos e não exerce função remunerada; a mãe tem 45 anos, nascida na aldeia onde mora, não tem função remunerada, pertence ao clã Gameb. O pai tem 29 filhos, dentre os quais um tem surdez total: um jovem de 18 anos que frequenta a escola no ensino fundamental e na pesquisa é nomeado Abaeté. O casal tem outro filho, de 28 anos, com surdez parcial, o qual não participou da pesquisa.

A quarta participante é a família Kaluanã, formada por quatro pessoas. O pai tem 24 anos e pertence ao clã Kaban; a mãe, com 20 anos, é do clã Gapgir, ambos nasceram na aldeia que residem, não têm função remunerada, ele trabalha na roça e ela em casa. O casal tem dois filhos, o mais velho, de 6 anos, é surdo e estuda no 1º ano do ensino fundamental e na pesquisa é denominado Kaluanã.

A família Mairarê é formada por 11 pessoas, o pai nasceu no município de Espigão do Oeste (RO), tem 40 anos e é do clã Gapgir. A mãe tem 32 anos, pertence ao clã Kaban, nasceu na aldeia onde mora, ambos não são assalariados, trabalham na roça, a mãe também confecciona artesanatos indígenas. O casal tem nove filhos, a mais velha, de 17 anos, é surda, não frequenta a escola e é nomeada Mairarê.

A sexta e última participante da pesquisa é a Família Anahi, o pai é do clã Kaban, tem 31 anos, é professor da E.I.E.E.F.M. Sertanista José do Carmo Santana, a mãe é do clã Gapgir, trabalha só em casa, tem 22 anos. O casal tem três filhos, sendo surda a segunda filha do casal, que tem 9 anos, frequenta a escola e está cursando o ensino fundamental. É denominada Anahi.

#### **Quadro 2.** Perfil das famílias participantes

<b>FAMÍLIAS</b>	<b>Nº DE FILHOS</b>	<b>FILHAS (M)</b>	<b>FILHOS (H)</b>	<b>SURDOS NA FAMÍLIA</b>	<b>DENOMINAÇÃO DOS SURDOS</b>
Potira	5	4	1	1	Potira
Majui Piatã	6	1	5	2	Majui e Piatã

Abaeté	29	11	18	1	Abaeté
Kaluanã	2	1	1	1	Kaluanã
Mairarê	9	3	6	01	Mairarê
Anahi	03	01	01	01	Anahi

Fonte: LIMA, 2017.

### Quadro 3. Perfil dos surdos Paiter Suruí

<b>SURDO PARTICIPANTE</b>	<b>SEXO</b>	<b>IDADE</b>
Potira	FEMININO	17
Majui	FEMININO	13
Mairarê	FEMININO	17
Abaeté	MASCULINO	18
Piatã	MASCULINO	15
Kaluanã	MASCULINO	6
Anahi	FEMININO	9

Fonte: LIMA, 2017.

## 5.2 TRAJETOS E PROCEDIMENTOS DOS DADOS PRODUZIDOS

A pesquisa na aldeia Gaggir foi realizada entre outubro de 2016 e março de 2017.

Os primeiros passos para a sua realização foram as visitas, sendo a primeira delas realizada em outubro de 2015. Na ocasião apresentou-se o projeto a Joaton Suruí e também ao cacique, que julgaram conveniente e interessante a proposta da pesquisa, permitindo a entrada das pesquisadoras na aldeia para conhecer e realizar os primeiros contatos com as famílias participantes.

Nesta visita, Joaton Suruí conduziu as pesquisadoras para conhecer as famílias que têm filhos surdos, explicou a cada família na Língua Paiter Suruí a proposta do projeto e a importância deste para a comunidade. Nesse momento, as famílias foram consultadas sobre o desejo de participarem da pesquisa, aceitaram e, assim, autorizaram a participação de seus filhos.

O projeto foi apresentado aos professores da E.I.E.E.F.M. Sertanista José do Carmo Santana, os quais receberam a proposta muito bem.

Em 2016, retornou-se algumas vezes à aldeia para visitas. No dia da inauguração do museu foi possível conhecer um pouco mais sobre a cultura do Povo

Paiter Suruí e também tentou-se aproximação com os indígenas surdos, pois são introvertidos.

É importante relatar que a escola sempre serviu de ponto de chegada à aldeia, sempre se aguardou autorização de Joaton para entrar e ter contato com os demais indígenas da comunidade.

Para a produção de dados, foram utilizadas técnicas pertinentes ao estudo proposto, sendo que ao realizar as observações dos participantes fez-se o registro das observações vivenciadas em campo; outra técnica adotada foi a entrevista semiestruturada.

A observação participante implica, necessariamente, um processo longo. Muitas vezes o pesquisador passa inúmeros meses para "negociar" sua entrada na área. Uma fase exploratória é, assim, essencial para o desenrolar da pesquisa. O tempo é também um pré-requisito para os estudos que envolvem o comportamento e a ação de grupos: para se compreender a evolução do comportamento de pessoas e de grupos é necessário observá-los por um longo período e não num único momento. (WHYTE, 2005, p. 320 *apud* VALLADARES, 2007, s/p)

Para coletar os dados foram realizadas três visitas à aldeia. No primeiro momento, a permanência lá durou quatro dias. Nesse primeiro momento o objetivo foi conhecer um pouco mais da cultura do Povo Paiter e tentar aproximação com os surdos indígenas, que se mostraram sempre bem tímidos.

Contando com a companhia de Joaton ou de sua esposa, foi possível conhecer a aldeia, presenciar a confecção de artesanatos, brincar com as crianças, conhecer o rio; as pesquisadoras foram bem acolhidas pelas pessoas da comunidade.

Uma observação participante não se faz sem um "doc", intermediário que "abre as portas" e dissipa as dúvidas junto às pessoas da localidade. Com o tempo, de informante-chave, passa a colaborador da pesquisa: é com ele que o pesquisador esclarece algumas das incertezas que permanecerão ao longo da investigação. Pode mesmo chegar a influir nas interpretações do pesquisador, desempenhando, além de mediador, a função de "assistente informal". (WHYTE 2005, p. 304 *apud* VALLADARES, 2007, s/p)

Nessa etapa, com autorização de Joaton Suruí, foram feitas fotos de alguns lugares específicos da aldeia, de frutas e de objetos confeccionados pelo povo Paiter Suruí, com o objetivo de facilitar a comunicação com os indígenas surdos, por serem visuais, e tentar levar a eles registros que estejam ligados ao seu cotidiano e ao meio em que vivem, mas nem todas as fotos da pesquisa foram

registradas na aldeia devido ao respeito às pessoas e ao propósito de não invadir a privacidade das famílias. Quanto ao uso de figuras na pesquisa, Quadros nos diz que:

[...] devem ser escolhidas figuras claras, bem nítidas e não muito pequenas, devem ser também o mais próximo possível da realidade, portanto figuras recortadas de revistas, jornais, fotos, ... devendo-se evitar o desenho. Também precisam ser figuras "limpas", que não apresentem elementos que possam desviar ou confundir a atenção. [...] (QUADROS, 2006, p. 101)

Nesse período, devido à inibição deles, o contato com os surdos indígenas foi breve, sempre se respeitou o tempo e os espaços de cada um deles; alguns sempre observavam de longe a presença das pesquisadoras na aldeia.

As observações nesses dias foram pertinentes à pesquisa, pois foi a partir delas que se traçaram os próximos passos e foram definidas as estratégias a serem adotadas para alcançar os objetivos da pesquisa.

Para a aproximação dos surdos indígenas nessa fase, foram realizadas brincadeiras com as crianças menores e uma seção de filmes com os adolescentes.

Como são apenas duas crianças participantes, durante as brincadeiras, as crianças indígenas ouvintes também foram envolvidas. Num primeiro momento, se produziu aviãozinho de papel e foram realizadas brincadeiras. Durante esses primeiros dois dias de estada na aldeia, nos fins de tarde outras brincadeiras foram realizadas tais como: esconder balas e pirulitos, galinha choca (uma brincadeira aprendida com as crianças indígenas), vivo ou morto (as palavras eram ditas na Língua Paiteer Suruí), e também se brincou de bola (futebol e queimada). Foram tardes agradáveis e divertidas.

Sessões de filmes foram realizadas no intuito de aproximação com os jovens e adolescentes, os indígenas surdos. Com eles foram utilizadas estratégias diferentes, reuniu-se em uma sala da escola e para os surdos maiores, levou-se filmes do Charles Chaplin e Mr. Bean – embora os filmes tenham trilha sonora, não têm falas, são comédias visuais, o que é bem interessante para os surdos.

A utilização de material visual justifica-se por se acreditar que a utilização de vídeos lúdicos favorece o desenvolvimento da pesquisa com os surdos indígenas, favorecendo a integração deles ao grupo, possibilitando à pesquisadora se aproximar e conquistar-lhes a confiança, o que é fundamental para o desenvolvimento da pesquisa. O aspecto lúdico dos vídeos chama a atenção e

aguça a curiosidade dos surdos indígenas, o que auxilia na aproximação e no desenvolvimento da pesquisa, pois de acordo com Reyle, a utilização de material predominantemente visual favorece as "[...] crianças surdas em contato inicial com a língua de sinais que necessitam de referências da linguagem visual com as quais tenham possibilidade de interagir, para construir significado" (REYLE, 2003, p. 16).

Na segunda fase da coleta de dados, a estada na aldeia foi de três dias. Observações e passeios pela aldeia foram realizados nesse período. As pesquisadoras foram convidadas para jantar na casa de uma das famílias participantes; foi gratificante, pois a partir desse momento elas ficaram mais à vontade para o trabalho porque haviam conseguido a aproximação com os sujeitos da pesquisa.

Nesses dias de permanência na aldeia, estiveram lá um professor ouvinte (intérprete de Libras) e um professor surdo de Libras, ambos pertencentes à rede estadual de ensino. Tais professores vão à aldeia semanalmente para realizar o Atendimento Educacional Especializado (AEE) em Libras, ou seja, o ensino dessa língua aos indígenas surdos.

O fato mencionado contribuiu para a aproximação com os surdos Paiter, pois nesse dia foi realizada uma festa para as crianças da aldeia, os surdos indígenas adolescentes também estavam presentes. Pelo fato de a pesquisadora saber Libras e conhecer os professores, iniciou-se uma conversa com o professor surdo, os surdos indígenas presentes ficaram observando, mais tarde os indígenas surdos tentaram se aproximar utilizando-se de sinais e gestos para com esta pesquisadora, surgindo confiança e uma aproximação mais real.

Nessa etapa, realizou-se um momento com jogos, direcionado aos adolescentes, utilizaram-se jogos de memória, e para montá-los foram utilizadas figuras previamente selecionadas, baseadas nos objetivos da pesquisa e de acordo com a bacia semântica e suas categorias que haviam sido preliminarmente definidas. Algumas figuras eram fotos que foram tiradas na aldeia durante as visitas anteriores, outras, porém, foram pesquisadas na internet.

Os estudos de pesquisadores como Perlin (1998-2003), Campello (2008), Strobel (2008), Quadros (2004) sugerem que, devido ao fato de a língua de sinais ser viso-espacial<sup>26</sup>, nas atividades com surdos há a necessidade de se pensar em

---

<sup>26</sup> De acordo com Quadros (2004), a língua de sinais é viso-espacial, pois a mesma é recebida pelos olhos e produzida no espaço, pelas mãos, pelo movimento do corpo e pela expressão facial.

estratégias pedagógicas que visem a atender essa especificidade da língua. De acordo com Campello (2008), entre as estratégias estão as novas tecnologias como vídeo, celulares com câmeras, internet e webcam, os quais vêm ganhando destaque e se colocam como instrumentos com objetivo educacional e, principalmente, de interação e inclusão para os surdos.

Foi possível verificar, no decorrer das etapas da pesquisa, que os surdos indígenas não usam a Libras para se comunicar, apenas usam alguns sinais isolados, e esta pesquisadora não fala a Língua Paiter Suruí, tornando difícil a comunicação entre as partes. Ressalta-se que na maior parte da pesquisa se contou com o auxílio de Joaton Suruí, mas devido a seu trabalho e obrigações pessoais, nem sempre ele pôde estar presente, assim, para facilitar, e principalmente para que as informações desta dissertação sejam verídicas, optou-se pela utilização da imagem. Os longos anos trabalho desta pesquisadora com alunos surdos tornaram possível obter-se conhecimentos para saber como lidar com surdos quando eles não dominam a língua de sinais.

De acordo com Campello (2008), a imagem, quando usada com surdos, é vista, identificada e registrada. Não há dúvida de que a aprendizagem do surdo e a aquisição de conhecimento ocorrem por meio da visualização, sendo, nesse caso, necessário a adoção de imagens.

Campello afirma que a “cultura visual é um campo de estudo que inclui alguns elementos dos Estudos Culturais, no caso os Estudos Surdos, enfocando aspectos da cultura, língua e signos visuais que se apoiam em imagens visuais e na sua percepção” (CAMPELLO, 2008, p. 125).

A abordagem cultural-visual reconhece o fato de os surdos viverem em um mundo de intermediação, sendo a experiência visual significativa. Para Mirzoeff *apud* Campello, a cultura visual é “uma tática para estudar as funções de um mundo abordadas por meio de fotos, imagens e visualizações, e não por textos e palavras” (MIRZOEFF *apud* CAMPELLO, 2008, p. 125-126), – é o caso da língua de sinais.

O olhar é um recurso que pode ser notado no contato diário com o surdo e durante a pesquisa, sendo esse um dos exercícios visuais para a comunicação, interação e aprendizagem.

Por meio da visão, os surdos criam o pertencimento cultural, eles se apropriam e transmitem, por intermédio da visualidade, a cultura, proporcionando

significados variados, promovendo a interação e a identidade, sendo os surdos os protagonistas, então.

Em consideração à cultura visual dos surdos indígenas e da atribuição de significados pelo olhar, não foram utilizadas palavras escritas para a produção de dados, apenas imagens referentes às categorias da bacia semântica.

[...] escrita está comprometida com a linguagem falada, o som através de sua representação e do seu referente. A visualidade não. Tem diferentes representações e referentes diferentes que somente será possível se gravar, copiar, “visualizar”, ler com os “olhos” ou arquivar a sua imagem, o seu referente, a sua representação pela imagem visual, o que e, na área da imagem, como filme de cinema, pintura, fotografia, e outros, é reconhecida como produto de documento visual. (CAMPELLO, 2008, p. 94)

A imagem nesta pesquisa compõe a função de léxico a ser pesquisado, pois, a partir de sua utilização da mesma, os surdos indígenas puderam realizar leitura das imagens, trazendo a possibilidade e estimulando a realização dos sinais por eles utilizados em seu cotidiano familiar.

Os participantes dessa fase da pesquisa foram somente os sujeitos Potira, Majui, Mairarê, Abaeté e Piatã, por serem mais crescidos. Optou-se pela não participação das crianças, pois elas, devido à timidez, não conseguiam participar dos jogos sem que os amigos ouvintes estivessem presentes e os mesmos poderiam atrapalhar o desenvolvimento da pesquisa, pois os surdos são visuais e movimentos de pessoas em ambientes onde é necessária a atenção fazem com que fiquem dispersos, o que traria perdas aos objetivos da pesquisa.

Foram divididos em dois grupos, o primeiro sendo formado pelas meninas Potira, Majui e Mairarê, o segundo com os meninos, formado pelos surdos Abaeté e Piatã. O critério dessa separação se deu porque durante as observações realizadas verificou-se que Potira influencia Majui, já Piatã sofre influência de Abaeté, sendo que Mairarê não é influenciada por nenhuma das partes, mas, por ser menina, ficou no grupo 1, para que pudesse se sentir mais à vontade.

Realizou-se um jogo com regras próprias em que cada participante, ao formar o par com as figuras utilizadas, realizava o sinal que era usado por eles para se comunicarem, para que não se perdessem as informações ali geradas, ou seja, os dados produzidos no decorrer de todo o processo foram filmados com a autorização das famílias. Ao término de cada rodada, os ganhadores recebiam pirulitos e balas. Havia realmente uma disputa entre eles.

Nessa fase, também se realizaram entrevistas com as famílias, foram questionados sobre surdez, como foi que descobriram que seus filhos eram surdos, como lidaram e lidam com a questão, foram interrogados sobre o relacionamento familiar e sobre o processo de comunicação entre eles e seus filhos.

Optou-se pela entrevista semiestruturada, pois se pretende buscar as informações por meio do diálogo. Longe de uma postura presa e engessada, optou-se apenas por um roteiro de perguntas previamente definidas, o que permite ao pesquisador uma postura mais livre e aberta, possibilitando-lhe um maior envolvimento com as falas do sujeito.

Na terceira e última fase de produção dos dados, realizou-se um encontro com os surdos Paiter e esta pesquisadora, em que estavam presentes os surdos Potira, Majui, Mairarê, Abaeté e Piatã. Nesse momento, o trabalho com os participantes foi realizado individualmente, utilizaram-se data show e slides com as mesmas figuras que já tinham sido utilizadas para a realização do jogo da memória. Ao apresentar as figuras, solicitou-se que os mesmos fizessem os sinais atribuídos por eles para cada imagem apresentada. Para a categoria Família, para os participantes Potira, Majui e Abaeté, foram utilizadas fotos das famílias dos mesmos; para os demais participantes, não foram utilizadas fotografias das famílias por motivos culturais, pois, de acordo com as informações de Joaton Suruí, muitos entendem que o registro fotográfico aprisiona a alma.

Primeiramente, os sinais foram registrados por meio de filmagem, foi possível registrar os sinais por eles produzidos de forma individual, para que um não interferisse no sinal do outro. Com a colaboração importantíssima de Rafael Elias<sup>27</sup>, foi possível realizar essa parte do trabalho, pois o mesmo fotografou e editou cada uma das fotos presentes na análise dos resultados. Optou-se por realizar fotos desta pesquisadora para o registro dos sinais em respeito às questões culturais já apresentadas.

A produção de dados com os indígenas surdos Kaluanã e Anahi foi realizada somente por meio de observações em seu cotidiano e em contato com os amigos, pois na aldeia as crianças brincam nos quintais de suas casas e embaixo do

---

<sup>27</sup> Rafael Elias é meu filho de 13 anos.

Meah, uma espécie de varanda construída com folhas de babaçu<sup>28</sup> e madeira que é desvinculada das casas, porém próxima a elas, e toda casa tem um.

### 5.3 FAMÍLIA PAITER SURUÍ E SURDEZ, OS DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO

Ao analisar o percurso histórico sobre a surdez, depara-se com diferentes tratamentos aos surdos em uma dada sociedade.

De acordo com Veloso e Maia (2013), no Egito, em 4000 a.C., Idade Antiga, os surdos eram protegidos e considerados criaturas privilegiadas enviadas pelos deuses, pois a comunicação dos surdos com os demais era vista e entendida como a dos deuses, os surdos tinham uma vida inativa e não recebiam educação escolar.

Na China, segundo Veloso e Maia (2013), os surdos eram lançados ao mar. Na Grécia, eram considerados incapazes e insensíveis, mas incomodavam a sociedade, sendo os mesmos condenados à morte. Em Esparta eram jogados do alto de rochedos.

Veloso e Maia (2013) afirmam que toda essa rejeição, abandono e isolamento traziam aos surdos muito sofrimento. Frente ao modelo ouvinte, os surdos eram tidos como um castigo divino, considerados anormais e doentes, pois lhes faltavam a fala, a audição e a condição de serem caracterizados como seres humanos. Em 384 a.C., de acordo com os autores, Aristóteles acreditava que se a pessoa não falasse conseqüentemente não possuía linguagem e muito menos pensamentos, assim, os surdos não eram considerados seres humanos e, portanto, não deviam ter direitos.

Mas depois de sofrerem tanto desprezo, sofrimento, abandono de todo tipo, atualmente são vistos como pessoas capazes de ocupar e conquistar seu espaço. A língua de sinais, depois de ter sido negada e proibida por mais de cem anos, é a maior manifestação cultural do povo surdo.

Quadros diz que “são línguas que não derivam das línguas orais, mas fluíram de uma necessidade natural de comunicação entre pessoas que não utilizam

---

<sup>28</sup> O babaçu (nome científico: *Attalea ssp.*), também conhecido como baguaçu, coco-de-macaco e, na língua Tupi, uauaçu, é uma nobre palmeira nativa da região Norte e das áreas de Cerrado. Suas folhas são utilizadas na armação de cobertas para casa e, nos períodos de seca, para alimentação animal. As fibras dessas mesmas folhas são utilizadas para produzir cestos, peneiras, esteiras, entre outros produtos artesanais. Disponível em: <http://www.cerratinga.org.br/babacu/> acessado em 07/04/17.

o canal auditivo-oral e sim o canal espaço-visual como modalidade linguística” (QUADROS, 1997, p. 21).

O surdo compreende o mundo de forma diferente ao dos ouvintes, por meio das experiências visuais, e faz uso de uma linguagem específica para isso, a língua de sinais. A linguagem permite a relação do homem com o mundo, possibilitando ao mesmo planejar suas ações, estruturar seus pensamentos e comunicar-se. Carvalho (2007) ressalta que a linguagem se constitui num processo imprescindível para o desenvolvimento do indivíduo. De acordo com o autor, os surdos percebem o mundo de forma visual, em contato com o contexto em que estão inseridos, no qual na maioria das vezes a língua predominante é a oral auditiva.

Perlin (1998) ressalta que a identidade surda se constitui dentro de uma cultura visual, o que não é uma construção isolada, mas uma construção multicultural. Entende-se assim que a identidade dos surdos é um conjunto de traços que os diferencia dos ouvintes, com uma cultura exclusiva, com características peculiares, específicas diante das demais culturas, resultante das interações entre os surdos.

Cabe nessas premissas olharmos para o entendimento que as famílias Paiter Suruí têm em relação à surdez, e qual o ponto de vista que os mesmos têm sobre a capacidade de seus filhos surdos, como ocorre o processo de comunicação, como e quando descobriram a surdez de seus filhos e quais as expectativas que os pais têm em relação ao futuro dos filhos surdos.

Nessa fase da pesquisa foi utilizada a entrevista semiestruturada com perguntas abertas, sendo possível ter flexibilidade quanto aos questionamentos. As perguntas e respostas são dispostas a partir do item 5.3.1 para melhor organização e compreensão das respostas de cada família por assunto levantado. Os relatos seguintes são conforme as respostas obtidas junto às famílias participantes. Ressalta-se que os gestos são formas de linguagem que podemos reconhecer como sinais Paiter Suruí no processo de comunicação e expressão dos surdos indígenas. Farias e Assis (2011) afirmam que a produção dos gestos é considerada típica nas primeiras produções das crianças surdas. Afinal, os gestos fazem parte da comunicação humana e integram a linguagem humana. Alguns pesquisadores acreditam que os gestos representam uma forma mais básica da linguagem. Como os surdos não acessam a fala, os gestos fluem e são sistematizados, tornando-se

uma língua. Isso acontece quando surdos se encontram. Os pais chamam de “gestos” o que nós denominamos de SPS. Nessa fase da pesquisa, quando nos referirmos ao termo “gesto”, está-se reproduzindo a fala dos pais dos surdos indígenas. Para atender os objetivos propostos, foram realizados vários questionamentos, os quais aqui são apresentados em narrativa, dando ênfase às formas de comunicação observadas durante a pesquisa.

### 5.3.1 A comunicação dos surdos no contexto familiar

Na entrevista com a família Potira, os pais afirmaram que Potira comunica-se oralmente com a família pela Língua Paiter Suruí e às vezes em Língua Portuguesa e que raramente eles usam “gestos” no ambiente familiar. A mãe enfatizou que ela não usa “gestos” para se comunicar com a filha, pois fica temerosa em usá-los e sua filha sofrer preconceitos, ela revelou que dentro de casa a sua filha surda (Potira) sofre preconceitos das irmãs, que riem dela por não ouvir. Declarou que as filhas são sempre corrigidas com aconselhamentos, mas a atitude delas causa à mãe uma enorme dor, pois para ela todos os filhos são iguais. O pai enfatizou que o preconceito não acontece apenas dentro de casa, mas em toda a aldeia, e que isso os fere.

Revelaram que quando não há entendimento pela língua oral ou dos “gestos” ela leva os pais até o local e aponta o que deseja, isso quando possível. Embora se irrite facilmente com os irmãos, tem um bom relacionamento familiar. Ressaltam que mesmo não havendo entendimento por meio dos SPS e da língua oral auditiva (o Paiter Suruí), em se tratando das necessidades básicas há uma compreensão do que a filha deseja. Sobre esse assunto, Negrelli e Marcon, consideram ainda que “a família, muitas vezes por não tentar aprender a língua de sinais (LS), conversa [...] apenas assuntos relacionados às suas necessidades básicas e momentâneas como comida, bebida, banho etc.” (NEGRELLI e MARCON, 2006, p. 104). Ressalta-se que há a necessidade de a família utilizar os SPS no ambiente familiar, pois pela utilização dos mesmos a comunicação pode fluir de maneira mais significativa, não havendo por ambas as partes a frustração, pois assim todos estariam falando uma só língua. De fato, “a participação da família na comunicação do surdo, por meio dos sinais, possibilita a esse indivíduo a interação

com o mundo e torna o convívio mais agradável e feliz” (NEGRELLI e MARCON, 2006, p. 103).

Na família Majui Piatã, os pais declaram que sempre se comunicam em Língua Paiter Suruí de forma oral. O pai assume que, embora consciente da surdez dos filhos (Majui e Piatã), ele não usa a língua de sinais em seu cotidiano, pois considera não ter habilidade para isso, às vezes faz uso da apontação. A mãe disse que nunca usa gestos e nem aponta para os filhos. Os pais afirmaram que quando não é possível a comunicação de forma oral com os filhos, não havendo entendimento, utilizam o desenho como forma de comunicação.

[...] tratando-se de crianças surdas, elas utilizam a apontação para indicar os referentes ou podem atribuir a conotação de posse ao apontar um objeto.... Um outro aspecto presente na gestualidade é o uso do apontamento em combinação com o olhar... isto acontece porque a criança deseja estabelecer contato com os que a cerca, por exemplo, quando uma criança olha para o um objeto e, em seguida, para sua mãe, ela pode estar informando que deseja o objeto. (STOBIN (1979) *apud* FARIA E ASSIS 2011, p. 16)

O pai da família Abaeté informou que não consegue se comunicar com o filho surdo (Abaeté) alegando que o mesmo não o entende, mas sempre que necessita pede a um irmão para transmitir seus recados, os quais são transmitidos na língua oral auditiva<sup>29</sup> Paiter Suruí.

Os pais da família Kaluanã admitem usar duas formas de comunicação com Kaluanã, a língua oral Paiter e os “gestos”, e que buscam aprender com o seu filho os “gestos” utilizados por ele. Têm um ótimo relacionamento familiar.

O uso dos gestos é comum nos surdos e ouvintes, pois ambos os produzem e os interpretam, embora não se deem conta dos inúmeros movimentos que fazem ao conversar com outros indivíduos. Esses movimentos, ou gestos, podem ser culturalmente reconhecidos pelos interlocutores e ter significado e reconhecimento social. Outra forma de gestos são os que envolvem as expressões faciais, estes trazem informações que ajudam a perceber os sentimentos e estados emocionais dos interlocutores. As crianças surdas que nascem em famílias de ouvintes que não conhecem a língua de sinais passam pelos mesmos processos de gesticulação iniciado na fase anteriormente citada, porém em condições desfavoráveis à aquisição linguística; os gestos tornam-se o elo comunicativo da família. (FARIAS e ASSIS, 2011, p. 16)

---

<sup>29</sup> De acordo com Quadros (2004), o que diferencia as línguas de sinais das línguas orais são os canais de percepção e o meio de produção das mesmas, assim a língua oral auditiva é transmitida por meio oral e percebida pela audição.

Na família Mairarê os pais afirmaram que a comunicação com Mairarê é realizada na maioria das vezes de forma oral na Língua Paiter Suruí e que usam também os sinais, pois desde criança ela não falava e já usava apontar os objetos de desejo. Mairarê relaciona-se bem com os irmãos, com pequenas brigas, mas tem um irmão com quem ela sempre se comunica por meio de gestos.

Os pais, na família Anahi, afirmam sempre conversar com a filha Anahi em Língua Paiter Suruí e que ela os entende. Dizem que Anahi nunca usa “gestos” com eles, somente com alguns amigos fora de casa. Durante as observações, em nenhum momento Anahi foi flagrada utilizando sinais, ou apontando, ela estava sempre sorrindo e brincando.

### 5.3.2 Dificuldades percebidas pela família no processo de comunicação dos surdos Paiter

Todas as famílias relataram que as dificuldades encontradas estão relacionadas a uma comunicação insuficiente dos seus filhos com a família e com as demais pessoas da comunidade. Sentem também essa perda na escola, pois consideram que os seus filhos surdos, por terem essa comunicação limitada, não têm acesso ao processo de ensino-aprendizagem.

A família Potira relatou que a filha se irrita com facilidade ao perceber que estão falando dela, fica nervosa e quer saber o que está acontecendo. Conforme Filho e Oliveira (2010), a principal satisfação dos filhos é ter um bom relacionamento com os membros da família, pois o bom relacionamento familiar exerce papel relevante para o desempenho psíquico, por conseguinte, nas demais fases da vida. Na relação familiar a comunicação contribui para que as dúvidas sejam compreendidas, a demonstração de amor e carinho [...] uma vez que para adquirir essas informações é necessário estabelecer-se uma mesma linguagem (QUADROS, 2002 *apud* FILHO e OLIVEIRA, 2010, p. 2). Para a comunicação eficaz, é necessário que os pais dos surdos indígenas aprendam os SPS, assim torna-se possível uma relação familiar em que o surdo passe a ser compreendido e a compreender os fatos e informações vinculados à família.

Outra dificuldade apontada pela família Potira está relacionada à escola, pois o pai, enquanto professor, percebe que a filha desenvolve as atividades, mas do “*jeito dela, tento usar os ‘gestos’ e falo mais na frente e mais alto*”, mas segundo ele a filha é muito elogiada pelos professores.

O pai da família Majui Piatã relatou que o seu filho tem muitas dificuldades na escola e que acredita que ele não é alfabetizado, e que pensa em contratar alguém para alfabetizá-lo.

No que se refere às atividades desenvolvidas no convívio familiar, todas as famílias afirmam que as filhas ajudam no serviço doméstico (lavar roupas, cozinhar, limpar a casa). Somente a família Mairarê afirmou que além dos serviços de casa a filha confecciona artesanatos junto com a mãe. Já os meninos auxiliam nos serviços da roça, realizando pequenas roçadas, lida com o gado, entre outros. Sobre o trabalho dos adolescentes, Mindlin diz que “as crianças maiores, de uns 10 anos, também ajudam e carregam cestos maiores” (MINDLIN 1985, p. 40). Assim podemos perceber que os indígenas Suruí iniciam as atividades laborais junto as suas famílias após os 10 anos de idade. As famílias Kaluanã e Anahi disseram que as crianças somente estudam e brincam.

As crianças Paiter Suruí têm o costume de passar o dia no rio, onde tomam banho e brincam. Outra brincadeira bastante praticada entre os “pequenos” indígenas é a diversão com o arco e a flecha dentro das matas. Os indígenas adultos produzem arcos e flechas com tamanho reduzido e que não causam risco à vida das crianças. Dessa maneira, as crianças Paiter Suruí vão se acostumando a lidar com essas ferramentas, para que, no momento em que se tornarem adultas, possam praticar a caça, principal fonte de alimentação dos povos indígenas. (GASODÁ SURUÍ, 2016, s/p.)

As crianças na aldeia estudam de manhã, brincam à tarde e ajudam as famílias nas atividades domésticas. São felizes, brincando juntas, sem brigas. Brincam de galinha choca, de arco e flecha, pescam, tomam banho de rio, entre outras brincadeiras. As crianças se agrupam para realizar as brincadeiras, todas juntas sem preconceito, todos são amigos.

### 5.3.3 O descobrimento da surdez dos filhos

A família Potira relata que aos 2 anos de idade passou a observar que a filha não ouvia, pois, nessa fase, as crianças indígenas já falam “mãe e pai” na Língua Paiter Suruí, mas a filha só começou após os 5 anos e com muitas dificuldades. Para o pai, a causa da surdez provém da família da esposa, pois a mesma tem irmão, irmã, tia e vários sobrinhos com perda auditiva, ou até mesmo surdez profunda. Ele relata que o primeiro caso de perda auditiva se deu por volta de 1989, antes nunca tinha ouvido falar de surdez. O que mais lhe causa dor é ver a

filha sofrer preconceitos. Na literatura não há registros sobre os casos de surdez do Povo Paiter Suruí. As informações aqui contidas são fruto das entrevistas com os pais dos surdos Paiter.

A família Majui Piatã tem dois filhos surdos, o pai informa que só percebeu que os filhos “*não ouviam bem*” quando os mesmos tinham 5 anos, pois quase não falavam. A certeza veio com o diagnóstico médico, e segundo informações médicas a provável causa da surdez seria a forma dos casamentos praticados pela cultura indígena (do tio com a sobrinha, a filha da irmã), mas o pai disse que na cultura indígena eles não são parentes e que culturalmente não identificaram ainda o motivo da surdez nos filhos.

Tanto o pai quanto a mãe se sentiram entristecidos com a descoberta da surdez nos filhos, pois eles entendem que os filhos querem falar e ouvir, sair com os amigos, ter uma vida normal e não é possível. O pai declarou ter vontade de conversar com os dois filhos surdos assim como conversa com os outros, trocar ideias, mas é impossível, os pais se entristecem e demonstram uma grande dor, ficam emocionados.

O pai da família Abaeté disse que a surdez do filho provavelmente seja relacionada ao fator de ele ter caído da cama umas três vezes, entre o terceiro e o quarto mês de vida, e bater a cabeça no chão. Ele percebeu que seu filho era surdo por volta de 1 ano de idade.

Os pais da família Kaluanã perceberam que o filho não ouvia por volta de 1 ano de idade. O menino gritava muito e isso chamou a atenção dos pais, que o levaram ao médico e lhes foi informado que o mesmo era surdo. Informaram que não há outros casos na família, embora também tenham parentes surdos, mas devido a fatores culturais eles declaram não ter parentes.

Segundo o pai da família Mairarê, quando ela tinha aproximadamente 1 ano, ele percebeu que havia algo de diferente com a filha, achava estranho o fato de a filha não chorar, não se assustar e não reclamar, mas somente aos 3 anos foi diagnosticada surda.

O pai informou com muita tristeza que a provável causa da surdez está relacionada ao nascimento, pois segundo ele, “*por ser a primeira filha, a minha esposa era nova e não sabia fazer o parto*”, ele disse que a mesma ficou em trabalho de parto por cerca de 10 horas, e que ao nascer a filha já estava roxa e com a cabeça machucada. O atraso no nascimento, segundo ele, é o que causou a

surdez da filha. Percebi uma grande tristeza em seu olhar, e pela maneira que falou e pela expressão em seu rosto, tive certeza de que ele julga a esposa culpada pela surdez da filha.

Conforme Bergam (2001) *apud* Furtado (2008), a autora enfatiza que “muitos pais se privam de viver suas vidas dedicando-se aos filhos tidos como deficientes. Salieta também que é muito comum o sentimento de culpa dos pais, negação, indiferença, superproteção, vergonha, ódio de si mesmos e da criança, ressentimento medo, impotência etc.” (BERGAM 2001 *apud* FURTADO 2008, p. 24).

A família Anahi é um pouco mais tímida que as demais, o pai nos informou que a criança já nasceu com surdez e alega não ter outra pessoa surda na família. Os pais perceberam que a filha era surda aos 3 anos de idade, pois segundo o pai ela não fala a Língua Paiter Suruí, informou ainda que ela só não fala, mas que ouve quando ele fala mesmo que de longe, e que não entende o motivo de tudo isso. Relatou que levou a menina ao médico, mas ele não conseguiu diagnosticar devido ao fato de a criança reagir e estranhar o ambiente.

#### 5.3.4 Os sonhos dos pais para o futuro dos filhos

Todas as famílias desejam o melhor para os seus filhos. Querem que estudem, tenham um bom emprego, que tenham a própria família.

Na cultura indígena, as mães, junto com seus irmãos, combinam casamentos para as filhas. Assim, o pai da família Potira acredita que a mãe já combinou casamento com um irmão. O desejo do pai é que a filha se case e continue a morar na aldeia onde residem, pois ele tem medo de a filha sofrer preconceitos e ser maltratada em outro lugar. Mindlin (1985) fala do casamento preferencial entre os Suruí (da sobrinha com o tio materno), mas segundo a autora há a possibilidade de casamento entre primos cruzados. Os pais desejam que a filha se torne professora de sinais ou de matemática, pois acreditam em seu potencial, e afirmaram que vão investir na formação dela.

O pai da família Majui Piatã deseja que os filhos estudem para ter uma profissão, pois ele afirma ter consciência de que na sociedade todos precisam ter emprego e para isso precisam estudar para ter uma vida digna. Segundo ele, “*dentro da cultura não há uma tranquilidade*”, pois ocorrem mudanças e eles precisam acompanhar essas mudanças para sobreviver.

O desejo dos pais é que os filhos tenham conhecimentos para poder viver na sociedade moderna, caso contrário ficaria complicado: *“quero que os meus filhos tenham uma vida melhor do que a minha, pois viver na aldeia depende muito das coisas, desejo uma vida mais tranquila e com mais facilidades”*. A mãe gostaria que o filho fosse advogado.

Para os indígenas, a educação escolar é fundamental, pois entendem que na sociedade atual é necessária formação acadêmica, tanto que, conforme Monte (2007), os indígenas...

“... em diversos fóruns locais e nacionais por toda a América Latina, os movimentos indígenas e seus aliados reivindicaram os direitos à educação, no marco democrático dos direitos à cidadania e à diversidade... No tocante à educação, reivindicam não só o direito às escolas diferenciadas daquelas oferecidas aos demais cidadãos, mas incluem, com o forte coloração, o direito ao reconhecimento e oficialização de seus processos próprios escolares de aprendizagem, ou seja, de seus projetos curriculares, “onde estejam reconhecidas oficialmente pelo Estado a inclusão das línguas, tradições”. (QUITO, 1987 apud MONTE, 2007 p. 1)

Os pais das famílias Abaeté e Kaluanã desejam que os filhos estudem, mas não entraram em detalhes. O pai da família Mairarê deseja que a filha se case e tenha sua família. O pai da família Anahi não deu resposta ao questionamento.

#### 5.4 OS SINAIS PAITER SURUÍ E A SUA CONSTITUIÇÃO

Para a composição da bacia semântica foi realizada pesquisa com a participação de Joaton Suruí que contribuiu de forma muito significativa para a realização deste trabalho: escreveu as palavras na Língua Paiter Suruí e traduziu, ou seja, atribuiu significado aos vocábulos na Língua Portuguesa. Observe a seguir:

**Quadro 4.** Composição da bacia semântica

Língua Portuguesa	Língua Paiter Suruí	Significado Paiter
Família	Não informado	Não informado
Pai	Bah	Não informado
Mãe	Õni	Não informado
Irmão	Õmohr	Não informado
Irmã	Õmaht	Não informado
Primo	Olano	Parecido comigo

Prima	Omert miyet	Parecido comigo
Tio materno	Olop epohr	Irmão de minha mãe
Tio paterno	Kokop oni soa	Irmão de meu pai
Tia materna	Oni pohr	Irmã de minha mãe
Tia paterna	Olop epaht omã moya	Irmã de minha mãe
Avô	Omã mō	Pessoa mais velha
Avó	Omã moya	Pessoa mais velha
Casa	Lab	Não informado
Barracão	Meah	Casa que fica no terreiro
Banheiro (banho)	Wey ahkoy	Lugar de banho, “banhador”
Cozinha	Sodinal	Espaço de cozinhar
Sala	Não informado	Não informado
Cama	Ĩh	Não informado
Mesa	Soa wah	Lugar de comer
Cadeira	Ĩarnah	Lugar de bunda sentar
Banco de sentar	Não informado	Não informado
Fogão	Sodirap	Algo de cozinhar
Televisão	Não informado	Não informado
Ventilador	Wowowap	Aquele que produz vento
Prato	Soa wahp pejoah	Material de comer
Copo	Itacer ewawahp	Material de tomar água
Panela de alumínio	Lobekirahp	Material de alumínio
Panela de cerâmica	Lobeah	Algo usado para pôr coisas dentro
Cesto	Nitih	Não informado
Vestuário	Lerek	Cobrir a pele
Blusa	Não informado	Não informado
Blusa de alça	Não informado	Não informado
Camiseta	Não informado	Não informado
Sapato (tênis)	Mipeh sewchp	Cobridor de pé
Chinelo	Mipeh sewchp	Cobridor de pé
Bermuda	Mepi sagah pohk	Cobridor de cintura
Vestido	Não informado	Não informado

Chapéu	Larahp	Esqueleto de cabeça
Boné	Larahp	Esqueleto de cabeça
Brinco	Nepibeh sit	Enfeite de orelha
Colar	Sogap	Caroço de algo
Cocar	Ĝapeh	Não informado
Arroz	So	Semente de capim
Feijão	Não informado	Não informado
Peixe	Marip	Não informado
Mandioca	Mõy	Não informado
Cará	Soah	Fruto de algo
Batata doce	Wati ğoh	Não informado
Cachorro	Awuru	Não informado
Galinha	Arayah	Não informado
Cavalo	Wasapo	Anta comprida
Arara	Kasar	Grita muito
Tatu	Walahy	Não informado
Onça	Korele	Não informado

Fonte: Joaton Suruí, 2017.

São apresentados, neste tópico, os SPS produzidos. Fazem parte desse momento da produção de dados os surdos Potira, Majui, Mairarê, Abaeté e Piatã, por serem mais crescidos e mais desinibidos.

O participante Kaluanã é muito comunicativo, ama brincar. Observou-se que sempre que sinaliza Kaluanã tem a sinalização bem desenvolvida para uma criança da idade dele. Constatou-se que ele usa sinais como GALINHA, BICICLETA e ÁGUA, ele sinaliza frases completas como: LIGAR MOTO – o que a pesquisadora interpreta que em Língua Portuguesa significa (Dar partida na motocicleta), ESS@<sup>30</sup> MOTO MINHA (Essa é minha moto – aponta para a moto e reforça a frase. Ele se refere à moto do pai, pude confirmar essa informação com a mãe dele), AQUEL@ GALINHA MINHA (Aquela galinha é minha), LÁ ÁGUA (o mesmo aponta para a garrafa, entendo que: Lá na garrafa há água). LÁ 2 BICICLETA (ele aponta para a

<sup>30</sup> Felipe (2005) ressalta que na Libras não há desinência para gênero (masculino e feminino) e número (plural), o sinal será representado por palavra da Língua Portuguesa que tem estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a ideia de ausência e não haver confusão, sendo o gênero definido pelo contexto da sinalização.

casa dele e afirma que: Lá em casa tem duas bicicletas). Kaluanã é muito ativo, utiliza sons como um pequeno grito para chamar a atenção da irmã, a qual responde com outro pequeno grito; ambos se entendem e brincam juntos.

Os sinais a seguir foram realizados por Kaluanã:

a) sinais (palavras):



galinha



bicicleta



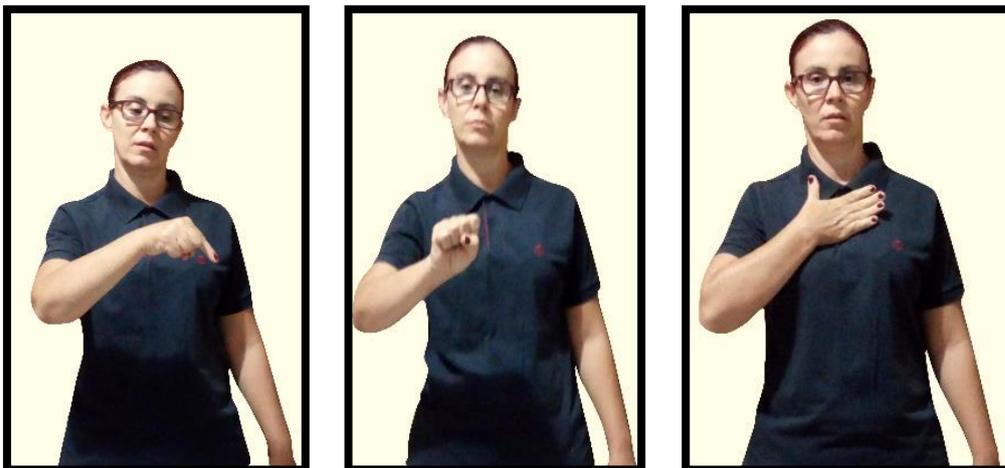
água ou tomar água

b) sentenças:

1) LIGAR MOTO (Dar a partida na moto)



2) ESS@ MOTO MINHA (Essa moto é minha)



3) AQUEL@ GALINHA MINHA (Aquele galinha é minha)



4) LÁ ÁGUA [aponta para a garrafa] (Lá na garrafa tem água)



5) LÁ DUAS BICICLETAS [aponta para a casa dele] (Lá em casas tem duas bicicletas).



Com os participantes Kaluanã e Anahi foram realizadas observações no sentido de verificar se ambos sinalizam em seu cotidiano familiar. Nas observações, pude observar que Anahi não usa sinais, nem mesmo durante as brincadeiras com os amigos, pois a família afirmou que ela usa os sinais apenas com os amigos e não com a família. Embora tenha participado dos momentos de brincadeira, Anahi sempre se manteve bastante afastada. Observou-se apenas comunicação oral entre ela e os amigos da comunidade.

#### 5.4.1 Bacia semântica do contexto familiar e suas categorias

Nesse tópico, os SPS produzidos pelos surdos indígenas Potira, Majui, Mairarê, Abaeté e Piatã são analisados de acordo com as concepções descritas na análise de dados.

Skliar afirma que “a comunicação visuogestual, não cotidiana para os ouvintes, produz formas de apreensão, interpretação e narração do mundo a partir de uma cultura visual” (SKLIAR, 2013, p. 41). A comunicação visual é um meio pelo qual é possível transmitir e receber mensagens, sendo a visualidade, o espaço de criação e percepção dos signos criados que vão sendo implantados conforme a evolução da língua.

Dentre os sinais registrados na aldeia Gaggir alguns apresentaram influência da Libras, que ocorre devido ao ensino da Libras dentro da aldeia, por intermédio do Atendimento Educacional Especializado (AEE). De acordo com a Coordenação da Educação Especial da CRE/Cacoal, esse atendimento vem sendo realizado na E.I.E.E.F.M. Sertanista José do Carmo Santana por meio de dois

professores da rede estadual de ensino, os quais ministram aulas de Libras uma vez por semana, desde o ano de 2012, trabalho que vem sendo intensificado a partir do ano 2015, justificando assim a presença de sinais da Libras na aldeia. Os sinais com influência da Libras são apresentados na sequência dos SPS, conforme a categoria que for apresentada.

A partir dos pressupostos teóricos e com base nas observações realizadas, afirma-se que os surdos Paiter Suruí produzem seus sinais a partir do visual e em muitos desses sinais pode-se perceber a presença de significados característicos da própria cultura, a presença de signos do seu cotidiano.

A base semântica do contexto familiar foi subdividida em categorias como: família; moradia, móveis e eletrodomésticos; utensílios domésticos; acessórios; alimentos e bebidas; acerca das quais se apresenta, a seguir, a análise dos resultados:

#### 5.4.1.1 1ª Categoria: Família

A primeira categoria foi formada por membros da família como pai, mãe, irmão, irmã, tio, tia, avô, avó entre outros. Para a palavra “família”, segundo Joaton Suruí, não há palavra correspondente na Língua Paiter Suruí.

**Figura 2.** Família



Fonte: <http://www.hotel-r.net/pl/familia>. Acessado em 30/08/16

Ao apresentar a imagem acima aos surdos Paiter, pretendia-se que identificassem suas famílias (pai, mãe, filhos(as)) e posteriormente realizassem o

sinal para a mesma, mas pude observar que nem todos os surdos indígenas a compreenderam da mesma forma que esta pesquisadora a interpretou. Observou-se que no contexto Paiteir os surdos participantes da pesquisa apresentam sinais diferentes para “família”.



Majui



Mairarê



Abaeté



Piatã

Para Majui, foi apresentada uma fotografia da própria família, a qual realizou o sinal em forma de “abraço”, que parece representar o amor e o carinho que os pais têm por ela. No sinal realizado por Mairarê, é possível identificar que ela faz referência aos seus, representando na sua sinalização o tamanho dos membros de sua família: “pequenos, grandes e vários”.

Já Abaeté, realizou “homem pequeno” e “mulher pequena”. Entende-se que a imagem influenciou no resultado desse participante, pois se pretendia que ele sinalizasse família, mas percebe-se que ele realizou o sinal para as crianças presentes na imagem. Não houve entendimento entre Abaeté e a pesquisadora, mas

compreende-se que houve a criação de um sinal com base no visual, característica fundamental da cultura surda. A propósito, Campello (2008) afirma que o processo de criação de sinais pelos surdos está ligado ao exercício da visualidade.

Ao participante Piatã, foi apresentada a foto da família, ele então realizou um movimento circular e trouxe para si, entendendo que o mesmo se refere a todos (pai, mãe, irmãos e irmã) incluindo ele.

## **PAI**

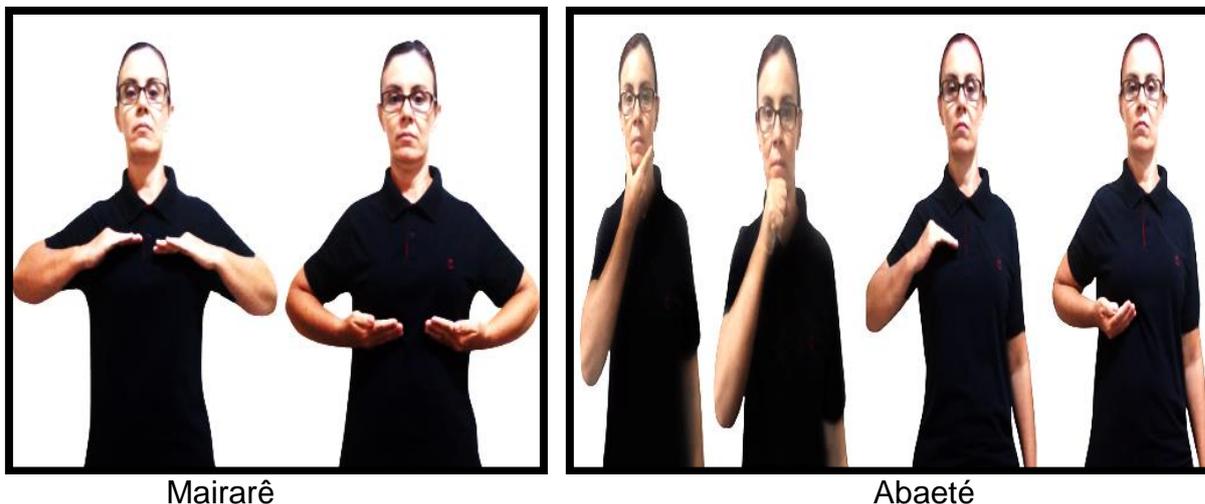
A palavra “pai” da Língua Portuguesa corresponde à palavra “bah” da Língua Paiteer Suruí. Não foi apresentado por Joaton um significado correspondente em Língua Portuguesa. Para esse sinal não se utilizaram figuras, para alguns participantes foi apresentada a foto dos pais e para outro, a pesquisadora, na tentativa de se fazer entender, oralizou a palavra “pai” em Língua Portuguesa. O fato de não utilizar foto de todos os pais participantes da pesquisa para a produção de dados se justifica porque na cultura Paiteer Suruí, de acordo com Joaton, a foto significa o aprisionamento da alma, assim alguns dos participantes não permitiram ser fotografados.



No sinal realizado por Mairarê nota-se que a sinalizante faz referência ao ícone “chapéu” que é utilizado pelo pai em seu cotidiano, o que foi notado durante as observações na aldeia.

## **MÃE**

A palavra “mãe” corresponde à palavra “õni” na Língua Paiter Suruí e não há um significado para mesma na Língua Portuguesa. Para esse item, assim como no anterior, para alguns indígenas foram apresentadas fotografia e para outro foi oralizada a palavra “mãe”.



Mairarê

Abaeté

Em relação ao sinal “mãe”, Mairarê e Abaeté ressaltam o ícone “seios”. Mairarê usa as duas mãos fazendo movimentos que ressaltam a forma dos seios, Abaeté usa apenas uma das mãos fazendo o mesmo movimento. Esse sinal representa um gesto muito comum entre os Suruí, a amamentação, pois muitas crianças são amamentadas até os 2 anos. Mindlin (1985) diz que as mulheres indígenas têm filhos com espaços de dois em dois anos, e que são desmamados quando a mãe fica grávida outra vez. A autora relata que as mulheres amamentam quase o tempo todo, logo percebe-se a motivação da utilização do ícone “seios” na formação do sinal para “mãe”.

## IRMÃO

Õomhr é a palavra em Língua Paiter Suruí que corresponde à palavra “irmão” em Língua Portuguesa, a qual não apresenta um significado semântico na Língua Portuguesa. Utilizaram-se as fotos dos irmãos de Majui e Piatã, somente para esses dois participantes; para os demais não foram utilizadas figuras, houve uma tentativa oral, mas a pesquisadora não foi compreendida.



Majui



Piatã

Piatã e Majui são irmãos e têm outros três irmãos. Majui refere-se aos irmãos como “pequeno meu” e Piatã como “pequeno”. O ícone em destaque nesses sinais faz referência ao tamanho “pequeno”, que também pode significar menor que pai e menor que a mãe. Mindlin (1985) relata que a relação entre o irmão e a irmã é muito forte, que os irmãos costumam presentear as irmãs casadas e sobrinhas, com as quais vão construindo uma futura relação conjugal. Esse carinho na cultura Paiter é percebido na sinalização de Majui ao realizar o sinal “pequeno meu” para os irmãos.

## TIO

Na Língua Paiter Suruí, para a palavra “tio” há uma diferença. Segundo Joaton Suruí, para “tio” há palavras e significados que apresentam diferença na Língua Paiter Suruí, havendo o “tio (materno)” que corresponde a “olop epohr” e significa “irmão de minha mãe”, já para o “tio (paterno)” a palavra correspondente é “kokop oni soa” que significa “irmão de meu pai”. Fotografias dos tios foram apresentadas aos surdos indígenas.



Observa-se que Majui e Abaeté realizaram o sinal de “pai (da Libras) e escrever no quadro”; acredita-se que a realização desse sinal está relacionada ao fato de os tios serem professores da escola onde estudam.

Nessa categoria, alguns sinais apresentaram a influência da Libras, e dentre todas as categorias essa foi a que mais apresentou sinais com influência da Libras:



Potira (família)



Potira e Majui (pai)



Potira e Majui (mãe)



Potira (irmão)



Potira (irmã)



Potira (primo)



Potira (prima)



Potira (tio)



Potira (tia)



Potira e Abaeté (avô)



Potira (avó)

#### 5.4.1.2 2ª Categoria - moradia, móveis e eletrodomésticos

A segunda categoria compreende itens lexicais que correspondem a moradia, móveis e eletrodomésticos.

#### CASA

A palavra “casa” é correspondente a “lab” na Língua Paiter Suruí, a qual, segundo Joaton, não tem correspondente na Língua Portuguesa.

**Figura 3. Casa**



Fonte: <http://rodadepassarinho.blogspot.com.br>. Acesso em 30/08/16. Imagem adaptada pela autora

A imagem apresentada para casa corresponde à fotografia de uma das casas da aldeia do Povo Paiter Suruí.



Todos os indígenas surdos participantes da pesquisa (Potira, Majui, Mairarê, Abaeté e Piatã) sinalizaram “casa” conforme o sinal representado acima. Observa-se que nesse sinal há proximidade com o formato as casas da aldeia, de estilo colonial. O ícone presente é a forma do telhado e esse também é o mesmo sinal utilizado em Libras para “casa”. De acordo com Pucci (2009), as casas da aldeia seguem o mesmo modelo colonial, são construídas no modelo das casas dos colonos que habitavam em terras do Povo Paiter Suruí, construídas com tábuas de madeira, para a cobertura são utilizadas folhas de amianto e o piso é de cimento queimado.

## **BARRACÃO**

“Meah”<sup>31</sup> na Língua Paiter Suruí, o barracão, como é denominado na Língua Portuguesa na aldeia, significa “casa que fica no terreiro”.

---

<sup>31</sup> Meah é um barracão grande, coberto de palha de babaçu. O meah é usado para eventos, reuniões, oficinas e rodas de conversas (ZEZÉ WEISS 2017, s/p.). Disponível em: <https://www.xapuri.info/ecoturismo/povo-paiter-cria-wagoh-pakob-espaco-de-vivencia-da-forca-da-floresta/>. Acessado em 28/07/17.

**Figura 4. Meah**

Fonte: Lima ,2017.

Como pode ser observado na ilustração, o “meah”, fica localizado próximo às casas, cada residência tem o seu próprio “meah”, onde os indígenas têm redes e bancos nas quais se deitam nas tardes de muito calor, as mulheres fazem seus artesanatos, as crianças brincam e as famílias se reúnem para conversar. O “meah” é um espaço aberto de convivência diária na aldeia, é utilizada madeira em sua construção, são cobertos com palhas de babaçu e não há piso.



Potira, Mairarê e Piatã



Majui



Abaeté

O “meah” é um espaço que pertence à cultura Paiter. Podemos observar que ao sinalizar os surdos indígenas representam os elementos da sua cultura. Observa-se que nos três sinais realizados o ícone presente é a cobertura, parecido com a sinalização de casa, mas nos dois primeiros sinais apresentados acima observa-se que há outro ícone presente, a cobertura onde a palha é utilizada, que pode ser observado pelo formato das mãos. Já na sinalização de Abaeté, nota-se ainda que há ícones que indicam a cobertura do meah, a ação de entrar e o fato de muitas pessoas estarem presentes.

## **BANHEIRO**

A palavra “banheiro” na Língua Paiter Suruí tem duas aplicações e dois significados. De acordo com a primeira, banheiro “liyã mokoy” significa “lugar de fazer cocô”, já a segunda é o “wey ahkoy”, “lugar de banho”, “banhador”, conforme explicação de Joaton Suruí.

**Figura 5. Banheiro**



[https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g4082914-d4598173-i105127194-ClivSol\\_Hotel\\_Fazenda-lepe\\_State\\_of\\_Sao\\_Paulo.html](https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g4082914-d4598173-i105127194-ClivSol_Hotel_Fazenda-lepe_State_of_Sao_Paulo.html). Acesso em 30/08/16

Ao apresentar a imagem acima, a pesquisadora pretendia que os indígenas surdos realizassem apenas um sinal para banheiro como um cômodo da casa, mas observou-se que houve leituras diferentes da mesma imagem, houve referência a louças e objetos que compõem o banheiro. A pesquisadora entende “banheiro” como a definição apresentada pelo Dicionário Online<sup>32</sup>, qual seja, “cômodo da casa onde se acham instalados a banheira e/ou o chuveiro, vaso sanitário, pia e, às vezes, bidê”. Mas para esse item vale ressaltar que na aldeia, na maioria das casas, há dois banheiros, um dentro de casa e outro externo, atrás das casas, um cômodo desvinculado, sem ligação física com o corpo da casa.



Majui

Mairarê

<sup>32</sup>[https://www.google.com.br/search?q=banheiro+defini%C3%A7%C3%A3o&og=banheiro+defini%C3%A7%C3%A3o&gs\\_l=psy-ab..3..0j0i22i30k1i3.6689.8626.0.8977.10.9.0.0.0.323.1069.2-3j1.4.0....0...1.1.64.psy-ab..6.4.1068...0i67k1.w5QxLpeD3ll](https://www.google.com.br/search?q=banheiro+defini%C3%A7%C3%A3o&og=banheiro+defini%C3%A7%C3%A3o&gs_l=psy-ab..3..0j0i22i30k1i3.6689.8626.0.8977.10.9.0.0.0.323.1069.2-3j1.4.0....0...1.1.64.psy-ab..6.4.1068...0i67k1.w5QxLpeD3ll)

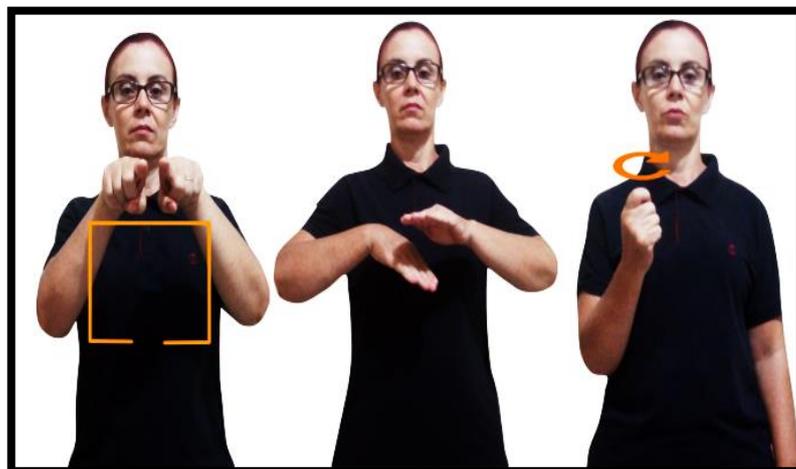
Ao observar os sinais produzidos, nota-se que no sinal de Majui há o movimento de levantar a tampa do vaso sanitário e o movimento indicativo de tirar a roupa. No sinal realizado por Mairarê é possível verificar as ações que indicam o olhar no espelho, escovar os dentes e tirar a roupa.



Abaeté (banheiro 1)



Abaeté (banheiro 2)



Piatã

Os sinais produzidos por Abaeté são interessantes, pois o mesmo realizou dois sinais para banheiro. Infere-se que a sinalização tem vínculo cultural, pois assim como na língua oral Paiter Suruí há duas palavras e dois significados para banheiro, a sinalização dele também apresenta essa diferenciação. Observamos que no primeiro sinal há movimentos que indicam o acordar e escovar os dentes, já no segundo sinal há a presença do vaso sanitário, como o movimento de abrir a tampa, e logo em seguida podemos perceber o movimento de tirar a roupa. Piatã sinaliza fazendo um quadrado, que é o indicativo do espaço do

banheiro, a ação de entrar nesse espaço e outro sinal que se refere ao movimento da água no vaso sanitário após a descarga.

## COZINHA

“Sodinal” em Língua Paiter Suruí, que significa “espaço de cozinhar”, corresponde à palavra cozinha na Língua Portuguesa.

**Figura 6.** Cozinha



[www.gotoworldfr.com](http://www.gotoworldfr.com). Acesso em 30/08/16

Ao utilizar essa imagem, o objetivo da pesquisadora era de que os surdos indígenas sinalizassem cozinha. A imagem acima representa uma cozinha simples e tradicional, onde podemos ver uma pequena mesa, um fogão e uma botijão de gás, um armário e uma geladeira. Esta pesquisa tem a concepção de que a cozinha é o espaço onde se prepara a comida.



Mairarê



Abaeté



Piatã

Mindlin (1985) diz que a cozinha para o Povo Paiter é um espaço comum, em que os alimentos são trazidos da roça e cozidos em panelas de barro, mexidos com colheres de taquara, e que a comida promove o afeto que circula pela distribuição da comida, o que pode ser percebido na sinalização de Abaeté e Piatã, quando apresentam na composição de seus sinais o indicativo de “muitas pessoas”, correspondendo a afeto, a união familiar. É possível observar que Mairarê e Piatã determinam um “espaço” para a “cozinha” em suas sinalizações. Em todos os sinais realizados podemos ver nitidamente o movimento que indica a ação de cozinhar referindo se a esse espaço da casa.

## SALA

A sala é o espaço destinado ao convívio social, em todas as casas do Povo Paiter Suruí que a pesquisadora visitou percebe-se o mesmo fim que apresenta para o homem não indígena. De acordo com Joaton Suruí, para a palavra “sala” na Língua Paiter Suruí não há palavra correspondente, nem significado. Hall (2014) afirma que não há cultura fixa, imóvel, pura, são todas heterogêneas. A partir desse pressuposto, ressalta-se que a cultura indígena é híbrida, fronteira e heterogênea, pois vivem em ambientes bilíngues e multiculturais, dotados de língua própria e nos quais partilham da cultura do homem não indígena.

**Figura 7. Sala**



<http://www.trololodemulher.com.br/2011/01/26/decoracao-sala-estar-amarelo/>

Essa foi a figura utilizada para que os surdos indígenas pudessem identificar e sinalizar o sinal correspondente a “sala”.



Mairarê



Abaeté



Piatã

Observa-se que nos sinais realizados pelos participantes é possível encontrar características peculiares: na sinalização de Mairarê, pode-se identificar “sala” como um “espaço de deitar e sentar”, já para Abaeté é um “espaço de relaxar e assistir televisão” – nota-se que o mesmo representa em sua sinalização o controle remoto da televisão na composição do sinal para sala. Piatã revela ser um “espaço onde há o encontro de muitas pessoas”. Pode-se ressaltar a predominância da visualidade como uma característica da cultura surda. De acordo com Lulkin (2013), a comunicação com base no visual produz formas de captar, interpretar e narrar o mundo a partir de uma cultura visual, o olhar torna-se essencial, logo, os sinais produzidos para “sala” revelam os costumes familiares dos surdos indígenas.

## FOGÃO

De acordo com o Dicionário Online<sup>33</sup>, o fogão em Língua Portuguesa é definido como um “aparato de alumínio, ferro ou alvenaria, fixo ou móvel, com abertura(s) por onde sai uma chama alimentada por gás ou lenha, usado para cozinhar”. Na Língua Paiter Suruí, “fogão” corresponde à palavra “sodirap” que significa “algo de cozinhar”.

**Figura 8.** Fogão



Fonte: <http://www.girafa.com.br>. Acesso em 30/08/16

Para a realização do sinal “fogão”, adotou-se a figura acima para ilustrar o que a pesquisadora desejava, conforme definição apresentada, e assim, a partir da

---

<sup>33</sup><https://www.google.com.br/search?q=FOG%C3%83O+DEFINI%C3%87%C3%83O&oq=FOG%C3%83O+DEFINI%C3%87%C3%83O&aqs=chrome..69i57j0l3.6422j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

concepção de cada um, que os mesmos pudessem demonstrar os sinais utilizados em seu cotidiano familiar, conforme podemos observar a seguir:



Potira



Majui e Piatã



Mairarê



Abaeté

Nota-se nos sinais realizados pelos indígenas surdos que o ícone presente na maioria faz referência ao “fogo”, o que foi registrado por Potira, Majui, Piatã e Abaeté; embora haja configurações diferentes para o ícone, em todos os sinais produzidos o ícone presente é o mesmo. Observa-se também que Potira, Majui e Piatã realizam movimento que indica a presença do fogão, Abaeté em sua sinalização gira a mão em um movimento que nos remete à ideia do botão de acender o fogo. Campello observa que “a visualidade tem diferentes representações e referentes diferentes” (CAMPELLO, 2008, p. 94). Para o mesmo sinal Mairarê em sua sinalização abre e fecha a tampa do fogão, destampa a panela e mexe o alimento que está sendo cozido.

## TELEVISÃO

Para “televisão”, de acordo com Joaton Suruí, não há palavra nem significado correspondente na Língua Paiter Suruí.

**Figura 9.** Televisão



Fonte: <http://www.blogtche-auri.blogspot.com.br>. Acesso em 30/08/16

A televisão está presente nos lares do Povo Paiter. Pucci (2009) afirma que os lares indígenas têm os mesmos utensílios que os lares não indígenas, como fogão a gás, televisão, rádio, sofá, geladeira, cama etc.

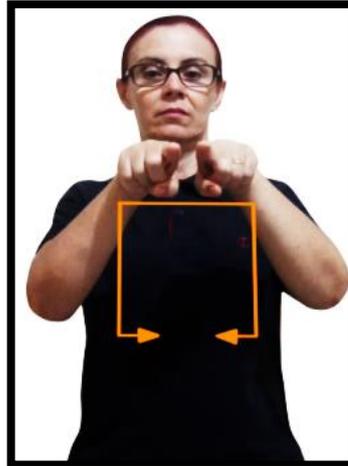
A imagem acima foi apresentada aos indígenas surdos com o intuito de realizarem o sinal correspondente a “televisão”. Selecionou-se essa imagem, pois durante o período de observações a pesquisadora viu em uma das casas indígenas um aparelho muito parecido com essa da imagem, assim não iria divergir da realidade dos surdos indígenas.



Potira



Majui



Piatã



Mairarê

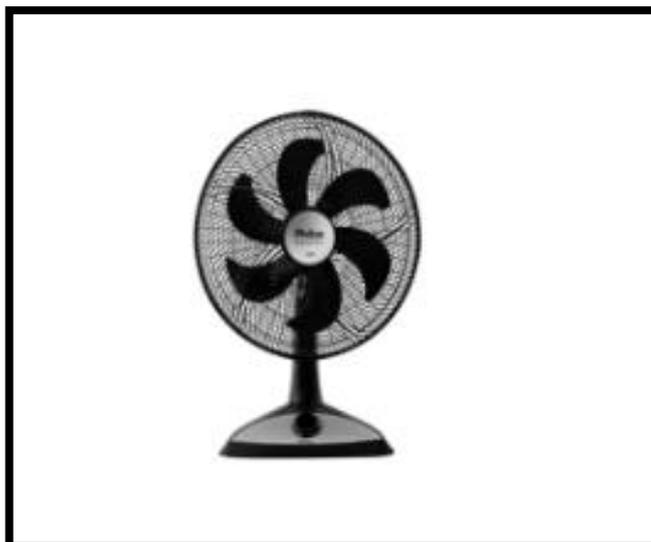


Abaeté

Ao observar os sinais realizados, é nítida a presença de dois ícones importantíssimos para esses sinais. O primeiro, representado pela ação de “assistir à televisão” e o segundo pelo “formato quadro da televisão”, que seria uma “caixa de ver”, o que traduz a cultura surda presente, Perlin (1998) diz que, a experiência visual não é apenas a utilização da visão e sim o surgimento da língua de sinais. Aqui entende-se que vem ocorrendo a formação dos SPS, pois não é possível afirmar a existência de uma língua de sinais instaurada, mas que há sinais sendo utilizados no cotidiano desses indígenas surdos.

## VENTILADOR

O ventilador também é um eletrodoméstico muito presente nos lares Paiter Suruí. De acordo com Joaton, o ventilador é representado pela palavra “wowowap” que significa “aquele que produz vento”. Para a visualização adotou-se a seguinte imagem:

**Figura 10. Ventilador**

Fonte: <http://www.magazineluiza.com.br>. Acesso em 30/08/16

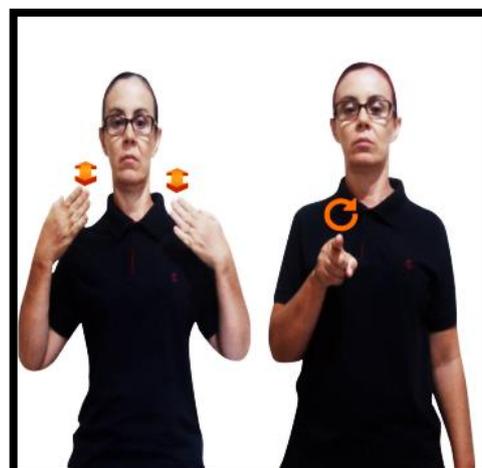
Por ser um ventilador de mesa, imaginava-se que era isso que iriam sinalizar, mas os surdos Paiter realizaram sinais diferentes dando a entender diferentes modalidades de ventilador: de teto, de mesa e de coluna. Ressalta-se que há entre os surdos indígenas a variação linguística dos sinais realizados, o que se pode observar a seguir:



Potira



Majui



Mairarê



Abaeté



Piatã

Ao observar os sinais realizados para ventilador, é possível perceber que todos os participantes se referem ao movimento circular que a hélice faz ao produzir o vento. No olhar da pesquisadora, os sinais apresentados para ventilador têm relação direta com o significado da palavra na Língua Paiter Suruí “aquele que produz vento”. Entende-se que o ventilador de Potira é um ventilador de mesa, o de Majui e o de Piatã, o ventilador de teto, o sinal que Abaeté realiza nos remete ao ventilador de coluna. Mairarê faz referência em sua sinalização ao movimento da hélice e ao calor.

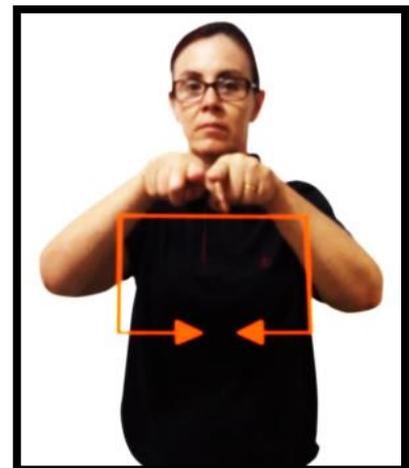
Sinais que apresentaram influência da Libras:



Potira (banheiro)



Potira (cozinha)



Potira (sala)

#### 5.4.1.3 3ª Categoria: utensílios domésticos

Nessa categoria buscou-se organizar em sua composição palavras que estão relacionadas aos utensílios domésticos mais comuns utilizados nas cozinhas

no cotidiano familiar.

## PRATO

De acordo com Joaton Suruí, “soa wahp pejoah” corresponde à palavra “prato” na Língua Paiter Suruí, que significa “material de comer”.

**Figura 11.** Prato



Fonte: <http://produto.mercadolivre.com.br>. Acesso em 30/08/16

Essa foi a imagem apresentada aos surdos Paiter; nesta pesquisa buscou-se estar o mais próximo possível da realidade local. Observou-se durante as visitas realizadas na aldeia que esse tipo de prato era utilizado nas cozinhas Paiter, pois as culturas ao atravessarem as fronteiras se transformam e recebem novos significados, a evolução não extermina a cultura, mas a transforma. Canclini (2011) afirma que a inter-relação entre duas culturas existentes de forma separada se combinam e geram novas estruturas ou práticas, que são geradas pelos processos culturais, no que se denomina hibridismo cultural.



Potira



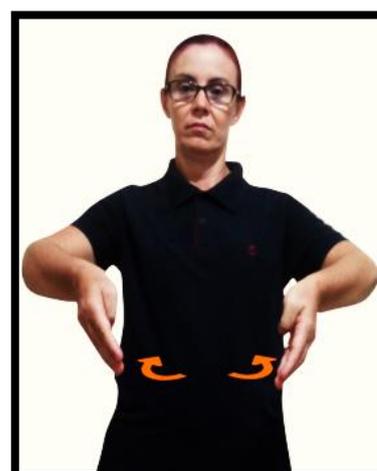
Majui



Mairarê



Abaeté



Piatã

É possível observar que o ícone presente nas sinalizações é a forma do prato, os sinais realizados nos remetem a algo em forma circular, com posição de mão diferentes. Mairarê realizou um sinal que nos lembra a posição dos pratos num

escorredor de louças, já o sinal que Abaeté realizou está próximo ao movimento realizado para lavar o prato.

## PANELA DE ALUMÍNIO

Em decorrência do hibridismo cultural, a panela de alumínio também está presente nas cozinhas das famílias Paiter. Ela é representada na Língua Paiter Suruí pela palavra “lobekirahp” que significa “material de alumínio”. Com o objetivo de demonstrar o sinal para panela de alumínio, apresentou-se a figura a seguir:

**Figura 12.** Panela de alumínio



Fonte: <http://www.victorialoucas.com.br>. Acesso em 30/08/16

Embora realizem sinais com pequenas diferenças para esse item, é possível observar a presença do ícone “tampa” que pode ser observado na sequência:



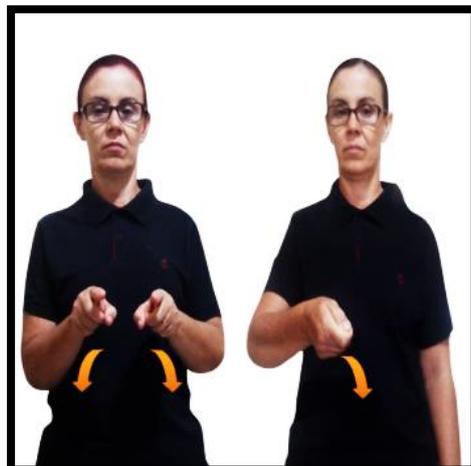
Potira



Majui e Abaeté



Mairarê



Piatã

Potira em seu sinal retira a tampa da panela, os demais participantes da pesquisa realizam o movimento de tampá-la.

### PANELA DE CERÂMICA

Na Língua Paiter Suruí é denominada “lobeah” e significa “algo usado para pôr coisas dentro”. De fabricação típica de povos indígenas, está muito presente nas casas das famílias Paiter. De acordo com Vidal, “a produção de cerâmica é um trabalho que está nas mãos das mulheres entre os Suruí” (VIDAL, 2011, p. 43): são elas que buscam o barro e as confeccionam.

**Figura 13.** Panela de cerâmica



Fonte: Lima, 2017.

A imagem acima foi selecionada para ser a mais real possível, pois sempre se procurou que as imagens utilizadas fossem fotografadas na aldeia.



Potira



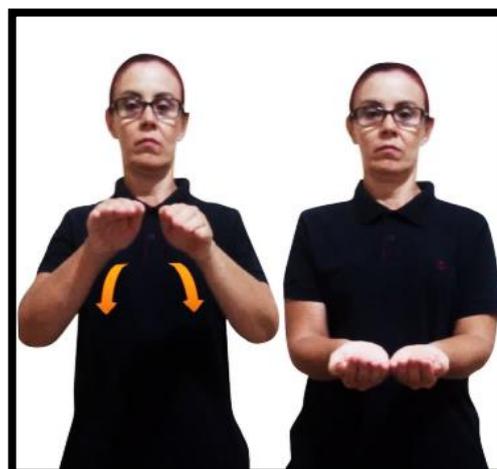
Majui



Mairarê



Abaeté



Piatã

Ao analisar os sinais realizados para panela de cerâmica, observa-se que o ícone presente é a panela em si, representada na sinalização pela forma arredondada presente nos sinais indígenas. O sinal realizado por Mairarê merece uma atenção especial, pois é possível visualizar o processo cultural de produção da panela, observa-se que ela amassa a argila com a mão e vai moldando no ar a panela, conforme as imagens da produção da panela feitas por Vidal (2011). Pelas imagens se apresenta uma pequena parte do processo da produção das panelas de cerâmica das mulheres Suruí, observando o amassar da argila e a moldagem da peça, assim como sinalizado por Mairarê.

**Figura 14:** Amassando o barro



Fonte: Vidal, 2010, p. 56.

**Figura 15:** Moldando a panela



Fonte: Vidal, 2010, p. 57.

## **CESTO**

O cesto na Língua Paiter Suruí é representado pela palavra “nitih”, que de acordo com Joaton Suruí não tem significado correspondente na Língua Portuguesa. Mindlin (1985) afirma que a cestaria é uma arte feminina Suruí. As mulheres confeccionam todos os tipos de cesto, dos mais variados tamanhos, que servem para guardar todo tipo de objetos. Para a produção de dados foi utilizada a fotografia a seguir, a qual faz parte do acervo pessoal da pesquisadora.

**Figura 16. Cesto**



Fonte: Lima, 2017.

A intenção da pesquisadora com a utilização dessa figura era que os surdos indígenas realizassem o sinal referente a esse tipo de cesto, pois era o cesto que até então observado na aldeia com mais frequência. Mas outro tipo foi sinalizado: o adô, presente na cultura Paiter. Conforme Mindlin, “o “adô” é um cesto de trazer provisões da roça, de fácil confecção, o qual pode ser feito em menos de uma hora” (MINDLIN, 1985, p. 68).



Potira



Mairarê



Abaeté



Piatã

Observa-se que em todos os sinais realizados há a presença do ícone “cesto” marcado na sinalização pela forma arredondada que todos os indígenas surdos realizam ao se referir a cesto. O sinal de Mairarê para cesto refere-se ao “adô”, o qual pode ser observado nas imagens a seguir.

**Figura 17.** Adô 1

Fonte: Vidal, 2011, p. 44.

**Figura 18.** Adô 2

Fonte: Lima, 2017.

Mairarê, ao ver a imagem apresentada, realizou o sinal para o “adô”, destacando em sua sinalização a cultura do Povo Paiter, pois o cesto é confeccionado com o objetivo de buscar a produção na roça; nota-se que a mesma tem um significado cultural. Mairarê fez referência ao cesto que é colocado na cabeça, realizando no sinal um movimento circular contínuo, que é o movimento que as indígenas realizam com as folhas do babaçu para confeccionar o utensílio. O processo de confecção do “adô” pode ser observado na imagem a seguir:

**Figura 19. Cesto**

Fonte: Joaton Suruí, 2015.

O artesanato indígena é fonte de renda para o sustento das famílias, a produção é vendida aos visitantes ou em feiras de artesanato realizadas em Cacoal ou em outras localidades. Os artesanatos indígenas são confeccionados pelas mulheres indígenas com a utilização de vários elementos da natureza. De acordo com informações obtidas durante as observações, o cocar, segundo uma informante, é trabalho exclusivo dos homens da aldeia.

**Figura 20. Tucumã**

Fonte: Lima, 2017.

**Figura 21. Confeção do Anel**

Fonte: Lima, 2017.

Os artesanatos são produzidos a partir de espinhos do ouriço-cacheiro, sementes das mais variadas árvores, dentes de macaco, cascos de tatu, e o mais popular de todos: o coquinho de tucumã. Em todas as casas visitadas, as mulheres produziam diariamente seus artesanatos.

Mindlin (1985) fala sobre a produção dos artesanatos e dos elementos que os compõem:

A qualquer hora do dia ou à noite fazem colares. Esses podem ser só de contas de tucumã, de contas de dentes de macaco, de contas e cascos de tatu, de pelos de ouriço-cacheiro, de favas do mato. Os coquinhos de tucumã são quebrados, cortados com faca, perfurados, enfiados numa linha amarrada em duas pontas e lixados com pedra, por vezes são extensão de dez metros ou mais. [...] (MINDLIN, p. 67 grifos da autora)

Com o processo de hibridização, ocorreram algumas mudanças no processo de utilização do tucumã; antes eram quebrados e hoje são cortados com facão ou com serrinhas de metal. Na produção dos artesanatos, o processo de lixamento dos colares, como diz a autora, era realizado com pedras e atualmente, conforme observado, as mulheres indígenas utilizam uma lixa em folha comprada no comércio de Cacoal.

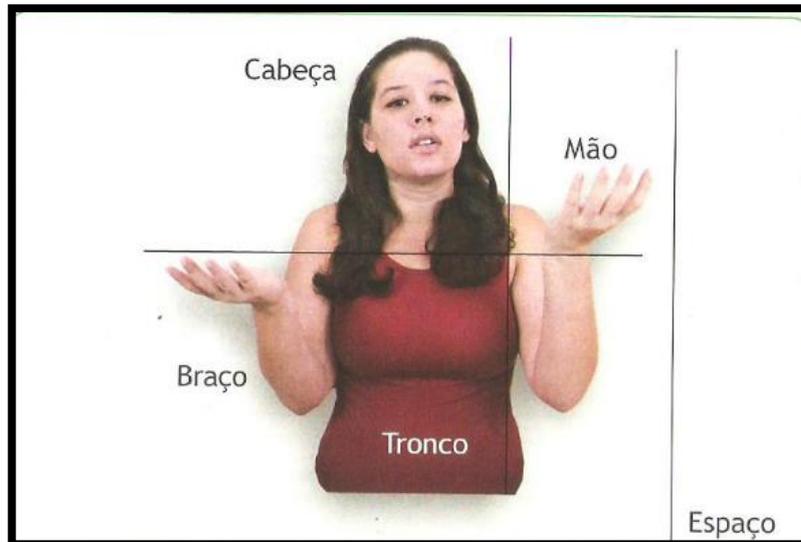
#### **5.4.1.4 4ª Categoria – acessórios (artesanatos)**

Nessa categoria são apresentados os sinais utilizados para se referir aos acessórios, ou seja, os artesanatos indígenas, os enfeites produzidos pelo Povo Paiter Suruí.

Outro ponto a ser destacado é que nessa categoria foram incluídos calçados e acessórios, e ressalta-se que para quase todos os calçados apresentados os participantes realizaram o processo de apontar para o pé, não cabendo assim o registro em fotos, pois ficaria bastante estranho. A sinalização, de acordo com Pimenta (2008), tem espaços destinados à produção desses sinais. Foram apresentadas aos participantes as figuras de CHINELO, TÊNIS e SANDÁLIA, mas somente um dos participantes sinalizou CHINELO utilizando as mãos para tal.

O espaço para a produção dos sinais, de acordo com Pimenta “acontece em um espaço de sinalização que inclui o próprio corpo do sinalizante e o espaço à frente do seu corpo” (PIMENTA, 2008, p. 8). De acordo com o autor, os sinais são realizados no espaço, conforme apresentado na figura a seguir:

**Figura 22.** Espaço de sinalização



Pimenta, 2008, p. 8.

## BRINCO

A palavra brinco na Língua Paiter Suruí é representada por “nepibeh sit”, que significa “enfeite de orelha”. É muito utilizado em dias de festa pelas mulheres indígenas, o que pôde ser constatado nas visitas realizadas à aldeia.

**Figura 23.** Brinco

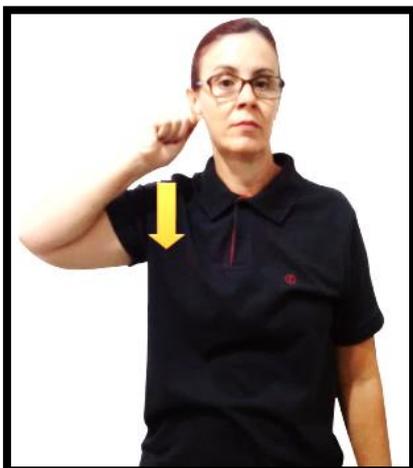


Fonte: Lima, 2017.

As mulheres Paiter, de acordo com Mindlin (1985), são vaidosas, estão sempre adornadas. A autora relata que em uma festa da qual participou pôde ver que “[...] nunca os enfeites foram tão lindos: plumas brancas e coloridas, colares de palha, de algodão e tucumã, plumas no braço [...]” (MINDLIN 1985, p. 59).

A fotografia apresentada faz parte do acervo pessoal da pesquisadora e

foi registrada no dia da inauguração do Museu Paiter A Soe (coisas de Paiter). Essa imagem foi selecionada por fazer parte do universo indígena Suruí, de modo que os surdos indígenas pudessem identificar e realizar o sinal para brinco por eles utilizados, que apresentou o seguinte resultado:



Potira



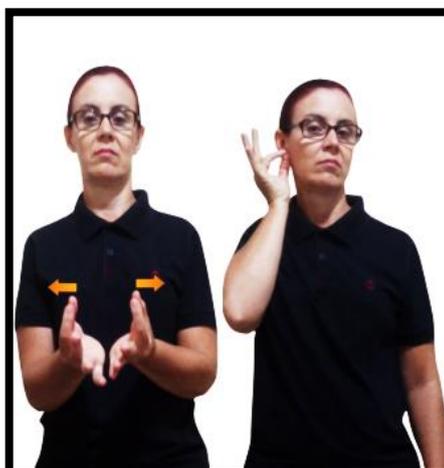
Majui



Mairarê



Abaeté



Piatã

Ao observar a realização de sinais para esse item, é possível identificar a referência a pena, que é o ícone presente em todos os sinais. Potira faz o movimento de pôr o brinco na orelha, já o sinal de Majui é bem próximo ao de Potira, o que difere é a posição da mão, e ela realiza um pequeno movimento para indicar o posicionamento do brinco. Abaeté também faz o sinal pondo o brinco na orelha e sinaliza o movimento que indica a posição do brinco (penas); Piatã primeiramente define a pena em sua sinalização e depois indica o local de uso, a orelha; Mairarê traz em sua sinalização, na composição do sinal, o processo de confecção do brinco, pois é nítido o posicionamento da pena para prendê-la e assim formar o brinco indígena conforme a cultura de seu povo.

## COLAR

Na cultura Paiter Suruí, as mulheres produzem colares utilizando vários elementos. Mindlin (1985) relata que entre esses elementos estão: tucumã, dentes de macaco, casco de tatu, sementes das mais diversas árvores e pelos de ouriço-cacheiro, os quais são cuidadosamente trabalhados pelas preciosas mãos indígenas. A autora relata que as mulheres tecem cordões de algodão trançando-os numa espécie de crochê.

De acordo com informações de Joaton Suruí, a palavra “colar” na Língua Paiter Suruí corresponde ao termo “sogap”, o qual significa “caroço de algo”.

**Figura 24.** Colar

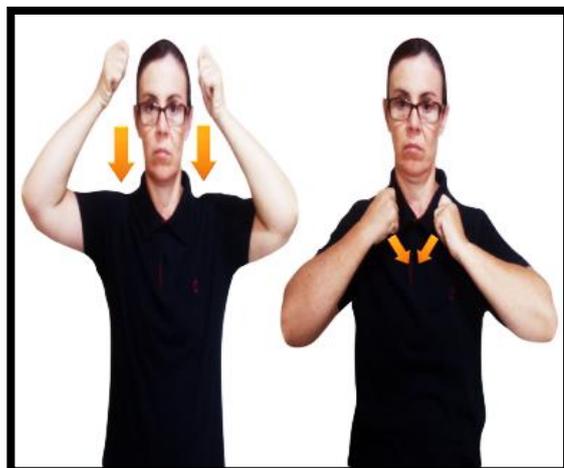


Fonte: Lima, 2017

Para significar “colar”, apresentou-se aos indígenas surdos uma fotografia registrada na aldeia Gagpir no dia da inauguração do Museu Paiter A Soe, a qual pertence ao acervo pessoal da pesquisadora. Os surdos indígenas apresentaram os seguintes sinais:



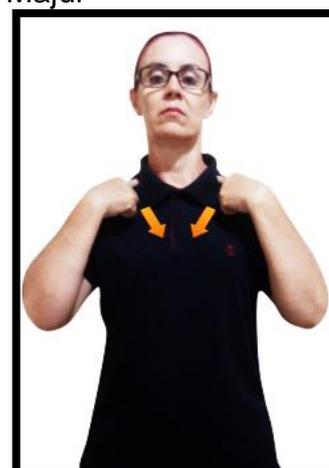
Potira



Majui



Mairarê



Abaeté e Piatã

Quando observados os sinais relativos a colar, verifica-se que o ícone presente em todos é o próprio colar. Majui, além do colar, demonstra em sua sinalização o ato de colocá-lo no corpo. No sinal apresentado por Mairarê é nítida a presença da cultura indígena, podemos verificar o procedimento de produção da peça, é possível ver o processo de lixamento do colar com a lixa industrial. No momento da confecção do colar, as mulheres indígenas amarram suas pontas em duas árvores. De acordo com Mindlin (1985), alguns colares são enormes, com aproximadamente 10 metros, e são lixados cuidadosamente. É um trabalho árduo e demorado.

## COCAR

Na Língua Paiter Suruí “gapeh” é a palavra cocar, na Língua Portuguesa não há palavra correspondente.

[...] os sabedores indígenas os mais velhos ensinam as crianças e jovens como tratar as outras pessoas e como deve ser o comportamento do Paiter dentro da comunidade e fora da comunidade. Desta forma e repassando saberes culturais para os homens e as mulheres da comunidade. Esses saberes geralmente estão relacionados ao artesanato, roça, pesca, caça e outros costumes da identidade cultural dos Paiter.

Nestes saberes as meninas aprendem a fazer cestos, cerâmicas, chicha, colares, pulseiras, alimentação, cuidar dos filhos, da casa e fazer coletas na floresta. Os meninos aprendem a caçar, pescar, fazer roça, flechas, arcos, cocares e participam de reuniões da comunidade sobre a nossa música e sobre as festas dos Paiter. (JOATON SURUÍ, 2015, p. 20. Grifos da autora).

A confecção do cocar na cultura indígena do Povo Paiter Suruí é uma arte masculina, ensinada às crianças desde pequenas. Para que os surdos pudessem visualizar e realizassem o sinal desejado, apresentou-se a seguinte figura:

**Figura 25.** Cocar



Fonte: <http://hernehunter.blogspot.com.br>. Acessado em 30/08/16

Conforme Mindlin (1985,) os cocares são enfeites de cabeça, confeccionados de penas variadas, usados pelos indígenas em dias de festa. As penas são recolhidas na floresta em todos os passeios, pois não pode perder a oportunidade de recolhê-las.



Potira



Majui



Mairarê



Abaeté



Piatã

Para todos os sinais realizados pelos indígenas surdos observa-se que o ícone presente é o cocar, sendo possível identificá-lo em cada uma das sinalizações. Outro ponto que merece destaque é a presença das penas em todas as sinalizações.

Na sinalização realizada por Mairarê, é possível ver nitidamente o processo de confecção do cocar no sinal realizado. Na composição desse sinal, é perceptível a presença da arara, o mover das penas (embora haja a informação de que são usadas penas encontradas na floresta), o ato de pôr a pena na formação do cocar, e em seguida a sinalização do local de utilização dele.

## **ANEL**

De acordo com Joaton Suruí, não há palavra correspondente a anel na Língua Paiter Suruí, nem significado.

**Figura 26.** Anel



Fonte: Lima, 2017.

A fotografia acima foi exibida aos surdos Paiter com o intuito de que realizassem o sinal para anel utilizado por eles em seu cotidiano. A fotografia apresentada pertence ao acervo pessoal da pesquisadora, que fez o registro em um dia de festa na aldeia Gapgir, a inauguração do Museu do Povo Paiter. Desse processo foram realizados os seguintes sinais:



Potira



Majui



Mairarê



Abaeté



Piatã

Em todas as sinalizações é possível verificar a presença do ícone anel, sendo que Potira, Majui, Abaeté e Piatã indicam a ação de pôr o anel no dedo, mas ao observarmos o sinal realizado por Mairarê encontramos referência ao processo de confecção da peça, pois ela corta o coquinho do tucumã e põe no dedo.

Ao realizar esse trabalho, poucas foram as referências encontradas sobre a arte do Povo Paiter Suruí. Em termos de artesanato, observou-se o processo de produção de peças variadas como: anéis, colares e cestos, os quais são fabricados pelas mulheres indígenas que retiram os coquinhos de tucumã, muitas vezes no próprio quintal, removem a casca, cortam-nos com serrinhas ou facões, removem a massa com uma faca de ponta afiada e fina, sendo moldado cuidadosamente pelas preciosas mãos e finalizados com o lixamento da peça. Há algumas mulheres que buscam diferenciar as suas peças fazendo pequenos desenhos ou até mesmo utilizando verniz para dar brilho e mais beleza ao produto.

**Figura 27.** Coquinho de tucumã



Fonte: ADRIANO PAWAH SURUÍ, 2015, p. 30

Na aldeia, a pesquisadora teve a oportunidade de acompanhar esse processo. Outro ponto importante, como mencionado por Joaton Suruí (2015) e que foi presenciado, é que as mulheres mais velhas ensinam às meninas, desde cedo, essa arte.

## **PULSEIRA**

Pulseira na Língua Paiter Suruí é denominada “mãbekahp” que significa “mão com algo”, de acordo com as informações de Joaton Suruí.

**Figura 28.** Pulseira

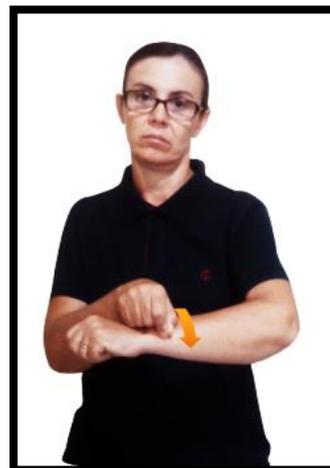


Fonte: Lima, 2017.

A fotografia acima faz parte do acervo pessoal da pesquisadora e foi apresentada aos indígenas surdos para que sinalizassem “pulseira”. E produziram os seguintes sinais:



Potira



Majui



Mairarê



Abaeté e Piatã

Os sinais realizados para pulseira pelos surdos Paiter demonstram que o ícone presente é a pulseira, sendo que em todos os sinais apresentam o movimento de colocá-la no braço. Ressalta-se que o sinal realizado por Mairarê, a qual representa em sua sinalização o cortar o coquinho de tucumã e o lixar, é distinto dos demais artesanatos: Mairarê faz o ato de pôr no braço, diferenciando assim a pulseira dos outros artesanatos que também ela também sinalizou com o movimento de cortar e lixar.

#### 5.4.1.5 5ª Categoria: alimentos e bebidas

A 5ª categoria apresentada aos participantes se compõe de alimentos e bebidas. Procurou-se elencar os alimentos mais comuns para o Povo Paiter Suruí.

##### **MANDIOCA**<sup>34</sup>

A mandioca, alimento nativo, foi um dos primeiros assimilados pelos portugueses quando no Brasil chegaram, e a farinha passou a fazer parte da base da alimentação local por volta do século XVII. A palavra mandioca na Língua Paiter Suruí corresponde a “mõy”, o qual não tem palavra correspondente na Língua Portuguesa.

De acordo com o site Socioambiental (s/d, s/p), os Paiter Suruí têm grande domínio da produção agrícola e das roças familiares, onde plantam uma grande variedade de produtos, tais como mandioca, milho, inhames, feijão, arroz, batatas, amendoim, banana, mamão, além do tabaco e do algodão. Utilizam para o plantio o sistema de coivaras, e após dois anos de produção as roças são abandonadas. Para identificação e sinalização de “mandioca” foi selecionada a imagem a seguir:

**Figura 29:** Mandioca



Fonte: <https://adeusdieta.wordpress.com>. Acesso em 30/08/16

Com a escolha da imagem apresentada, a pretensão era de que os surdos indígenas sinalizassem algo que indicasse somente a raiz da mesma, mas os

---

<sup>34</sup> Mandioca, aipim e macaxeira são nomes atribuídos ao mesmo alimento, mas na região de Cacoal, devido ao processo de colonização, frequentemente é nomeada por mandioca, assim optou-se pela utilização deste termo.

sinais diferiram da intenção da pesquisadora, o que pode ser observado nos sinais a seguir:



Potira



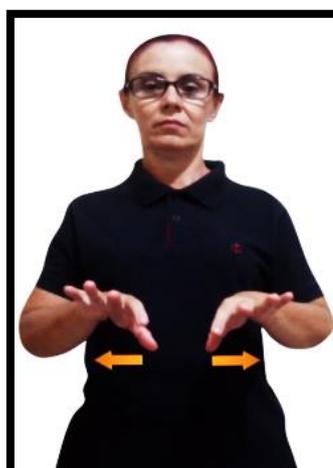
Majui



Mairarê



Abaeté



Piatã

Para os sinais realizados apenas Piatã e Potira fizeram menção a raiz de mandioca. Majui e Abaeté realizam o sinal de arrancar o pé de mandioca. Mairarê,

ao realizar o sinal para mandioca, faz referência à rama, ao nascer (o germinar) e ao pé de mandioca.

“[...] o Mapimaí, grande festa em que se dá a troca entre as metades, os íwai, grupo da roça ou da comida, são anfitriões. Os íwai devem prover nas festas a makaloba, bebida fermentada muito apreciada pelos Paiter. Feita de cará, mandioca, milho ou outro farináceo, a makaloba é tomada em quantidade por homens e mulheres. (SOCIOAMBIENTAL, s/d, s/p)

Outro ponto de extrema relevância é que em sua sinalização Mairarê soca o alimento e logo depois o ingere como líquido, o que se justifica devido à cultura local, pois conforme o site Socioambiental (s/d, s/p) são fabricadas bebidas fermentadas muito apreciadas pelos Paiter e a mandioca é um dos componentes desses produtos.

## CARÁ

O cará é muito cultivado pelo Povo Paiter Suruí, pois desempenha papel importante na alimentação humana. “Soah”, na Língua Paiter Suruí, significa “fruto de algo”, conforme informações prestadas por Joaton Suruí.

**Figura 30. Cará**



FONTE: <http://foconapanela.com.br>. Acesso em 30/08/16

Apresentou-se aos indígenas surdos a imagem acima para que pudessem visualizar e na sequência realizassem o sinal utilizado por eles em seu cotidiano para cará, conforme segue:



Potira



Majui



Mairarê



Abaeté



Piatã

Ao observar os sinais realizados pelos surdos indígenas, é possível identificar a presença do ícone, a forma do cará, que está presente em todas as sinalizações; outra referência é a ação de cortar o cará que está evidenciada em quatro dos cinco sinais produzidos. Potira e Majui fazem referência ao cará

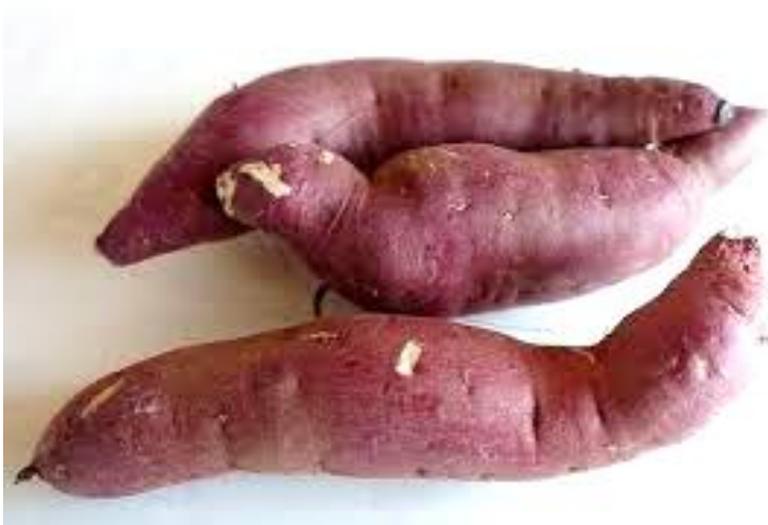
sinalizando a forma dele e a ação de cortar. Abaeté faz a forma, corta e demonstra que o mesmo ficou em duas partes representadas pela posição das mãos, as quais ficam separadas e voltadas para cima. Piatã corta o cará em duas partes e faz referência ao seu formato, apresentado de diferentes formas e tamanhos nos demais sinais. Mas ao analisar os sinais de Piatã e Majui identifica-se que ambos apresentam formas iguais para o tubérculo. No sinal realizado por Mairarê, a forma do cará fica evidente, mas ela volta a socar o alimento e o ingere como bebida.

Na cultura Paiter são produzidas bebidas fermentadas a partir de vários tubérculos. Conforme Maretro (2015), a “ chicha é uma espécie de bebida fermentada dos Paiterey, feita com milho (*Zea sp.*) e/ou inhame (*Colocasia esculenta [L.] Schott.*), cará (*Dioscorea alata L.*) e que adquire teor alcoólico – sendo um elemento de purificação espiritual” (MARETRO, 2015, p. 169), assim o que vemos no sinal de Mairarê é a referência ao processo de produção da bebida, a qual faz parte da cultura indígena.

## BATATA-DOCE

A batata-doce é outro tubérculo muito presente na cozinha do Povo Paiter, de acordo com Joaton Suruí a palavra “wati ãoh” é o termo de referência a esse alimento na Língua Paiter Suruí, a qual não tem palavra correspondente na Língua Portuguesa.

**Figura 31.** Batata-doce



Fonte: <https://www.remedio-caseiro.com>. Acessado em 30/08/16

Apresentou-se a imagem acima para os indígenas surdos com o objetivo de que sinalizassem batata-doce. Seguem os sinais produzidos pelos surdos:



Potira



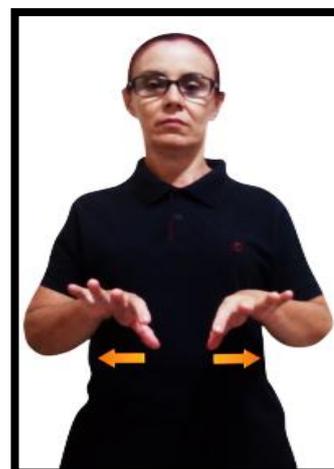
Majui



Mairarê



Abaeté



Piatã

Nas sinalizações realizadas para batata-doce pode-se identificar o ícone referente à forma da batata presente em todos os sinais produzidos. O que difere de um sinal para o outro é a forma da mão, o tamanho da batata, e há aqueles que apresentam movimento para a forma. Potira, Piatã e Majui referem-se a batata-doce sinalizando a sua forma, mas Majui acrescenta um movimento ao sinal. Abaeté faz em sua sinalização a forma da batata e a corta. Mairarê realiza em seu sinal a forma da batata, a ação de socar e de beber o alimento.

Nas produções de Mairarê para a categoria “alimento e bebidas”, vê-se que realizou os sinais referentes aos alimentos apresentados por meio de imagens, e no final de cada um deles sinalizou o ato de beber. No início, a pesquisadora achou um tanto estranho o fato de os alimentos sólidos serem tomados como líquidos, o que a instigou a buscar respostas. Todavia, Mindlin (1985) fala das receitas indígenas, lembrando que “i” é uma sopa de cará na qual pedaços do tubérculo são cozidos em água, e depois são batidos no pilão, postos para ferver em água. Acrescenta-se a “manoba”<sup>35</sup> e, após a realização de todo o processo, é peneirado várias vezes.

A autora ainda relata que “watinguira-si, watingoba-si, soasi-roba-si, iupena-si, gatára-si, garingá-si são sopas fermentadas de batatas, inhames variados, como batata-roxa, batata-doce etc.” (MINDLIN, p. 64). Com base nos fatos apresentados pela autora, infere-se que nos sinais realizados o ato de Mairarê “beber” os alimentos após cozinhar e socar é uma marca da cultura Povo Paiter Suruí presente na formação dos SPS.

---

<sup>35</sup> “Manoba” é o cará cozido e mastigado para fermentação (MINDLIN, 1985, p. 64).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa dissertação vincula-se ao campo dos Estudos Culturais, que compreende a cultura como campo de luta, em busca de significação social. E aos Estudos Surdos, que compreendem a surdez como uma construção histórica e social, entendendo a cultura surda como espaço no qual as identidades surdas são constituídas e reconhecendo que elas são efeito de pertencimento cultural do povo surdo.

Nesse contexto, percebe-se a cultura surda como uma experiência visual, característica peculiar dos surdos, pois é por meio dela que o surdo tem suas experiências de vida, sente e significa o mundo.

A língua de sinais é outro aspecto fundamental para a cultura surda, considerada como essencial à instrução e educação do sujeito surdo, sendo indispensável a ele, não podendo ser desprezada, pois é uma forma de comunicação captada pelas experiências visuais, característica identitária do povo surdo da maior importância.

Skliar (2013) concorda com o que foi dito, afirmando que a língua dos surdos é extremamente visual. Partindo desse pressuposto, foram observados e descritos os elementos da visão de mundo dos surdos Paiter Suruí, relacionados à cultura e à Língua Paiter Suruí.

Foi possível verificar que o surdo indígena Paiter Suruí cria os sinais utilizados por ele, o que está ligado ao exercício da visualidade, apropriando-se das significações produzidas pela cultura indígena, pois a cada abrir e fechar dos olhos as imagens vão se estruturando, construindo, firmando e representando o seu mundo.

Na atualidade há estudos que afirmam que a criação da língua de sinais ocorre por meio da imagem, com significados visuais que derivam do próprio surdo. Perlin (1998) diz que a cultura visual surge da experiência visual, e de acordo com a teoria cultural e dos Estudos Surdos, a língua de sinais se constrói e é absorvida pela visão aliada à cultura do sem som. Com as percepções visuais e as experiências visuais, os surdos carregam tudo o que foi vivenciado por meio da língua de sinais, compondo toda a sua história de vida.

Desenvolver e finalizar esta pesquisa foi prazeroso, mas também foi um desafio, pois o contato de perto com o Povo Paiter Suruí possibilitou muitas

reflexões acerca da cultura e permitiu visualizar as marcas culturais presentes na formação dos SPS.

As questões apresentadas neste estudo, centradas nos sinais indígenas, são pouco pesquisadas e pouco debatidas. Com o entendimento da necessidade da ampliação das discussões referentes a esse campo de pesquisa, buscou-se desenvolver estudo com os indígenas surdos pertencentes à etnia Paiter Suruí, com o intuito de verificar como ocorre a comunicação no âmbito familiar e quais são os sinais criados pelos surdos indígenas para viabilizar a comunicação, buscando identificar as marcas culturais da cultura local nos sinais produzidos e utilizados pelos surdos Paiter Suruí.

Compreender como ocorre a comunicação no âmbito familiar pode contribuir no sentido de trazer benefícios ao Povo Paiter Suruí, auxiliando as famílias a conhecerem os sinais, favorecendo e aproximando os surdos de suas famílias. Nesse sentido, constatou-se que as famílias Suruí se comunicam com seus filhos surdos predominantemente na Língua Paiter Suruí, que é uma língua oral-auditiva. Há relatos de algumas famílias que utilizam os “gestos” na comunicação quando observam que não houve o entendimento desejado entre eles e seus filhos. Alguns relatam que utilizam o apontamento e também o desenho como formas de comunicação.

Todos os pais relataram que a descoberta da surdez de seus filhos foi motivo de muita tristeza, a maioria das famílias descobriu a surdez após os 3 anos de idade, pois as crianças não falavam a Língua Paiter Suruí. As famílias não relacionam a surdez a fatores culturais como a realização dos casamentos entre os tios maternos e as sobrinhas, pois na visão cultural do Povo Paiter os mesmos não são parentes.

Campello diz que a “normalidade é compreendida na perspectiva daquilo que é socialmente esperado dos sujeitos, enquanto padrão de comportamento instituído de acordo com o pensamento hegemônico de uma época histórica” (CAMPELLO, 2008, p. 86). Nessa perspectiva, pode-se observar a tentativa de tornar os filhos “normais” perante a sociedade, fator que é observado quando as famílias usam a língua oral auditiva para se comunicar com seus filhos surdos. Para o que se chama de normalidade, os filhos não se enquadram exatamente no padrão proposto pela sociedade em que estão inseridos.

A dor e a tristeza da descoberta da surdez dos filhos, conforme Strobel (2008), se dão quando as famílias ouvintes recebem o diagnóstico de surdez de seus filhos, pois as mesmas entram numa espécie de luto, se culpam por serem geradores de filhos “deficientes” e desejam torná-los “normais”. Os surdos que nascem numa família ouvinte, de acordo com a autora, enfrentam dificuldades com a falta de diálogo, orientação, faltaram a eles informações do que vem a ser a cultura surda, sendo assim, os surdos indígenas ficam excluído das conversas em família.

No relato da família Mairarê, no que se refere à culpa pelo nascimento de filhos surdos, conforme citado por Strobel, podemos observar essa ocorrência quando o pai deixa claro que a mãe é a culpada pelo nascimento da filha surda, quando frisa: *“por ser a primeira filha, a minha esposa era nova e não sabia fazer o parto”*.

No que se refere à comunicação, a autora afirma haver uma espécie de luto por parte dos pais quando descobrem a surdez de seus filhos. Nas entrevistas, efetivamente se pôde observar a existência desse luto, diante do fato de os pais sentirem uma enorme tristeza por seus filhos serem surdos, mesmo tendo descoberto a surdez há anos. Esse luto reflete também na negação da utilização dos sinais, pois houve um caso em que a mãe se nega a usar sinais no cotidiano.

Podemos também identificar a não aceitação da surdez dos filhos quando os pais afirmam que sentem medo do preconceito em relação a seus filhos dentro da aldeia e também dentro de casa, fato esse alegado para a não utilização dos sinais no cotidiano familiar. Vale ressaltar que, embora os surdos indígenas tenham sinais próprios para se comunicar, a maioria dos sinais apresenta variação linguística. Infere-se que esses sinais são criados no ambiente familiar, mesmo as famílias não se posicionando favoravelmente à utilização desses em seu cotidiano.

Foi possível verificar que os surdos indígenas têm sinais próprios para a comunicação. Na observação desses sinais, constatou-se que são resultado da visualidade, ou seja, constituídos a partir das experiências visuais que os indígenas surdos têm, e em muitos desses sinais é possível verificar marcas da cultura do Povo Paiter Suruí.

Outro fato importante é que, em decorrência do ensino da Libras que vem ocorrendo na aldeia uma vez por semana, os indígenas surdos demonstraram, inúmeras vezes, em suas sinalizações, que estão confusos, pois em muitos sinais

realizaram uma mistura de parte dos sinais por eles criados e parte dos sinais da Libras.

Nesse contexto, percebe-se nitidamente a influência da Libras, pois ao apresentar os sinais para a bacia semântica família, e alguns animais, observou-se que Potira utiliza todos os sinais da Libras. Vale a pena ressaltar que há a necessidade de realizar um trabalho junto aos indígenas para que eles possam entender que há a variação linguística, para que haja a preservação dos sinais por eles construídos, os quais refletem as marcas culturais do Povo Paiter, de modo que não vejam as suas construções como algo errado, inadequado e sucessivamente haja o abandono e esquecimento desses sinais que são carregados de cultura. Que não haja o abandono desses sinais, mas sim o aprimoramento dos SPS.

Os surdos indígenas vivem em um ambiente em que há a utilização de diferentes línguas: o Paiter Suruí, a Língua Portuguesa, a Libras e os sinais por eles produzidos. Por isso, há a necessidade de conhecerem os sinais da Libras, legalmente reconhecida como língua dos surdos brasileiros, para que os mesmos possam ter acesso a informações dos não indígenas, receber instruções acadêmicas e assim serem de fato incluídos na sociedade.

O desconhecimento da cultura surda e do real significado de ser surdo gera na maioria das pessoas o engano de que o surdo não dispõe de comunicação. Ser surdo vai além do que muitos podem imaginar, está muito além da concepção de não ouvir e de não se comunicar. Ser surdo é olhar o mundo de forma totalmente diferente, além da visão do ouvinte. Hall (2014) diz que, os membros de uma cultura usam a língua para produzir significado. A língua de sinais é parte essencial da cultura surda, produzida pela visualidade.

Durante as entrevistas pôde-se perceber na fala dos pais que eles têm dificuldade em aceitar a surdez; a pesquisadora insistiu na utilização do termo “surdo” e ficou evidente a recusa deles em pronunciar a palavra. Os pais adotam termos e expressões tangenciais para se referir à surdez dos filhos, tais como: “defeito”, “isso daí”, “mudo”, “não ouve” e “problema”. No relato, uma das mães (a da família Potira) afirma que “*minha filha não é muda, não é surda*”.

O fato reforça a fala das mães, pois a maioria delas declara não fazer uso de sinais, apenas uma das participantes afirmou usar sinais com seu filho no cotidiano familiar. A mãe de família Potira disse que não usa os sinais por medo de a filha sofrer preconceitos; percebe-se, assim, a superproteção dos pais em relação

aos filhos. Cabe desenvolver junto as famílias, estudos da cultura surda, para as mesmas possam olhar de maneira a aceitar a surdez dos filhos.

Pode-se observar que em todas as famílias a comunicação ocorre prioritariamente pela língua oral auditiva do Povo Paiter Suruí, em alguns casos usa-se a Língua Portuguesa falada, apenas três famílias admitem usar “gestos” na comunicação com seus filhos. Uma delas, a família Majui Piatã, informou usar o desenho também como forma de comunicação.

Durante o processo de observação, embora a família Majui Piatã não tenha admitido usar sinais, foi possível presenciar momentos em que a mãe disfarçadamente usou sinais com seus filhos. Essa atitude reforça mais uma vez que a cultura indígena não aceita a surdez como uma diferença sensorial, vendo-a como uma limitação, um defeito, conforme afirmado por um dos pais participantes.

O homem, um ser histórico-cultural, constitui-se na sua relação com o meio, sua transformação está intimamente ligada ao meio social em que vive, assim o homem é transformado nas relações sociais produzidas por uma cultura, assim, o conceito e a aceitação da surdez são produzidos a partir da concepção da cultura em que se está inserido, então, pelas observações realizadas afirma-se que o Povo Paiter Suruí vê a surdez como uma deficiência e não como diferença cultural e linguística.

Pelo fato de três dos seis pais participantes serem professores da rede estadual de ensino e terem concluído uma graduação, deduz-se que são pessoas com conhecimentos sobre as deficiências, mas, mesmo assim, observa-se uma grande resistência com relação à aceitação da surdez. Acredita-se que esse fato se deve ao fato de a comunidade não ter conhecimento e nem aceitação sobre as deficiências, além de questões culturais próprias dos indígenas.

A comunicação das famílias com seus filhos, pelo observado e pelos relatos ouvidos, é considerada inadequada. Os pais se sentem tristes e bem distantes dos filhos, como relatado por um deles; sentem que são incapazes de conversar e de entender e de se fazer entender por seus filhos.

Para que haja uma comunicação eficaz, primeiro, é necessário que os pais aceitem e entendam que os surdos têm uma cultura visual e que a língua de sinais é aspecto fundamental dessa cultura. Mesmo quando se trata de surdos que não conhecem a língua de sinais brasileira, a Libras, eles criam os seus sinais para se comunicarem. Observa-se que os surdos Paiter Suruí vêm criando esses sinais

para tornar a comunicação possível e eficaz, conforme constatado na fala dos pais, pois os mesmos se referem aos SPS nomeando-os como “gestos”. Com base nas informações produzidas, fica evidente que os pais desejam certa “normalidade” para seus filhos, pois o que predomina é a língua oral auditiva (o Paiter).

A língua de sinais é decisiva na comunicação dos surdos, a qual lhes possibilita entendimento sobre a realidade que os cerca, facultando a construção de sua identidade. A língua de sinais possibilita ao surdo no ambiente familiar a interação, o entendimento, a orientação, pois cabe à família o papel de cuidar, promover a saúde e o bem-estar e proteger, mas para que esses cuidados aconteçam é necessária uma língua em comum.

Observou-se nas entrevistas com as famílias que os surdos indígenas, pela necessidade de uma comunicação imediata, utilizam recursos de apontamento e a utilização de sinais icônicos, os quais deixam transparecer a representatividade da forma ou ação.

Por meio das entrevistas foi possível verificar que as famílias não conseguem estabelecer uma comunicação produtiva, com detalhes, e tampouco falar de assuntos abstratos. As famílias Paiter não aceitam a surdez como uma diferença sensorial, portanto, sentem dificuldade em aceitar e utilizar “os gestos” como se referem aos SPS, ficando, assim, o relacionamento familiar a cada dia mais comprometido, devido à falta de comunicação.

Foi revelado, nas entrevistas, que a comunicação oralista predomina nos contextos familiares, sendo que a interação do surdo versus família ocorre por meio da comunicação oral auditiva (o Paiter Suruí), sendo essa uma forma de comunicação ineficiente, como revelado pelas famílias Potira e Majui Piatã. As famílias revelaram que adotam formas de interação e comunicação, para tanto tentam usar “gestos”, ou seja, os SPS, a apontação e desenhos quando percebem que os filhos não os entendem.

Vale ressaltar que os surdos indígenas vivem em um ambiente bilíngue, muitas vezes as famílias não conseguem uma comunicação adequada, pois não dominam uma língua de sinais, o que prejudica o desenvolvimento da comunicação que objetiva o relacionamento familiar.

Fica evidente que a língua de sinais proporciona aos surdos a comunicação com as pessoas com as quais convivem, permitindo a eles expressar suas ideias e participar ativamente na sociedade em que vivem, pois, a língua atua

na organização do pensamento, sendo ela o principal aspecto para a constituição de sua identidade, sendo que o surdo ficará à mercê da sociedade se não tiver acesso a uma língua que possibilite a sua comunicação.

Fica evidente a necessidade de discutir esse assunto com as famílias que têm filhos surdos, buscando a conscientização e valorização dos sinais criados pelos surdos indígenas, sinais esses que são carregados de significados culturais e que não podem se perder, mas incentivar a preservação e criação de novos sinais.

## REFERÊNCIAS

AQUAVERDE, **História do Povo Suruí**. Disponível: <<http://www.aquaverde.org/le-people-surui-2/surui-historia/?lang=pt-br>>. Acesso em 15/07/2016.

ÁVILA SANTOS, Carlos Alberto. **Alegoria, iconografia e iconologia: diferentes usos e significados dos termos na história da arte**. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/download/4903/3644>  
Acesso em: 20/07/17

BAUMAN, Zygmunt, **A cultura no mundo líquido moderno**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

BIEMBENGUT, Maria Salett. **Mapeamento na Pesquisa Educacional**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2008.

BHABHA, Homi k. **O local da cultura**. 2ª ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BRASIL. Decreto Lei nº 1.164 de abril de 1971. Revogado pelo Decreto 2.375, de 24 de novembro de 1987. **Dispõe sobre as terras públicas e dá outras providências**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/Del1164.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del1164.htm) acesso em: 14/07/2016.

\_\_\_\_\_. 2002, **Lei de Libras** - Lei 10436/02 | Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Disponível em: <http://www.ufjf.br/acessibilidade/files/2009/08/Lei-n%C2%BA10436.pdf> . Acesso em 12/02/17.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Dissertação de Doutorado. UFSC. Florianópolis. 2008.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da modernidade**. 4ª ed. 5ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CARVALHO, Paulo Vaz de. **Breve história dos surdos no mundo**. Surd Universo; 2007.

COELHO. Luciana Lopes. **A constituição do sujeito surdo na cultura Guarani Kaiowá: os processos próprios de interação e comunicação na família e na escola** – Dourados-MS, UFGD. 2011. Dissertação de mestrado.

COSTA, Marisa Vorraber, SILVEIRA, Rosa Hessel, SOMMER, Luis Henrique. **Estudos Culturais, educação e pedagogia**. Revista Brasileira de educação. Mai./jun./jul./ago., 2003, nº 23.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Coleção Memórias do Mundo. 1ª ed. Impressão e acabamento: Rolo & Filhos Artes Gráficas, Ltda. 2003. Disponível em: <http://www.pet.eco.ufrj.br/images/PDF/terry-eagleton.pdf>. Acesso em: 20/10/2016.

FELIPE, Tanya A. **Libras em Contexto: Curso Básico**: Livro do Professor. 5ª. Ed.- Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica e Editora, 2005.

FILHO, Genivaldo Oliveira Santos; OLIVEIRA, Rozilda Ramos dos Santos. **Educação dos Surdos: os desafios na comunicação entre surdo e a família**. São Paulo, 14 jan. 2010. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/educaçao-dos-surdos-os-desafios-nacomunicação-entre-os-surdos-e-a-família/31113/>. Acesso em: 08/07/2017.

FUNAI (Coordenadoria de Cacoal), NCPD – Núcleo de Coordenação e Promoção da Cidadania – NPDS – Núcleo de Promoção dos Direitos Sociais. (2015).

FUNASA: **Relatório de Gestão 2010**. Disponível em: [http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/10/relatorio\\_2010.pdf](http://www.funasa.gov.br/site/wp-content/uploads/2011/10/relatorio_2010.pdf). Acesso em: 20/07/2016.

FURTADO, R.S.S. **Surdez e a relação pais-filho na primeira infância**. Canoas, RS: ULBRA, 2008.

GESUELI. ZILDA MARIA, **Lingua(gem) e identidade: a surdez em questão**. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 94, p. 277-292, jan./abr. 2006 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n94/a14v27n94.pdf> . Acesso em 25/08/2016.

GIROLETTI, Marisa Fátima Padilha. **Cultura surda e educação escolar Kaingang**. 2008. 218 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp066007.pdf>. Acesso em 13/02/17.

GOMES, Anie Pereira Goularte. **A invenção da cultura surda e seu imperativo no plano conceitual**. In: Cultura Surda na contemporaneidade negociações, intercorrência e provocações. Organizado por Lodenir Becker Karnopp, Madalena Klein, Márcia Lise Lunardi-Lazzarin. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

GOMES, João Carlos. **Construindo caminhos educativos para interpretação do ambiente pantaneiro**. Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2008

GONÇALVES, Cássia Denise. **A análise iconográfica da fotografia para fins documentários**, disponível em <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/iiienancib/paper/viewFile/1332/540>. Acessado em 20/07/17.

GUARNIERI. Ivanor Luiz. **A bacia semântica de Vilhena**. (2014). Disponível em: <http://rondoniaempauta.com.br/nl/coluna/noticias/artigo/artigo-a-bacia-semantica-de-vilhena/>. Acessado em: 25/05/16.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Ed. 12º. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2014.

IBGE. **Características Gerais dos Indígenas: Resultados do Universo (2010)**. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_gerais\\_indigenas/default\\_caracteristicas\\_gerais\\_indigenas.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_gerais_indigenas/default_caracteristicas_gerais_indigenas.shtm). Acesso em: 13/07/2016.

KARNOPP, Lodenir Becker e et. al. **Produção, circulação e consume da cultura surda brasileira**. In: Cultura Surda na contemporaneidade negociações, intercorrência e provocações. Organizado por Lodenir Becker Karnopp, Madalena Klein, Márcia Lise Lunardi-Lazzarin. Canoas: Ed. ULBRA, 2011.

KLEIN, Carin e DAMICO, José. **O Uso da etnografia pós-moderna para investigação de políticas públicas de inclusão social**. In Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação – Belo Horizonte: Editora Mazza Edições, 2012.

LABORIT, Emanuelle. **O voo da gaivota**. São Paulo: Best Seller, 1994. Disponível em <http://www.ufsj.edu.br/incluir/surdez - libras.php>. Acessado em 04/05/17.

LARAIA. Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.

LEITE, Kécio Gonçalves. **NÓS MESMOS E OS OUTROS: etnomatemática e interculturalidade na escola indígena Paiter. Tese de doutorado do Programa de Graduação em Educação em Ciências e Matemática, da Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática**. Cuiabá, 2.014. Disponível em: [http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/41cadca38a3966fc32d26eda1\\_198a69c.pdf](http://www.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/41cadca38a3966fc32d26eda1_198a69c.pdf). Acesso em 30/07/16.

LIMA, Juliana Maria da Silva. **A criança indígena surda na cultura Guarani Kaiowá: um estudo sobre as formas de comunicação e inclusão na família e na escola**. UFD. Dissertação de mestrado. Dourados – MS. 2013.

LIMA, Miriã Gil de.; RIBAS, Rosiane de Souza Eler. **A inclusão do surdo e a importância da Libras: uma discussão necessária**. In: Linguagens, Identidades e Pluralidade Cultural. Org.: AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do Amaral; COTINGUIBA, Marília Lima Pimentel; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. 1ª ed. Curitiba, Editora CRV, 2015.

LIMA BARRETO, Evanice Ramos. **Etnolinguística: pressupostos e tarefas**. P@rtes. (São Paulo). Junho de 2010. ISSN 1678-8419. Disponível em: <[www.partes.com.br/cultura/etnolinguistica.asp](http://www.partes.com.br/cultura/etnolinguistica.asp)>. Acessado em 17/08/16.

LULKIN, Sérgio André. **O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada**. IN: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2013.

MAGALHÃES, Fábio Gonçalves de Lima. **O Papel do Intérprete de Libras na Sala de Aula Inclusiva**. Revista Brasileira de Educação e Cultura. Centro de Ensino Superior de São Gotardo Número VII. 2013. Disponível em:

periodicos.cesg.edu.br/index.php/educacaoecultura/article/download/108/147.  
Acesso em 12/07/17

MARETRO, Luis Carlos. Ritual Mapimá – **A festa de criação do mundo dos Paiter Suruí** in Revista Ateliê Geográfico Luis Carlos Maretro, Almir Narayamoga Suruí & Adnilson de Almeida Silva - Goiânia-GO, v. 9, n. 1, p.163-182, abr./2015.  
Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/31665> . Acessado em 04/08/17.

MARTINS, Mirian Celeste. **Pensar juntos mediação cultural: [entre]laçando experiências e conceitos**. São Paulo: Terracota Editora, 2014. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=8BTLDgAAQBAJ&pg=PT134&lpg=PT134&dq=o+que+%C3%A9+uma+denomina%C3%A7%C3%A3o+intercultural&source=bl&ots=uevweBCKWk&sig=qUaujGGUhaJ85etbn5sgRyMmnl4&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjB4\\_qW07TWAhVBf5AKHRMSCFgQ6AEILjAC#v=onepage&q=o%20que%20%C3%A9%20uma%20denomina%C3%A7%C3%A3o%20intercultural&f=false](https://books.google.com.br/books?id=8BTLDgAAQBAJ&pg=PT134&lpg=PT134&dq=o+que+%C3%A9+uma+denomina%C3%A7%C3%A3o+intercultural&source=bl&ots=uevweBCKWk&sig=qUaujGGUhaJ85etbn5sgRyMmnl4&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjB4_qW07TWAhVBf5AKHRMSCFgQ6AEILjAC#v=onepage&q=o%20que%20%C3%A9%20uma%20denomina%C3%A7%C3%A3o%20intercultural&f=false). Acesso em 01/09/17.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.). **Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação** – Belo Horizonte: Editora Mazza Edições, 2012.

MINDLIN, Betty. **NÓS PAITER: Os Suruí de Rondônia**. Rio de Janeiro: Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Vozes da Origem: estórias sem escrita** – narrativas dos índios Suruí de Rondônia. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. **Vozes da Origem**. Betty Mindlin e Narradores Suruí Paiter. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MONTE, N.L. **Política Pública e Educação Escolar Indígena no Brasil**. Representante das Organizações Não Governamentais no Comitê de Educação Escolar Indígena do MEC e membro da CPI-Acre. Disponível em: <http://www.google.com.br/search?hl=ptBR&q=Políticas+Publicas+na+formacao+de+educa%C3%A7%C3%A3o+indigenas&meta=>. Acesso em: 15/06/17.

NEGRELLI, Maria Elizabeth Dumont; MARCON, Sonia Silva. **Família e Criança Surda**. Revista Ciência, Cuidado e Saúde, Maringá, v.5, n.1, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ciencCuidadSaude/article/view/5146>. Acesso em: 8/07/2017

PACIEVITCH, Thais. **História de Rondônia**. (s/d). Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/historia-de-rondonia/>. Acesso em: 30/07/16.

PERLIN, Gladis, MIRANDA, Wilson. **Surdos: O Narrar e a Política**. In: Estudos Surdos – Ponto de Vista: Revista de Educação e Processos Inclusivos n.5, UFSC/NUP/CED, Florianópolis, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282/4249>. Acesso em: 16/11/16.

\_\_\_\_\_. Gladis T. T. **O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade**. Porto Alegre: UFRGS: Tese de Doutorado, 2003.

\_\_\_\_\_. Gladis. **Histórias de vida surda**: Identidades em questão. Publicado em 1998. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre disponível em [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/historias de vida surda identidades em questao.pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/historias%20de%20vida%20surda%20identidades%20em%20questao.pdf) acessado em 20/08/16.

PIMENTA, Nelson; Quadros, Ronice Muller de. **CURSO DE LIBRAS 1** – Rio de Janeiro: Editora LSB Vídeo, 2006.

PUCCI, Magda Dourado. **A arte oral Paiter Suruí de Rondônia** – dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia – PUC – SP, 2009. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp099001.pdf>. Acesso em: 02/08/16.

QUADROS, R.M. de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

\_\_\_\_\_. Ronice Müller de. **Ideias para ensinar português para alunos surdos** / Ronice Muller Quadros, Magali L.P. Schmiedt. Brasília: MEC, SEESP, 2006

RAMOS, Célia R. **Libras: A Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros**. Editora arara Azul. Petrópolis - RJ. Disponível em <http://www.editora-arara-azul.com.br/pdf/artigo2.pdf>. Acesso em: 13/02/17.

REYLE, L.H. **As imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos**. In: I.R. Silva; S. Kauchakje & Z.M. Gesueli (orgs.), Cidadania, Surdez e Linguagem: desafios e realidades. Cap. IX (pp.161-192). São Paulo: Plexus Editora, 2003.

RONDONIAINFOCO - **Projetos criados em Cacoal vencem concurso nacional de práticas indígenas**. Disponível em <http://rondoniainfoco.com.br/contentView.php?cat=2&con=20616>. Acesso em 29/06/17.

ROSA, Emiliana Faria. **Olhares sobre si: a busca pelo fortalecimento das identidades surdas**. Dissertação de Mestrado em Educação. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp091224.pdf>. Acesso em: 16/11/16.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_. Nídia R. Limeira de. **Os Estudos Surdos**. [s/d]. Disponível em: [www.eusurdo.ufba.br/arquivos/estudos\\_surdos\\_feneis.doc](http://www.eusurdo.ufba.br/arquivos/estudos_surdos_feneis.doc). Acessado em 10/07/17.

SACKS. Oliver W. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos** – 4ª reimpressão - São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2010.

SALES, Shirlei Rezende. **Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisa em educação**. In.: Metodologias de Pesquisas Pós-Críticas em Educação – Belo Horizonte: Editora Mazza Edições, 2012.

SANTOS, Luciane Idêne dos. **A leitura de imagens visuais como recurso pedagógico no ensino da arte: uma experiência com alunos do ensino fundamental**. Criciúma SC, UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE-UNESC - curso de pós-graduação especialização em ensino da arte. 2006.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**; uma introdução às teorias do currículo, 3. ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SIMON-MEXIAS, Maria Lucia. **Linguagem e Cultura**. Disponível em: [http://www.uss.br/pages/revistas/revistamosaico/V3N12012/pdf/002\\_linguagem\\_e\\_cultura.pdf](http://www.uss.br/pages/revistas/revistamosaico/V3N12012/pdf/002_linguagem_e_cultura.pdf). Acessado em 31/03/2017.

SKLIAR, C. A localização política da educação bilíngue para surdos. In: SKLIAR, C. (org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999.

\_\_\_\_\_. Carlos (org.) **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SOCIOAMBIENTAL.ORG. **Povos Indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/surui-paiter/844> > . Acesso em: 14/07/2016.

SOUZA, Vanuza Aparecida de. SOUZA, Vilma Aparecida de. **As contribuições dos Estudos Culturais nos Estudos Surdos e as implicações para se repensar a educação das pessoas surdas**. (s/d). Disponível em [www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.br/VSeminar/.../290\\_2\\_2.pdf](http://www.cepae.faced.ufu.br/sites/cepae.faced.ufu.br/VSeminar/.../290_2_2.pdf). Acesso em 10/07/17

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 1ª ed. Florianópolis: UFSC. 2008.

SUMAIO, Priscilla Alyne. **Sinalizando com os Terenas: um estudo do uso da Libras e de sinais nativos por indígenas surdos**. UNESP. Dissertação de mestrado. Araraquara – SP. 2014.

SURUÍ, Adriano Pawah. **Saberes matemáticos do Povo Paiter Suruí**. TCC apresentado ao Departamento de Educação Intercultural da UNIR como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Educação Básica Intercultural, na Área

de Concentração em Ciências da Natureza e Matemática Intercultural, Ji-Paraná. (2015)

SURUÍ, Chicoepab. **Reflorestamento da terra indígena sete de setembro**: uma mudança da percepção e da conduta do povo Paiter Suruí de Rondônia. 2013. 63 f., il. Dissertação (Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável) — Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/14338>. Acesso em: 01/08/16.

SURUÍ. Gasodá. **O Diário de um Paiter Gãmeb**. "A cultura é um instrumento de relações sociais e a forma pela qual os homens atuam em sociedade."(2016) Disponível em: <http://gasodasurui.blogspot.com.br/2016/01/cotidiano-das-criancas-da-etnia-paiter.html>. Acesso em 07/07/17

SURUÍ, Joaton. **Metar et ah: uma proposta de educação escolar indígena diferenciada para o povo Suruí Paiter de Rondônia**: Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado a Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ji-Paraná/RO, Departamento de Educação Intercultural. (2015)

\_\_\_\_\_. **Prêmio Professores do Brasil – 2008**. Disponível em: [http://webeduc.mec.gov.br/portaldoprofessor/premio/arquivos\\_unicos\\_2008/joaton\\_surui\\_seriesfinais.pdf](http://webeduc.mec.gov.br/portaldoprofessor/premio/arquivos_unicos_2008/joaton_surui_seriesfinais.pdf)>. Acesso em: 13/07/16.

\_\_\_\_\_. Naraykopega. **Um olhar para a história e as lutas do Povo Paiter Suruí de Rondônia**. Disponível em: [http://www.partes.com.br/2015/07/06/um-olhar-para-a-historia-e-as-lutas-do-povo-paiter-surui-de-rondonia/#.V4\\_S1tKAOko](http://www.partes.com.br/2015/07/06/um-olhar-para-a-historia-e-as-lutas-do-povo-paiter-surui-de-rondonia/#.V4_S1tKAOko). Acesso em 12/07/2016.

\_\_\_\_\_. **PROJETO DE CARBONO FLORESTAL SURUÍ**. Projeto de Carbono Florestal Suruí Associação Metareilá do Povo Indígena Suruí Almir Narayamoga Suruí – Coordenador Geral Associação Metareilá (2012). Disponível em: [http://www.idesam.org.br/wp-content/uploads/2012/08/PCFS\\_DCP\\_PT\\_V1.2.pdf](http://www.idesam.org.br/wp-content/uploads/2012/08/PCFS_DCP_PT_V1.2.pdf). Acesso em 29/06/17

VALLADARES, Licia. **Os dez mandamentos da observação participante**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 22, nº 63. São Paulo, 2007. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092007000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092007000100012). Acessado em 05/07/17.

VELOSO, Éden; MAIA Valdeci. **Aprenda Libras com eficiência e rapidez**. Curitiba: Editora Mãos e Sinais, 2013.

VESTIBULAR1. **Estado de Rondônia**. Disponível em: <http://www.vestibular1.com.br/revisoes/geografia/estados/rondonia.htm>. Acesso em: 02/08/16.

VIDAL. Jean-Jacques Armand. **A Cerâmica do povo Paiter Suruí de Rondônia: continuidade e mudança cultural, 1970-2010**. Pré-requisito do programa de pós-graduação em Artes – UNESP – SP – 2011. Disponível em:

[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86970/vidal\\_jja\\_me\\_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86970/vidal_jja_me_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acessado em 16/11/2016.

VILHALVA, Shirley. **Índios surdos: mapeamento das Línguas de sinais do Mato Grosso do Sul**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2012

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WOODWARD, K. A identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathyn Woodward. 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

### A) Caracterização da família participante

Entrevistado n.º \_\_\_\_\_

- 1) Nome completo? \_\_\_\_\_
- 2) Clã pertencente? \_\_\_\_\_
- 3) Sua idade? \_\_\_\_\_ Idade da esposa: \_\_\_\_\_
- 4) Quantas pessoas moram com você? \_\_\_\_\_
- 5) Quantos filhos você tem? \_\_\_\_\_
- 6) Quantos filhos surdos você tem? \_\_\_\_ (M) \_\_ (F) Idade: \_\_\_\_ (M) \_\_\_\_ (F)
- 7) Onde você nasceu? \_\_\_\_\_
- 8) Trabalha com o que (tipo de renda)? \_\_\_\_\_
- 9) Renda familiar? \_\_\_\_\_
- 10) Recebe algum benefício do Governo? \_\_\_\_\_

### B) Concepção de surdez e relacionamento familiar

- 1) Como você se comunica com seu filho?
- 2) Como ele (a) se comunica com os irmãos, com pai/mãe?
- 3) O que ele/ela gosta de fazer em casa?
- 4) Vai à escola? Em que ano ele (a) está matriculado?
- 5) Seu (a) filho (a) contribui com o trabalho em casa ou em outro lugar?
- 6) Você percebe que seu (a) filho (a) tem dificuldades em casa? Na escola?  
Qual tipo de dificuldade?
- 7) Ele/Ela participa das atividades em família? Quais?
- 8) O que você deseja (expectativa profissional) para seu (a) filho (a)?
- 9) O que surdez para você?
- 10) Você acha que ele/ela nasceu surdo (a) ou ficou? Quando você percebeu que era surdo (a)?
- 11) Você tem outra pessoa surda em sua família? Quem?

**APÊNDICE B: TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO**

Eu, Joaton Suruí, portado do CPF n.º....., e RG..... residente e domiciliado na Linha 14, aldeia Gapgir, no município de Cacoal/RO, presidente da Associação..... com CNPJ.....localizada ..... , autorizo a realização da pesquisa intitulada **MAPEANDO OS SINAIS DA COMUNIDADE SURDA DO POVO PAITER SURUÍ NO CONTEXTO FAMILIAR**, a qual será realizada na aldeia Gapgir, linha 14 no município de Cacoal – Rondônia, tendo como condutora e responsável a pesquisadora-----, CPF -----

Declaro que fui informado pelo responsável da pesquisa sobre as características e objetivos da mesma, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

A pesquisadora está ciente de suas responsabilidades como condutora da presente pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos recrutados, assegurando privacidade de modo a proteger suas imagens. A mesma garante que não utilizará as informações coletadas em prejuízo dessas pessoas e/ou instituição, respeitando desse modo as Diretrizes Éticas da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, conforme termos estabelecidos na Resolução CNS nº 466/2012, obedecendo às disposições legais estabelecidas na Constituição Federal Brasileira, artigo 5º, incisos X e XIV e no código Civil artigo 20.

Cacoal, 13 de outubro de 2.016.

---

Assinatura e carimbo do responsável institucional

## APÊNDICE C: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado senhor \_\_\_\_\_, O senhor está sendo convidado a participar de uma pesquisa de mestrado intitulada “Mapeamento dos Sinais Paiter Suruí no contexto familiar” a ser realizada nos anos de 2015 a 2017, sob a orientação do Professor Dr. João Carlos Gomes. Para a realização desta pesquisa serão coletados dados por meio de questionários, entrevistas, observações na sua comunidade e no contexto familiar, tendo como objetivo identificar e descrever as formas de comunicação no contexto familiar do indígena Paiter Suruí surdo, verificando se há sinais caseiros utilizados na comunicação entre os mesmos, na Aldeia Gapgir do Povo Paiter Suruí na Linha 14, Terra Indígena Sete de Setembro, no município de Cacoal, Estado de Rondônia. Serão previamente marcados a data e o horário para realização das entrevistas e observações. Não é obrigatório responder a todas as perguntas e se submeter a todas as observações.

O seu nome, da sua família serão preservados, sendo adotado códigos quando necessário nomear o senhor, sua família, e/ou seu(a) filho(a), no relatório da pesquisa. A realização deste estudo poderá trazer como benefício, pois trará benefícios ao Povo Paiter, auxiliando as famílias no conhecimento dos Sinais Paiter Suruí o que favorecerá os surdos e suas famílias.

A pessoa que realizará as entrevistas e as observações será a pesquisadora Miriã Gil de Lima Costa, professora do Departamento de Administração do câmpus Professor Francisco Gonçalves Filho da Universidade Federal de Rondônia, e mestranda em Letras pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

O senhor poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de constrangimento. Solicitamos sua autorização para o uso dos dados coletados na pesquisa para produção de uma dissertação de mestrado, bem como para a produção de artigos técnicos e científicos.

Agradecemos por sua participação e colaboração.

**Nome do pesquisador:** Miriã Gil de Lima Costa.

**Telefone para contato:** (69) 99219-8585

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

### TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto, e que será garantido o sigilo quanto ao meu nome e aos meus dados pessoais e de minha família. Eu compreendo que neste estudo serão realizadas observações com minha família, meus filhos e na comunidade, bem como serão realizadas entrevistas sobre assuntos como: surdez conceitos e concepções, relacionamento familiar e as perspectivas familiar em relação ao meu filho (minha filha) surdo(a), sendo que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_ Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

## APÊNDICE D: TERMO DE ASSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_,  
 nacionalidade \_\_\_\_\_, data de nascimento: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_, idade: \_\_\_\_\_, estado civil: \_\_\_\_\_ profissão: \_\_\_\_\_, endereço: Aldeia Indígena Gapgir do Povo Paiter Suruí na Linha 14, Terra Indígena Sete de Setembro, no município de Cacoal. RG: \_\_\_\_\_.

Estou sendo convidado a participar de um estudo denominado **MAPEAMENTO DOS SINAIS DA COMUNIDADE SURDA DO POVO PAITER SURUÍ NO CONTEXTO FAMILIAR**, cujos **objetivos** e **justificativas** são: “O presente estudo objetiva identificar e descrever as formas de comunicação do Surdo Paiter no contexto familiar do Povo Paiter Suruí, verificando se há sinais utilizados na comunicação entre os mesmos, na Aldeia Indígena Gapgir do Povo Paiter Suruí na Linha 14, Terra Indígena Sete de Setembro, no município de Cacoal, estado de Rondônia.” “Este estudo **justifica-se**, por ser de caráter inédito e de extrema relevância, pois irá verificar e registrar se há, e quais são os sinais criados e utilizados pelos surdos Paiter Suruí no contexto familiar, e como se desenvolve a comunicação entre os surdos e seus familiares. O mesmo trará benefícios ao Povo Paiter auxiliando as famílias no conhecimento desses sinais e favorecendo e aproximando os surdos de suas famílias.”

A sua participação no referido estudo será no sentido de realizar os sinais que viabilizem a comunicação entre você e sua família, para que sejam registrados e utilizados na referida pesquisa, a qual será desenvolvida dentro **metodologia** pós-crítica a qual não tem um método previamente definido. Para a realização desta pesquisa os dados serão produzidos por meio de observações na comunidade na Aldeia Indígena Gapgir, no contexto familiar, com realização de oficinas onde vocês os Surdos Paiter realizarão os sinais utilizados em sua comunicação no cotidiano familiar, haverá assim o registro desses sinais sendo utilizadas filmagens ou fotografias, que posteriormente serão analisados observando a influência da cultura na produção dos mesmos.

Estou ciente de que a sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, o (a) identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que pode haver recusa à participação no estudo, bem

como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, e de que, ao sair da pesquisa.

A pessoa que realizará as oficinas, observações e os registros dos sinais será a pesquisadora Miriã Gil de Lima Costa, acadêmica do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Acadêmico em Letras, pela Universidade Federal de Rondônia, e também professora da UNIR no campus de Cacoal. O projeto desenvolvido está sob a orientação do Professor Dr. João Carlos Gomes, professor da UNIR – campus de Ji-Paraná.

É assegurado ao meu representado durante toda a pesquisa o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre.

Agradecemos por sua participação e colaboração.

**Nome do pesquisador:** Miriã Gil de Lima Costa.

**Telefone para contato:** (69) 9 9219-8585

---

Assinatura do pesquisador

### TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao projeto, e que será garantido o sigilo quanto ao meu nome e aos meus dados pessoais. Eu compreendo que neste estudo serão realizadas observações comigo e com minha família, sendo que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso \_\_\_\_\_

Assinatura \_\_\_\_\_ Local: CACOAL/RO

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

## **ANEXOS**

**ANEXO A: MEUS PAIS EM VIAGEM DE MUDANÇA DO PARANÁ PARA RONDÔNIA (1975)**



Fonte: Arquivo Pessoal

**ANEXO B: BR 364 EM CACOAL 1990**



Fonte: Arquivo Pessoal

**ANEXO C: MUNICÍPIO DE CACOAL (RO) 1990**

Fonte: Arquivo Pessoal

**ANEXO D: PRÓXIMO AO MUNICÍPIO DE PIMENTA BUENO EM FEV/1975**

Fonte: Arquivo Pessoal

**ANEXO E: CAÇADA EM CACOAL 1977**



Fonte: Arquivo Pessoal

**ANEXO F: ACESSO AO MUNICÍPIO DE CACOAL 1975 – BR 364**



Fonte: Arquivo Pessoal

**ANEXO G: ATOLEIRO NA BR 364 NAS PROXIMIDADES DE VILHENA (1975)**



Fonte: Arquivo Pessoal

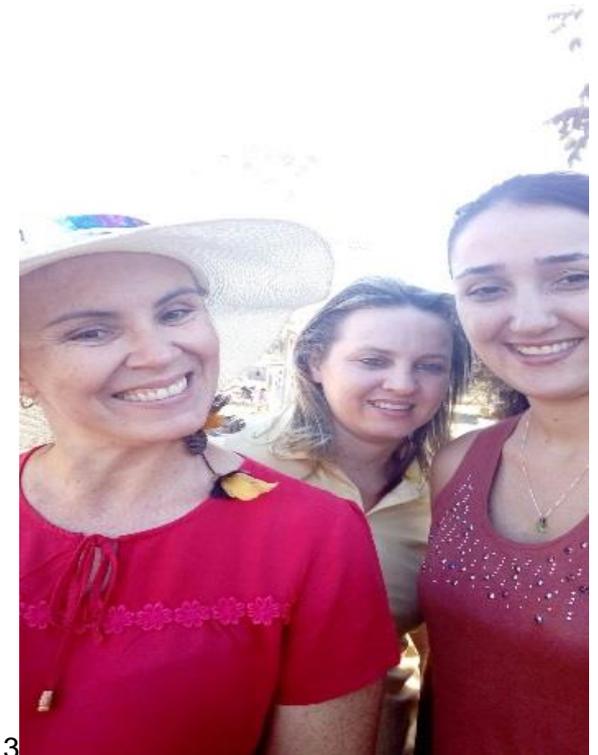
**ANEXO H: PAITER SURUÍ NO MUNICÍPIO DE CACOAL (1975)**



Fonte: Arquivo Pessoal

**ANEXO I: PESQUISADORAS NA ALDEIA GAPGIR**





3



